
0810001062

Unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
FACULDADE DE CIÊNCIAS

MIRIAN PACHECO SILVA

O DESENVOLVIMENTO DO "CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO" DE *SEXUALIDADE* ENTRE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BAURU

2002

Formação de professores
Educação sexual
Fenomenologia
Conhecimento pedagógico

T/UNESP
S 581 d

Número de chamada
Clas. T/UNESP
PHA S581d
Tombo n.º 1062

MIRIAN PACHECO SILVA

O DESENVOLVIMENTO DO "CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO" DE *SEXUALIDADE* ENTRE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência (Área de Concentração: Ensino de Ciências)

Orientador: Prof. Dr. *Washington Luiz Pacheco de Carvalho*

BAURU

2002

Ficha catalográfica elaborada por
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - Bauru

Silva, Mirian Pacheco
O desenvolvimento do "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo" de sexualidade entre professores do Ensino Fundamental / Mirian Pacheco Silva - - Bauru : [s.n.], 2002.
134 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Washington Luiz Pacheco de Carvalho.

1. Conhecimento pedagógico do conteúdo. 2. Educação sexual. 3. Fenomenologia. 4. Formação de professores. I – Título. II – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências..

MIRIAN PACHECO SILVA

O DESENVOLVIMENTO DO "CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO" DE *SEXUALIDADE* ENTRE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Julgada pela comissão examinadora em ___/___/___ Conceito _____

_____

Prof. Dr. Washington Luiz Pacheco de Carvalho
Docente – Universidade Estadual Paulista
Presidente e Orientador

_____

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Cunha
Docente – Universidade Federal de Uberlândia
2ª Examinador

_____

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica
Docente – Universidade Estadual Paulista
3º Examinador

Bauru, 26 de setembro de 2002

Para a pequena Bárbara,
Um dia você poderá entender que o seu prazer em chupar os dedinhos está relacionado as manifestações de sua sexualidade infantil.
(Minha sobrinha, 9 meses).

AGRADECIMENTO

A Deus pela presença constante em todos os momentos de minha vida.

À minha família pela colaboração e estímulo para que eu pudesse atingir mais este objetivo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Washington Luiz Pacheco de Carvalho, pelos ensinamentos, compreensão e incentivo dado durante a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Antonio Vicenti Marafioti Garnica e à Prof. Dr. Ana Maria de Oliveira Cunha, pelas sugestões valiosas no exame de qualificação.

As professoras Ana, Lia e Isa que permitiram a constituição dos dados. A colaboração de vocês foi essencial para a realização deste trabalho.

A FAPESP, que financiou a realização desta pesquisa.

Ao grupo de pesquisa de Ilha Solteira pelas sugestões dadas a este trabalho.

À professora Nora Ney, pela amizade e pelas diversas formas de colaboração.

À Zulind e sua família, pela amizade, pelo carinho e acolhida em seu reduto.

À Kátia, por compartilhar comigo as angústias e as alegrias da dissertação.

E a todos os amigos que conquistei ao longo do curso.

RESUMO

Nesta pesquisa, explora-se o pensamento de professoras sobre o trabalho de Educação Sexual desenvolvido em escolas da rede municipal de ensino, em Uberlândia. O objetivo é analisar como acontece o desenvolvimento do "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo" de Sexualidade utilizando-se dos recursos da fenomenologia. Os dados foram constituídos a partir de entrevistas realizadas com três professoras do Ensino Fundamental, que foram denominadas com nomes fictícios de Ana, Lia e Isa. A análise dos discursos das entrevistadas permitiu uma aproximação à compreensão do fenômeno interrogado: *desenvolvimento do "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo" de Sexualidade.* Foram realizadas dois tipos de análises: *ideográfica e nomotética.* No momento da análise *ideográfica* foram encontradas expressões sintéticas como: aprende-se com os erros; a professora é estrategista; o aluno interessa-se pelo tema; o conteúdo é tratado numa abordagem interdisciplinar. As expressões sintéticas possibilitaram o momento da análise *nomotética,* e assim, foram constituídas três categorias: Família, que aborda a questão da repressão, do constrangimento e dos valores; Escola, que apresenta uma discussão sobre os alunos, as dificuldades, o planejamento, o conteúdo, a formação contínua e a avaliação; e, finalmente, a categoria Sociedade, que discute modelo e implicações do ensino. Após os momentos de análise, foi realizado um diálogo entre a voz das professoras e as teorias e, finalmente, ficou evidenciado que o aprofundamento do conhecimento de conteúdo ocorre juntamente com o conhecimento pedagógico e, consequentemente, ocorre também o conhecimento de metodologias mais adequadas a determinados conteúdos. Portanto, isso significa que as professoras têm a oportunidade de desenvolver o "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"* a partir de sua própria vivência.

ABSTRACT

This research explores the experiences of three teachers about Sexual Education, and it was developed in the Uberlândia School District. The research aimed at analyzing how the development of the "pedagogical content knowledge" in the teaching of sexuality occurs. The phenomelogical approach was used as method of research. The data were constituted from interviews with three elementary school teachers, named here as Ana, Bia and Isa. The analysis of the discourses allowed us to get closer a comprehension of the phenomena that was focused: the development of the pedagogical content knowledge in the teaching of sexuality. As results of the analysis, a set of synthetic expressions was obtained: people learns from their own mistakes; the teacher must be a strategist; students demonstrate high interest for the theme sexuality; the content is explored through an interdisciplinary perspective. The kind of synthetic expressions permitted us to constitute three broad categories that encompass the whole analysis: Family, that covers issues like repression, embarrassment and values; School, that include issues related to students, difficulties, planning, content, teacher's continuing education and assessment; and finally the category Society, that takes in models and implications to the teaching. After those steps of analysis, a confrontation between the ideas presented by the three teachers and theories was promoted and, finally, it was emphasized that a deepen insertion in the content knowledge occurs simultaneously with the pedagogical knowledge and, consequently, the knowledge of appropriate methodologies for the teaching of specific contents also occurs. Thus, the teachers in case had the opportunity of developing their Pedagogical Content Knowledge along their own practice of teaching.

SUMÁRIO

VIVÊNCIA DA PESQUISADORA VERSUS TEORIAS: SURGIMENTO DA INTERROGAÇÃO DE PESQUISA 9

Adentrando o portão da escola: avanços e recuos da Sexualidade 11
Seguindo em frente: A educação sexual como conteúdo escolar 14

O CAMINHAR METODOLÓGICO 17

Os sujeitos e o campo da pesquisa 20
As entrevistas 22

OS DISCURSOS E OS MOMENTOS DE ANÁLISE 24

Significações do discurso da professora Ana 34
Significações do discurso da professora Lia 42
Significações do discurso da professora Isa 52
Convergências e divergências entre as significações evidenciadas pelas professoras: Ana, Lia e Isa 54

A VOZ DAS PROFESSORAS E A LITERATURA 61

OLHANDO OS HORIZONTES 68

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 71

ANEXOS 73

Anexo A - Carta de apresentação 73
Anexo B - Termo de consentimento 74
Anexo C - Primeira entrevista com a professora Ana 75
Anexo D - Segunda entrevista com a professora Ana 86
Anexo E - Terceira entrevista com a professora Ana 90
Anexo F - Quarta entrevista com a professora Ana 93
Anexo G - Primeira entrevista com a professora Lia 98
Anexo H - Segunda entrevista com a professora Lia 105
Anexo I - Terceira entrevista a com professora Lia 111
Anexo J - Primeira entrevista com a professora Isa 116
Anexo L - Segunda entrevista com a professora Isa 125

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Ana.....25

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia.....36

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa 44

VIVÊNCIA DA PESQUISADORA VERSUS TEORIAS: SURGIMENTO DA INTERROGAÇÃO DE PESQUISA

O mundo da "educação sexual na escola" encontrou-se com o meu "mundo profissional-pessoal" quando eu atuava no papel de professora, no Programa de Educação de Jovens e Adultos, em 1993. Naquela época, existia, por parte dos alunos, a maioria adolescentes, uma grande demanda de questões relativas à sexualidade. Além disso, a cada dia que passava aumentava o número de situações-problema como: alunas-adolescentes grávidas abandonando a escola, alunos folheando revistas pornográficas na sala de aula, desenhos e frases eróticas aparecendo diariamente nas mesas e portas do banheiro, alunos sentiando a necessidade de um contato físico com os colegas, e outros alunos que freqüentavam a escola somente para ficar namorando no horário do recreio.

Diante dessa realidade, sentia-me despreparada para trabalhar tais situações pois, por um lado, sentia falta de domínio do conteúdo sobre sexualidade, visto que a graduação que eu cursava, Ciências Biológicas, não me oferecia o conhecimento sobre esse conteúdo e, por outro lado, sentia falta de espontaneidade para discutir o assunto e percebia que a educação recebida na família, de alguma forma, contribuía para que eu não me sentisse à vontade. Assim, nesse momento, eu atribuía minhas dificuldades apenas à formação de conteúdo e à educação familiar.

Posteriormente, em 1995, nesta mesma escola, implementou-se um projeto de Educação Sexual. A idéia desse projeto começou, em 1994, por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, em Uberlândia. Em princípio, um grupo de 12 profissionais, professores e especialistas, reuniam-se uma vez por semana em horário extraclasse para estudar e elaborar um projeto de Educação Sexual que foi implantado no segundo semestre de 1995, em oito escolas.

Com essa implementação, tanto minhas colegas quanto eu e a supervisora do projeto começamos a encontrar alternativas na própria prática para atender à demanda de questionamentos dos alunos. Diante disso, fomos descobrindo que alternativas mais interativas, contrárias às tradicionais, adequavam-se mais porque nos ajudavam a superar fronteiras pessoais. Enquanto isso, os alunos descobriram-se mais participantes nas discussões, pois, aos poucos, criou-se um espaço de reflexão e confiança onde todos os participantes manifestavam suas opiniões ou trocavam informações. Com isso, duas visões foram configurando-se: primeiro, o conteúdo considerado como altamente atrativo porque explora a vida pessoal; e, segundo, as alternativas, ou seja, os procedimentos utilizados nas aulas, por si só foram mostrando-se mais ou menos adequados ao conteúdo.

Após concluir o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, busquei, no ano de 1997, ampliar meus conhecimentos em um Curso de Especialização em Orientação Sexual, pois sentia que a prática pela prática não oferecia os subsídios de que eu necessitava. Nesse curso, reforçou-se a idéia de que os conteúdos inerentes à sexualidade também exigem uma abordagem metodológica mais reflexiva, interativa e lúdica. Desse modo, começava a ficar claro que a Educação Sexual, que é um processo educativo, implica o professor ter, além do domínio do Conhecimento do Conteúdo, conhecimento de maneiras de ensinar que promovam maior eficiência e eficácia.

Em 2000, ao ingressar na Pós-Graduação em Educação para a Ciência, embora possuindo um saber da prática construído a partir da relação entre Conhecimento do Conteúdo de Sexualidade e a forma de ensinar, eu sentia que algo ainda me faltava para compreender a dimensão da dificuldade que os professores têm para atuar como educadores sexuais. Diante da situação de inquietação e de busca na literatura sobre Conhecimentos de professores, encontrei no conceito de "*Conhecimento pedagógico do conteúdo*"[1], contemplado

[1] Vai além da disciplina e inclui analogias, explicações, demonstrações, exemplos, maneiras de representar e formular a disciplina de forma que seja compreensível aos outros (Shulman, 1986).

nos trabalhos de Shulman (1986), a possibilidade de transformar as minhas inquietações em uma interrogação de pesquisa.

De um modo geral, a literatura nos tem mostrado que, nos cursos de Licenciatura, pouco ou quase nada é considerado sobre o conteúdo de Sexualidade durante a preparação de professores. Assim, partindo da constatação de que o professor não recebe uma formação voltada para o tratamento sobre sexualidade, algumas questões são colocadas: Por que o professor se dispõe a trabalhar com Educação Sexual? Como e onde adquire o conteúdo? O que o conteúdo de Sexualidade oferece como desafio para os professores que com ele trabalham? O professor está efetivamente interessado na construção de conhecimento por parte do aluno ou as suas preocupações são outras? Quais? Como ele faz a transformação do conteúdo de Sexualidade em conteúdo de ensino?

Adentrando o portão da escola: avanços e recuos da Sexualidade

A Sexualidade foi, durante alguns momentos da História, vista como 'assunto proibido' devido ao preconceito e à falta de informação. Isso causou muita controvérsia e informação distorcida gerando a criação de modelos nos quais as pessoas seriam encaixadas e classificadas perante a sociedade. Esse fato contribuiu para criar um mal entendimento sobre o conceito de Sexualidade, atrelando-o apenas aos aspectos biológicos sem considerar os outros fatores psicológicos e sociais. Santos & Bruns (2000, p.15) afirma que ao se "falar em sexualidade, inevitavelmente, se estará reportando à repressão sexual que a permeia e lhe modifica a trajetória, tornando-a mais ostensiva, ora menos explícita, mas sempre socialmente subliminar".

A partir do entendimento do ser humano como um todo indivisível, a Sexualidade é entendida como parte integrante desse todo, permeando suas sensações, seus conflitos e relacionamentos sociais. Essa visão da sexualidade não se atém apenas à vida sexual, é uma visão mais ampla que abrange uma dimensão total do ser humano, envolvendo três abordagens básicas

que são: a biológica, a psicológica e a social. De acordo com Costa (1994, p.1-2), essas três abordagens são inter-relacionadas e inseparáveis. Para o autor "Sexualidade é o termo que se refere ao conjunto de fenômenos da vida sexual. Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar."

Como conteúdo tratado pela escola, a Sexualidade recebeu, no decorrer do tempo, diversas denominações sendo algumas vezes denominada de Educação Sexual e outras como Orientação Sexual. Suplicy et al. (2000, p. 7) apresenta uma diferenciação entre essas duas vertentes, dizendo que, "através das experiências, atitudes e informações recebidas em relação ao sexo, cada um de nós se encontra inserido, mesmo que não o perceba, num processo de Educação Sexual". Para os autores, a Educação Sexual ocorre de maneira informal, permitindo a incorporação de valores, ideologias e preconceitos, ou seja, é um processo de vida, permeado por influências cotidianas, pois a sexualidade somente termina com a morte.

Sobre a Orientação Sexual, Suplicy et al. (2000, p.8) ressalta que é "um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos". Os autores afirmam ainda que a Orientação Sexual é uma intervenção pedagógica que, ocorrendo na escola, "favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito." De acordo com os PCNs, a Orientação Sexual na escola deve desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa, além de abarcar as dimensões biológicas, culturais, afetivas e sociais dos alunos (BRASIL.1997, p.121-2).

Ainda sobre o questionamento, "Educação Sexual ou Orientação Sexual," Vitiello (1994, p.203) considera a Orientação como um mecanismo elaborado "segundo o qual baseando-se na experiência e nos conhecimentos do orientador ajuda-se o orientando a analisar diferentes concepções, tornando-o

assim apto a descobrir novos caminhos". Já a educação, nas considerações do autor, "significa 'formar', não na acepção de que o educando seja uma cópia do educador, mas sim na de que o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente".

Nesta pesquisa, é utilizada a expressão Educação Sexual referindo-se ao trabalho sistemático e intencional desenvolvido na escola, diferentemente da educação não formal que pode ocorrer de forma espontânea e ocasional no seio da sociedade. Nesse sentido, é necessário que as intervenções educativas sejam contínuas e as informações corretas estejam aliadas ao trabalho de autoconhecimento e reflexão.

A entrada da Educação Sexual na escola sempre esbarrou em dificuldade de caráter pessoal e administrativo. Na América Latina, a primeira grande discussão sobre o tema ocorreu em Buenos Aires, em 1915. Entretanto, não houve iniciativas de mudanças em nível governamental. De acordo com Santos & Bruns (2000, p.27), "no Brasil, em 1928, foi aprovada no Congresso Nacional de Educadores, a proposta de um programa de educação sexual nas escolas," o qual não teve grande aceitação.

Somente a partir da década de 60, intensificaram-se um pouco mais os estudos sobre a sexualidade, com experiências importantes tanto em escolas públicas como nas particulares. Em 1968, foi apresentado pela deputada Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro, "um projeto de lei que propunha a implantação obrigatória da educação sexual em todas as escolas do país" (SAYÃO, 1997, p.109). Entretanto, tal projeto recebeu parecer contrário da Comissão Nacional de Moral e Civismo. Nessa mesma década, ressurgiu o interesse pela introdução da educação sexual na escola, provavelmente devido às influências das mudanças no comportamento dos jovens e aos movimentos feministas que ocorreram naquela época.

Com o surgimento da AIDS e com o alto índice de gravidez não planejada na adolescência, durante a década de 80, as questões relacionadas à

sexualidade ganharam dimensões mais amplas na escola, em programas educativos de rádio e televisão, nas revistas e nos jornais. Houve, também, um aumento significativo de debates, congressos e encontros de profissionais preocupados em discutir a inclusão de educação/orientação sexual na escola (SAYÃO, 1997, p.110).

Foi no final da década de 90 que as discussões sobre a questão da sexualidade nas escolas alcançaram resultados normativos, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Segundo Fagundes (1996, p.132), a preocupação com a Sexualidade existe por diversos motivos, "não só pela complexidade que a envolve como também por se configurar como uma questão que requer uma intervenção social, uma vez que, pelos seus fins mais específicos, a sua projeção se dá na sociedade e sobre ela produz seus efeitos".

Seguindo em frente: A educação sexual como conteúdo escolar

O ensino de sexualidade tem abrangido três eixos norteadores (BRASIL, 1997): ***Corpo: matriz da sexualidade; Relações de gênero e Prevenção as Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids*** – DST/Aids. Esses eixos têm sido trabalhados independentemente e isso significa que não existem, necessariamente, pré-requisitos para se iniciar determinado assunto da sexualidade. A seleção dos conteúdos é feita pelos professores a partir das significações e necessidades apresentadas pela turma. Essa seleção pode variar de uma turma para outra e revelar uma grande diversidade de conteúdos.

Uma turma, possivelmente, iniciará o conteúdo de sexualidade abordando o conteúdo "namoro". Em uma outra turma essa escolha pode ser diferente, pode-se iniciar com "gravidez, homossexualidade ou métodos contraceptivos". A escolha do caminho a seguir acontece de acordo com as necessidades apontadas pelos alunos, cabe ao professor modificar o pré-planejamento, que possui uma estrutura flexível, adequando-o à realidade de cada sala de aula e, a partir disso, elaborar o planejamento real. Conforme Suplicy et al.

(2000, p.21), "o planejamento é um roteiro de possibilidades: isso significa estar atento ao que pode ser modificado a partir das discussões em classe".

Nas aulas, durante a discussão de um determinado tema, podem surgir conteúdos diversos relacionados com o que está sendo discutido. Assim, conteúdos e temas, inicialmente não previstos para serem trabalhados, passam a fazer parte da disciplina. A masturbação, como conteúdo que compõe o eixo norteador ***Corpo***, pode levar uma classe a discutir sobre repressão, auto-estima, mitos, preconceitos, timidez, higiene corporal, órgãos sexuais e namoro. O conteúdo namoro pode envolver: fidelidade, drogas, desejo sexual, gravidez e levar ao eixo ***Prevenção.*** Desse modo, um conteúdo está sempre remetendo a outro para ser compreendido e o desdobramento dos conteúdos, abarca temas que compõem os outros eixos sem a exigência de obedecer a uma seqüência linear.

O tratamento dos conteúdos é feito pelo professor que atua no papel de mediador, problematizando e contextualizando as situações a partir das discussões de sala de aula e dos conhecimentos que ele domina sobre sexualidade e estratégias pedagógicas. Isso exige uma articulação constante entre conhecimentos do professor e a prática que se vai delineando perante a realidade vivenciada na escola.

Segundo Vitiello (1994, p. 209) as aulas de Educação Sexual, idealmente, devem ser ministradas por meio de metodologias: *participativa, dialógica, baseada na realidade sócio-cultural, desenvolvida com criatividade, intimista e lúdica*. Para tanto, o professor deve trabalhar com a sexualidade sem fazer prevalecer seus valores pessoais ou intervir diretamente nos valores do grupo, e nem "assumir a postura de julgador do que é 'certo' ou 'errado' em matéria de sexo" e sexualidade.

Assim, as aulas de educação sexual podem ser consideradas, segundo Júnior (1997, p.95), como um "processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade". Porém, nem todos os professores estão

preparados para trabalhar com a Educação Sexual na escola. Conforme Barcelos et al. (1996, p.151) "os educadores, em sua maioria, continuam tratando o assunto apenas nos aspectos biológicos, ou no máximo, convidam um palestrante médico para isso."

Esse despreparo para trabalhar com as questões da sexualidade na escola, apresentado pelos professores, pode possivelmente ter origem numa educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e, também, na sua formação acadêmica inicial em que há pouca discussão sobre essa temática. Entretanto, mesmo sem ter preparo para trabalhar com a sexualidade, alguns professores estão abordando-a em suas disciplinas, fato que nos leva a questionar como se desenvolve o *"Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"* de Sexualidade entre professores que atuam no Ensino Fundamental.

Tendo em vista os questionamentos apresentados, nosso objetivo nesta pesquisa é: **investigar, através dos discursos das professoras que atuam no ensino fundamental da rede municipal de ensino, o Desenvolvimento do "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*" de Sexualidade, buscando compreendê-lo enquanto fenômeno.**[2] Para isso, encontramos, na Fenomenologia[3], nosso referencial de análise para o desenvolvimento da pesquisa.

Esperamos que o clareamento dessas questões possa não somente acrescentar alguns subsídios para os debates e pesquisas sobre a formação inicial e continuada de professores, mas também indicar diretrizes e estratégias possibilitadoras que poderão contribuir para o rompimento de barreiras que o próprio tema impõe.

[2] É o que se manifesta à consciência (Martins & Bicudo, 1989).
[3] Busca o estudo do fenômeno (Martins & Bicudo, 1989).

O CAMINHAR METODOLÓGICO

Na busca de alternativas metodológicas que direcionassem o nosso caminhar ao clareamento da questão de pesquisa, encontramos, na Fenomenologia, subsídios que nos permitiram construir uma compreensão do fenômeno: **O desenvolvimento do *"Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"* de Sexualidade**.

De acordo com Bicudo (1994, p.16) a Fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes fundado por Edmund Husserl, porém, "tanto com ele quanto com os outros pensadores fenomenólogos como Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer e Ricouer, o pensar fenomenológico foi se desenvolvendo gradualmente e tem se transformado de maneira contínua, conforme o tema interrogado e o pesquisador que interroga".

Martins e Bicudo (1989, p.22) afirmam que a Fenomenologia busca o estudo do fenômeno, sendo que o sentido que a palavra fenômeno adquire para a Fenomenologia está relacionado "àquilo que se manifesta, é tudo o que aparece ou se revela por si mesmo." O fenômeno existe a partir do sujeito que o interroga e que procura ver além da aparência, é o que se manifesta à consciência, portanto, só existirá um fenômeno se existir um sujeito no qual ele se situa.

Carvalho (1991, p 48) salienta que "a análise fenomenológica, busca a **compreensão** daquilo que está sendo interrogado e não está interessada em universalidades ou explicações" desse modo, o autor ressalta que, "quando o pesquisador busca a compreensão de um dado fenômeno ele pode, se assim desejar, fazê-lo com ênfase a uma perspectiva. É preciso, então, considerar que os fenômenos são perspectivais[4]".

[4] "Cada fenômeno em si é percebido pelos diferentes sujeitos nas várias perspectivas através das quais se manifesta e pelas quais é olhado" (Garnica, 1997, p. 118).

O interesse do pesquisador está voltado para as descrições do sujeito sobre aquilo que foi vivenciado e não interessa que ele faça análise ou busque explicações para sua vivência. Pelo contrário, o interesse da Fenomenologia está dirigido para significados, e a busca do pesquisador consiste em descobrir significados em eventos que foram relatados pelos sujeitos (MARTINS & BICUDO, 1989, p.93). Os autores ainda citam que na pesquisa fenomenológica, o investigador, de início, está preocupado com a natureza do que vai investigar, de tal modo que não existe para ele uma compreensão prévia do fenômeno.

O ponto de partida do pesquisador é uma interrogação sobre o próprio fenômeno." Desse modo, "o fenomenólogo respeita as dúvidas existentes sobre o fenômeno pesquisado e procura mover-se lenta e cuidadosamente de forma que ele possa permitir aos seus sujeitos trazerem à luz o sentido por eles percebidos sobre o mesmo." O pesquisador procura "apreender aspectos do fenômeno por meio do que dele dizem outros sujeitos com os quais vive, interrogando-os de modo a focar seu fenômeno" (GARNICA, 1997, p.115).

Essa interrogação leva à constituição dos dados, uma vez que eles são constituídos a partir do relato de experiências que foram vivenciadas pelos sujeitos. Não se pode dizer que existe uma coleta de dados, pois isso implica que o pesquisador já conheça o fenômeno e essa concepção foge aos fundamentos da Fenomenologia. Na constituição dos dados, pode se utilizar a descrição. Segundo Carvalho (1991, p. 49) "a descrição é um relato de alguém que está experienciando aqueles aspectos que são imprescindíveis para se compreender o fenômeno que está sendo interrogado".

Um dos instrumentos utilizados para obter a descrição é a entrevista, porém, torna-se necessário tomar cuidado com as interferências durante sua realização, para evitar que o sujeito seja induzido a respostas desejadas. De acordo com Martins & Bicudo (1989) "o pesquisador apresenta um tema sob a forma de questão aberta ou geral. A essas questões podem seguir se outras, desde

que relacionadas com o tema pesquisado e com as respostas já dadas pelos participantes".

Após o recolhimento das descrições, têm-se os momentos de análises *Ideográfica*[5] e *Nomotética*[6]. De acordo com Garnica (1997, p.118) permeia a trajetória de análise, tanto na instância *ideográfica* quanto na *nomotética*, a necessidade de constantes *reduções*.[7] Bruns (2001, p.63) ressalta que "o processo de análise permitido pela redução fenomenológica pode oferecer um caminho para sair do polêmico impasse existente entre a subjetividade e a objetividade" uma vez que, o conhecimento que o pesquisador possui *a priori* sobre o fenômeno em análise é colocado em *suspensão de juízo*[8], isso supõe uma postura intencional em relação ao fenômeno e não uma atitude de neutralidade.

Na *análise ideográfica*, o pesquisador necessita ler atenciosamente o relato, do início ao fim, ou seja, o pesquisador deve colocar-se no lugar do sujeito para chegar ao sentido mais geral do que foi relatado. Depois de *apreender o sentido*, o pesquisador faz nova leitura com a intenção de destacar as *unidades de significado*. Essas unidades, que são recortes elegidos como significativo, podem variar de pesquisador para pesquisador dependendo da sua interrogação.

De posse das *unidades de significado*, o pesquisador identifica convergências entre elas, agrupando-as e depois realiza a *transformação do discurso ingênuo* em um discurso próprio da área de pesquisa. De acordo com Carvalho (1991 p.48), no momento da transformação, o pesquisador utiliza-se do "recurso da variação imaginativa, variar imaginativamente, significa lançar mão de um exercício de intersubjetividade entre pesquisador e sujeito através do seu discurso com vistas à reflexão e compreensão do fenômeno".

---

[5] Busca tornar visível a ideologia presente na descrição do sujeito (Garnica, 1997).
[6] Elaboração de leis (Martins & Bicudo, 1989).
[7] "Movimento do espírito humano de destacar aquilo que julga essencial ao fenômeno por meio de ações como o intuir, o imaginar, o lembrar e o raciocinar" (Garnica, 1997, p. 116).
[8] Sinônimo de redução fenomenológica (Garnica, 1997, p. 120).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

No momento seguinte, são realizadas as *expressões sintéticas* que revelam a essência dos agrupamentos das *unidades de significado*, assim, chega-se a uma síntese dos dados obtidos no discurso. A partir dessa síntese, passa-se para o momento da *análise nomotética*. De acordo com Garnica (1997, p.117) esse é o momento "quando a investigação dos individuais, feita pelo estudo e seleção das unidades de significado e posterior formação de categorias abertas, é ultrapassada pela esfera do geral."

Na *análise nomotética* tem-se uma reflexão e aproximação à compreensão do fenômeno interrogado a partir da síntese que foi levantada. Essa análise "é feita com base na análise das divergências e convergências expressas pelas unidades de significado, estando vinculada, ainda, a interpretações que o pesquisador faz para obter cada uma dessas convergências ou divergências" (GARNICA, 1997, p.117). É um movimento de passagem do individual para o geral, baseado nas realizações conseguidas *na análise ideográfica*.

Os sujeitos e o campo da pesquisa

Os sujeitos são três professoras, identificadas na pesquisa por pseudônimos de Ana, Isa e Lia, todas atuantes no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. A escolha dessas professoras seguiu dois critérios de seleção. O primeiro critério foi selecionar professores que trabalham com Educação Sexual. Esse critério levou-nos ao encontro de um grupo específico de professores que participam de um projeto de sexualidade, chamado "Projeto Vivência: Sexualidade, Afetividade e Cidadania."

Os professores que participam desse projeto reúnem-se duas vezes por mês, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais – CEMEPE, com o objetivo de realizar estudos, análise, reflexão e troca de experiência acerca dos temas propostos pelo projeto. O segundo critério foi selecionar os professores interessados em participar da pesquisa. Desse modo,

foram selecionadas quatro professoras, porém, uma dessas professoras não entrou na amostragem visto que, logo após a seleção, ela necessitou afastar-se do projeto.

O contato inicial com as escolas ocorreu em uma reunião, realizada pelos coordenadores do "Projeto Vivência: Sexualidade, Afetividade e Cidadania", para apresentá-lo aos diretores das escolas municipais. E a seleção dos professores para a pesquisa aconteceu em uma outra reunião com os professores participantes do mesmo Projeto, seguindo os três critérios de seleção. Após essa seleção, foi entregue aos diretores das escolas onde essas professoras trabalhavam uma carta de apresentação que ficou arquivada na escola (Anexo 1).

As três professoras ministravam aulas da disciplina de Orientação para a Vida (OPV), nas quais foram desenvolvidas as idéias do Projeto. Essas aulas eram ministradas para alunos do 2° e 3° ciclos do Ensino Fundamental, ou seja, de 5ª a 8ª séries. As professoras assinaram um termo de consentimento (Anexo 2) de sua participação na pesquisa. Cada professora tem uma formação diferente. Entre elas existe uma licenciada em Ciências Biológicas, uma em Português e outra em História. Para desenvolver o Projeto, elas tiveram que freqüentar encontros quinzenais no ano anterior, nos quais assistiam a filmes, palestras, participavam de debates, promoviam dinâmicas e realizavam oficinas. No decorrer das entrevistas, essas três professoras serão melhor descritas.

Toda a constituição dos dados ocorreu em duas escolas municipais, visto que, das três professoras, duas trabalhavam em uma mesma escola. Essas escolas são de médio porte e atendem cerca de 1500 alunos cada uma. Esse atendimento vai desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Na grade horária, destina-se uma aula de OPV por semana, com duração de 50 minutos. As escolas possuem quadra de esportes, parque de brinquedos, área verde, sala de vídeo, sala de estudos, biblioteca, salas de aulas, cantina, secretária, sala de professores, sala de supervisão e de direção.

unesp

As entrevistas

No decorrer do ano de 2001, foram feitas as entrevistas que foram previamente marcadas com as professoras. Tivemos o cuidado de usar uma sala de estudos ou a área verde da escola para a realização das entrevistas. Em ambos os locais, tanto o barulho quanto o acesso das pessoas era menor. As entrevistas foram feitas no horário de módulo e fora do horário de trabalho, de acordo com a disponibilidade de cada professora. Solicitamos a permissão para a gravação da entrevista e, também, asseguramos, mais uma vez, o anonimato conforme contido no termo de consentimento.

Cada professora recebeu o termo de consentimento, em duas vias, para que pudesse ler e assinar. Cada uma guardou consigo uma cópia do documento assinado e a outra cópia ficou com a pesquisadora. As professoras foram orientadas que o uso do gravador permitia captar na íntegra cada depoimento e que, portanto, poderiam ficar à vontade e falar livremente sem a necessidade de preocupação com um discurso pré-elaborado, pois elas teriam a liberdade para ouvir a gravação.

Sempre, antes das entrevistas, procuravámos falar sobre o cotidiano da professora, para diminuir a preocupação e o estresse que a situação proporcionava à entrevistada. Inicialmente, elas demonstraram um certo receio para falar sobre si mesmas, então, foi necessário mudar a estratégia e realizar a entrevista como se fosse uma conversa informal, tomando sempre o cuidado de elaborar uma pergunta de modo que desse continuidade à fala da entrevistada. Para iniciar a entrevista, partíamos da seguinte questão: *Fale sobre sua vida profissional.*

No decorrer da entrevista, preocupamos-nos em deixar o sujeito falar à vontade, entretanto, foi necessário realizar algumas interferências, tomando sempre o cuidado de manter uma postura de isenção, atuando mais no papel de entrevistador instigador da fala do que no de um simples ouvinte. Procuramos não

interferir no pensamento e na autenticidade dos depoimentos, visto que o resultado da pesquisa depende desse procedimento.

Desse modo, foram realizadas as entrevistas, sendo quatro com a professora Ana, três com a professora Lia e duas com a professora Isa. A quantidade de entrevistas com cada professora aconteceu de acordo com a manifestação pessoal do fenômeno. Além disso, a duração de cada entrevista variou de 50 minutos, quando ocorreram no horário de módulo, e de duas horas, quando aconteceram fora do horário de trabalho, por opção das professoras.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

OS DISCURSOS E OS MOMENTOS DE ANÁLISE

Os discursos das professoras levou-nos a dois momentos de análise: *Ideográfica* e *Nomotética*. Na análise *ideográfica, a* interpretação dos dados resultou nos quadros 1, 2 e 3. Cada quadro refere-se aos dados que foram obtidos para cada uma das entrevistadas, assim, o quadro 1 refere-se aos dados extraídos das entrevistas realizadas com a professora Ana; o quadro 2, aos dados obtidos com a professora Lia; e o quadro 3, aos dados obtidos com a professora Isa. Esses quadros estão divididos em três colunas.

Na primeira coluna, são apresentadas as *unidades de significado* que estão representadas por números e letras. O primeiro número corresponde à ordem em que a unidade aparece na entrevista; a letra E significa entrevista e o número que está subscrito 1, 2, 3 ou 4 refere-se à primeira, segunda, terceira ou quarta entrevistas. As *unidades de significado* estão agrupadas em blocos. O sombreamento em alguns blocos sinaliza o fim de um agrupamento e o início de outro.

Na segunda coluna são apresentadas as transformações e interpretações dos *discursos ingênuos* em uma linguagem própria da área de pesquisa e, depois, na terceira coluna são apresentadas as *expressões sintéticas* que revelam a essência das unidades de significados que foram agrupadas na primeira coluna.

Após cada quadro, tem-se uma síntese que busca tornar visível a essência do discurso das professoras. Por fim, tem-se o momento de análise *nomotética* que foi realizada com base nas convergências e divergências entre as significações evidenciadas pelas professoras Ana, Lia e Isa.

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Ana

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
9 E_1- Os pais, às vezes, sentem-se despreparados, na maioria das vezes constrangidos de tratar desses assuntos. Tanto que muitos adolescentes falam que não conversam sobre sexualidade com os pais. Dizem que têm vergonha, não dão conta de falar...e quando a gente começa a falar eles têm mais liberdade de falar, trocar idéias. *6 E_2- Essa discussão com os alunos é uma forma de estar auxiliando os pais. Eu acho que por isso que tem que ter muita ligação de pais com os educadores.* *7 E_2- A gente teria que ter mais contato com os pais. A maioria dos pais nem estão sabendo o que é que nós estamos tratando. Não têm tempo nem para saber o que está acontecendo nem com a matemática e nem com o Português e muito menos de relacionamento.* *17 E_4- A gente percebe que os pais não querem mandá-los usar a camisinha porque se manda usar a camisinha está mandando fazer sexo, e aí a gente vê essa dificuldade, parece que vai sanar um problema, mas pode causar outro.*	O constrangimento, o despreparo e a falta de tempo dos pais são subterfúgios para não falar sobre sexualidade com seus filhos, com isso transferem essa tarefa para a escola, sem a preocupação de manter contato com as professoras.	Educação Sexual: na visão da professora os pais tem dificuldade de realizar essa tarefa

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
2 E_3- Trabalhar com Sexualidade não vou dizer que foi assim muito tranqüilo não. Primeiro porque foi minha primeira experiência diretamente com o tema. *14 E_1- Às vezes os alunos fazem perguntas que eu fico constrangida.* *4 E_2- Quando é um assunto de sexualidade tem uns que fecha a boca e não fala nada. Ele está aprendendo. Será que ele está interpretando aquele objetivo que a gente quer?* *10 E_2- Têm alguns tabus difíceis. Às vezes a gente depara com alguma coisa. Algum argumento forte que às vezes é diferente da opinião da gente, e que a gente também não tem assim definido o que certo e o que é errado. Mas a gente tira um consenso.* *3 E_3- A gente carrega um certo tabu por mais que a gente queira livrar disso, sabe que tem que ser uma coisa normal, mas a gente tem isso e às vezes a gente fica constrangida de tratar de certos assuntos.* *4 E_3- A hora que eu cheguei aqui com aquelas camisinhas alguém disse assim: Ah! Eu não tenho coragem de mostrar isso para os alunos. Eu pensei, parece que eu também não Teria, mas depois eu pensei assim, mas que besteira é essa? Tem que mostrar! A televisão mostra, todo mundo sabe, quem sabe tem algum aluno lá que ainda não conscientizou pra que serve a camisinha?* *5 E_3- Eu acho que é um assunto que tem que ser tratado com naturalidade, eu tenho procurado desenvolver com naturalidade, mas não é tão fácil.* *6 E_3- A hora que a gente começa a falar, a trocar idéia com os alunos parece que fica natural. A gente sabe da importância que isso tem na vida do aluno e vai ficando mesmo assim natural, naturalmente com o tempo.* *2 E_4- É um tema assim que ainda tem muito tabu de ser discutido e eu percebo isso em qualquer parte, até nas crianças mesmo, quando a gente vai falar sobre a Sexualidade, quando a gente vai falar de um assunto sério, a criança leva aquilo com seriedade, com respeito.* *6 E_4- É um tema que ainda não é muito fácil de estar lidando tanto do lado do professor como do aluno também, mas no desenvolver do ano isso vai modificando porque, muitas vezes, eles acham que a aula de sexualidade é só falar de sexo... aí quando a gente começa a falar de relacionamento, de afetividade, aí eles vão percebendo que é muito mais do que uma aula de sexo.*	As implicações e as dificuldades próprias do tema Sexualidade são superadas no decorrer do tempo, à medida em que o conteúdo é trabalhado.	A professora enfrenta e supera dificuldades para a construção do seu ensino.

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
1 E_7- A gente tem que transmitir muita confiança para o aluno. Ele tem que ter a confiança para chegar e conversar com a gente. Ele tem que ter liberdade de falar sobre qualquer assunto para que não se sinta ridículo. Se caso ele falar alguma coisa que a gente acha que está fora da realidade, a gente não pode mostrar isso. A gente tem que deixar o adolescente expressar suas idéias até a gente mostrar para ele a realidade sem humilhá-lo, sem desacreditá-lo, isso é importante. Ouvir, a gente tem que ouvir o adolescente para estabelecer esse vínculo. Tem que dar muita confiança mesmo. O elogio também é fundamental. Deve mostrar o erro de uma forma não agressiva com eles. *3 E_7- Esse ouvir é dar oportunidade ao próprio aluno de construir o seu próprio caminho. Porque à medida que ele fala, que ele expressa, estabelece um diálogo entre aluno e professor. E aí eu acho que em qualquer conteúdo, quando a gente ouve, a gente analisa aquilo e volta a atenção, e volta e discute aquele assunto, não para descobrir o certo ou errado, mas para refletir sobre determinado tema. E isso faz com que o aluno cresça e construa a sua própria história, seu próprio saber.* *14 E_7- A gente tem que ouvir. Mesmo que seja uma palavra ingênua, uma coisa que não tenha sentido, ajuda a estabelecer esse vínculo, e o vínculo está muito ligado a disciplina. Se ele acredita na gente logicamente ele vai parar para ouvir aquilo de bom que a gente tem para estar discutindo com ele. Se a gente não estabelece um vínculo, não tem como, por que eles ainda não acreditam na gente.* *10 E_4- Trabalhar com a sexualidade pra mim representa mais a proximidade com o aluno, eu sinto que quando a gente discute a sexualidade, o aluno adquire mais confiança na gente... ele sente mais próximo da gente, não sei se é a forma de ser colocado eu percebi assim que o aluno fica mais familiarizado com a gente, ele tem confiança de chegar e fazer uma pergunta ou de expor até problemas da sexualidade dele mesmo... Ou de perguntar sobre assuntos que em outras épocas não era nem permitido na escola.* *11 E_4- Hoje ele conversa com a gente com muito naturalidade, ele confia e isso não é assim numa primeira aula, é ao longo do ano, e aí eu acho que aproxima muito o aluno do professor.*	A confiança dos alunos na professora se fortalece com o tempo à medida em que se estabelece um canal de comunicação entre eles, facilitando a aprendizagem.	É preciso ganhar a confiança dos alunos

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
2 E_2– Adolescente tem muito a dizer pra gente. É através desse ouvir que a gente percebe os sentimentos deles. E percebe também o conhecimento sobre determinadas coisas e aí, através desse ouvir o que ele tem a dizer, a gente cria as respostas, o encaminhamento pra ele. *9 E_2- A gente aprende muito com o aluno também. Porque à medida que eles colocam os problemas, a gente sabe que aquele problema é o problema de um grupo e não somente de um aluno.*	O aluno, enquanto sujeito participante da aula, contribui para a aprendizagem social do grupo.	Aprende-se com o aluno
5 E_1– Trabalhar a Sexualidade vai modificar muita coisa na vida desse adolescente. Primeiro porque a sexualidade para ele é uma coisa diferente. Ele tá conhecendo, buscando, procurando saber o que é isso, o corpo transformando (...).Então, a gente trabalhar isso daí eu acho que vai ajudar muito ele na própria vida dele mesmo. *7 E_1- Eles gostam de estar sabendo tudo a respeito da Sexualidade. E aí prende a leitura, ele fica mais atento à aula. É um dos temas que agrada muito.* *8 E_1- É um assunto que atrai mesmo. Então, o aluno fica curioso, quer saber mais. E também quebra aquele tabu de que a Sexualidade é um assunto que não deve ser conversado.*	O interesse do aluno pelo tema facilita o trabalho da professora.	O aluno interessa-se pelo tema

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
5 E_2– Eles precisam é saber prevenir para não acontecer conseqüências que vá desviar aquilo que foi planejado para a vida de alguém. Por que, às vezes, a pessoa não tem consciência daquilo. *12 E_2– A gente tenta orientá-los para que eles não caiam num erro que a gente vê aí a todo momento com as questões ligadas à sexualidade.* *15 E_4– A gente não consegue resolver os problemas da sexualidade de todos os alunos nem de todos os filhos, não resolve tudo, mas pelo menos a gente sente que tá procurando orientar mesmo pra não prejudicar.* *18 E_4– Numa palavra a Orientação sexual é prevenção... (...) prevenir, preparar o aluno para ele enfrentar os problemas... saber.... pra que o aluno saiba o que a vida... em todos os sentidos da palavra vida.*	A professora reconhece a importância do tema e prepara aulas para ajudar na prevenção de problemas na vida dos alunos.	Finalidade das aulas: prevenção
2 E_1– Às vezes durante a aula mesmo, a pergunta do aluno sugere alguma idéia, às vezes pela pergunta dele você descobre a dúvida e a falha da gente também. *4 E_4– Quando o aluno levanta uma pergunta e a gente percebe que aquilo é uma curiosidade, uma coisa assim que ele ainda não conhece ou às vezes conhece de uma forma deturpada e aí ele levanta outras perguntas, ele vai a fundo no assunto, aí então eu sinto que ele tá realmente entendendo aquilo que a gente está conversando.* *8 E_4– Depois que eu participei do Projeto Vivência que lida com as questões da sexualidade que eu pude entrelaçar em todas as aulas, seja de português ou uma aula propriamente que eu possa trabalhar com Sexualidade... eu senti mais segurança, pra estar falando, eu percebi o que é que é certo do que é errado... o que interfere, o que não interfere na vida da pessoa... o que é importante estar falando sobre sexualidade.* *9 E_4– Nos grupos de estudo a gente ia dominando o assunto, e à medida que a gente ia colocando em prática, a gente ia adquirindo mais conhecimento sobre as reações dos alunos, a gente ia entendendo aquela curiosidade, o que é importante para o aluno.* *12 E_1– A gente tem um planejamento que serve de guia pra gente.*	A segurança para trabalhar com o conteúdo, as perguntas dos alunos, os grupos de estudo e o planejamento são fatores que modificam a prática da professora.	A prática da professora é refletida

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
11 E_3– A gente trata sexualidade de uma forma mais ampla. Não é uma orientação diretamente ao sexo. *1 E_1– A gente fica pensando em formas de como aquele conteúdo vai ser assimilado pelos alunos com maior facilidade e sem perda de tempo, sem talvez, enrolar, vamos direto ao que interessa. Então, a gente pensa muito na melhor forma para que isso aconteça. Para que atinja aquele objetivo com mais facilidade* *3 E_1– A gente sempre procura uma forma, uma volta ao conteúdo, procurando ser mais clara, falando numa linguagem mais acessível ao aluno, às vezes a gente tem que usar uma linguagem mais simples, mais clara.* *4 E_1– Vou usando a palavra que ele usa no dia-a-dia dele para não ficar talvez interferindo na compreensão.* *15 E_1–Quando o aluno me faz um pergunta eu vou respondendo de forma que ele mesmo vá descobrir a resposta. Eu quero que a resposta venha dele, do próprio aluno.* *13 E_1– De acordo com os conhecimentos prévios que ele tem, o aluno vai se expressando, ele vai melhorando a sua leitura, o seu conhecimento de mundo. E aí, então, a questão da Sexualidade vai sendo tratada de uma forma normal como qualquer outro assunto.* *15 E_2– A gente tem que estar assim bem antenada para descobrir o que eles querem saber e aproveitar aquela motivação dele. Quando a gente acerta no tema a aula fica boa.*	A professora busca formas de ensinar o conteúdo para facilitar a aprendizagem dos alunos partindo da vivência deles	Formas de ensinar: busca constante da professora
1 E_3– A participação do aluno ainda tem muito o que melhorar pra que ele realmente conscientize das suas atitudes com relação à sexualidade. Ele ainda leva muito na brincadeira, mas eu acho que junto com a brincadeira acaba ficando uma coisa boa. *5 E_4– Têm alunos que nunca tiveram a oportunidade de discutir a Sexualidade de uma forma grupal, então, às vezes correm olhares entre um e outro, algumas risadas... malícia mesmo que é próprio do preconceito ou de conhecimento indevidos.* *16 E_4– Normalmente a adolescente ou o adolescente não tem noção de ciclo menstrual, de período de fertilidade, são assim as curiosidades mais gritantes, eles não têm consciência de que devem usar a camisinha.*	A participação dos alunos revela o preconceito em relação ao conteúdo e evidencia a necessidade de trabalhar os temas da sexualidade na escola	Discutir a sexualidade é uma necessidade do aluno

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
6 E_1– Eu procuro trabalhar com a Sexualidade desde que eu participei do Projeto Vivência, achei que seria uma oportunidade porque nas aulas de Português a gente trabalha textos de vários temas. Então a sexualidade seria um dos temas para a gente estar aproveitando e, ao mesmo tempo, fazendo uma interdisciplinariedade com o conteúdo e o próprio desenvolvimento da leitura. *10 E_1- Quando está tratando de órgãos, de nomes científicos, eu acho que deve ser mesmo de Ciências. Mas quando está se tratando de influência da vida sexual na parte psicológica do relacionamento, eu acho que pode ser abrangido em qualquer disciplina.* *11 E_1- Dá pra trabalhar com literatura, dá pra debater sobre sexualidade, tem muito livro aí que serve de pano de fundo para a gente levantar um debate na sala de aula.* *9 E_3- Pra desenvolver as idéias de sexualidade nas minhas aulas de português somente em algumas brechinhas. E numa turma que a gente está desenvolvendo somente os temas propostos pelo projeto os resultados são mais rápidos mais condensados.*	A professora desenvolve as idéias da sexualidade em outros conteúdos além das aulas específicas de Educação Sexual	O conteúdo é interdisciplinar

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
7 E_3- Uma daquelas alunas que eu nem cheguei a conhecer abandonou a aula por estar grávida. *8 E_3- Toda vez que eu descubro que tem uma adolescente grávida eu fico me perguntando: será que se a gente tivesse intensificado mais as idéias do projeto conscientizando sobre os problemas da gravidez na adolescência, a gravidez não planejada... Eu acho que as DST a gente nem fica sabendo mas pode estar acontecendo por aí. O que mais a gente vê que choca a gente é quando a gente descobre uma adolescente grávida. E aqui na escola todo ano tem. Tem uns 3 casos. Menina de 13 anos. Às vezes de sala que eu nem estou trabalhando, mas é um fato consumado* *12 E_4- Às vezes aparece uma menina grávida e ela ainda nem contou pra família e conta pra gente pedindo socorro, a gente já tem assim... um como ajudar essa adolescente.* *13 E_4- Eu tive o caso de um menino de 16 anos que chegou em mim e contou... eu arrumei uma namorada, ele ainda disse...fazia pouco tempo e a minha namorada ficou grávida, a família nem conhecia a menina direito e ela apareceu grávida, aí ele vinha desabafava e contava, então acho que se eu não fosse professora de Orientação Sexual acho que não estaria assim disponível, tempo, pra estar ouvindo uma história que às vezes não teria nada a ver com meu conteúdo... com a minha aula talvez... às vezes numa aula de Português.* *14 E_4- Eu parava e ouvia, esperava ele contar, contou toda a história desde a gravidez até a criança nascer, enxoval, nome, todo dia tinha uma história (risos), então, eu acho que foi importante isso porque se eu não tivesse assim uma bagagem de orientação sexual, eu acho que não teria paciência pra estar ouvindo isso.*	A escola, e principalmente a professora que trabalha com Educação Sexual, torna-se refúgio para os alunos que enfrentam situações como uma gravidez não planejada.	Os alunos confiam na professora

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
8 E_2- Ser professora de OS é bom. É bom no sentido de estar orientando o aluno naquilo que a gente acredita que seja bom para ele. *1 E_4- Ser professora...Orientadora da sexualidade, pra mim é como qualquer outra disciplina, é como o Português, porque eu também dou aula de português... Assim como eu sinto o prazer de ver o aluno aprender a lidar com a língua, dominar a língua, eu também sinto prazer em ver o aluno modificar o seu relacionamento entre os colegas.* *3 E_4- A gente vê que quando a gente está sanando a curiosidade da criança, do adolescente... pra gente que está dando a aula isso é prazeroso... é muita responsabilidade porque do ensinamento que a gente passa, daquele conhecimento que a gente vai passando pra eles muito coisa vai interferir na vida dele.. nas atitudes dele... na vida Sexual deles... nas tomadas de decisões que eles vão ao longo da vida encontrando.... aquilo marca muito.* *11 E_3- A gente deve ir(...) trabalhando à medida em que a gente recebe novos alunos a cada ano, por mínimo que seja alguma coisa vai ficar na consciência de cada aluno. Eu acho que nós, como educadores, devemos estar cientes de que há momentos mais positivos que outros. Não deixar se desanimar por isso.*	A auto-reflexão revela a responsabilidade e o gosto de trabalhar com Educação Sexual.	Educação sexual exige responsabilidade

Quadro 1 - Convergências das Unidades de Significado da Profa. Ana (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
13 E_7– Parece que o projeto vivência vale para mim também. Se a gente resolve os problemas internos da gente, a sexualidade da gente como educadora, a gente sabe ajudar o aluno. *10 E_3- O professor não pode perder a oportunidade de estar passando conhecimentos da Sexualidade. Tem que estar informado desse tema porque a gente sabe que a sexualidade da pessoa governa as atitudes dela. Ela estando bem Sexualmente ela está bem em outras partes da sua vida. O professor tem que trabalhar a própria Sexualidade. Ele tem que estar resolvido ou resolvendo.* *7 E_4– A pessoa que está bem resolvida Sexualmente, ela sente por dentro que ela sente assim mais tranqüila para cuidar com as outras áreas, com as outras atividades dela, profissional, como representante de família. A pessoa tem que estar bem resolvida sexualmente com a sua sexualidade.*	A professora tem que trabalhar a própria sexualidade para atuar como Educadora sexual	Sexualidade resolvida: fator essencial

Significações do discurso da professora Ana

O constrangimento, o despreparo e a falta de tempo são subterfúgios em que os pais se apóiam para não falarem sobre sexualidade com seus filhos e transferem essa tarefa para a escola, sem a preocupação de manter contato com as professoras. Sem a ajuda dos pais, a professora se esbarra em várias **implicações e dificuldades que são superadas no decorrer do tempo, à medida que o conteúdo é trabalhado.**

É também com o tempo que a **confiança dos alunos na professora se fortalece,** tornando possível criar **um canal de comunicação entre eles.** Desse modo, o **aluno, enquanto sujeito participante da aula, contribui para a aprendizagem social do grupo,** situação que permite a professora conhecer os **interesses dos alunos** e refletir sobre o seu ensino. Ela **reconhece a importância do tema** e assim **prepara aulas para ajudar na prevenção de possíveis problemas na vida deles.**

Alguns fatores, como o **planejamento das aulas, a segurança para trabalhar com os temas da sexualidade, as perguntas dos alunos e os grupos de estudo,** influenciam diretamente na transformação que a professora faz do conteúdo disciplinar para o conteúdo de ensino. Ela constantemente **busca formas de ensinar que facilitem a aprendizagem dos alunos partindo da vivência deles.**

Para a professora, **a participação do aluno nas aulas é importante, mas** eles ainda não estão acostumados a falar sobre sexualidade e possuem **preconceito em relação ao conteúdo.** Esse fato faz com que ela procure **desenvolver as idéias da sexualidade em outros conteúdos além das aulas específicas de Educação Sexual.**

Em alguns momentos, quando um aluno perde o controle ou não sabe conduzir uma situação como uma gravidez não planejada, ele recorre à escola que é o local onde encontra apoio para falar sobre sua vida. Por isso, a professora sabe que precisa estar sempre se preparando para ajudar os alunos, pois a **escola e, principalmente o professor de Educação Sexual, torna-se refúgio para os alunos que enfrentam situações como uma gravidez não planejada.**

Ao fazer uma **auto-reflexão,** a professora descobre que gosta de **trabalhar com Educação Sexual** e sente-se responsável. Ela sabe que o cuidar de si mesmo é primordial para cuidar do outro, então **busca trabalhar sua própria sexualidade para atuar como educadora sexual.**

unesp

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
9 E_2- Eu demorava pra organizar a sala no início, agora nos últimos encontros até que não. Quando eu chegava, a sala já estava quase toda arrumada. *10 E_2- Eles já estavam acostumados e não queriam perder tempo. Você viu aquele dia da AIDS que o sinal bateu mais cedo? Nem eu sabia que ia bater mais cedo. Quem não conseguiu ler sua parte ficou frustrado. E quando um começava a atrapalhar, você viu que eu pouco chamava a atenção. Eram eles mesmos que faziam isso.* *14 E_2– O simples fato de chegar nas últimas aulas e a sala estar organizada, já é um ponto positivo. Eu encaro. É pouco, mas já é alguma coisa. Só deles já deixarem o outro falar. Você vê na fita o tempo todo eu chamando a atenção, a hora que começa a tumultuar. Mas é diferente das primeiras aulas.*	Os alunos têm uma aceitação melhor e tornam-se mais interessados pelo conteúdo no decorrer do tempo	O interesse do aluno aumenta com o tempo
2 E_1- Para o aluno, pra aquele que está ouvindo e está muitas vezes buscando algo novo é uma chance. É uma forma de buscar o que ele não tem em casa e ter ali no momento do projeto. E pra ele também ficar à vontade. Cria assim um elo entre professor e aluno, que muitas vezes passa a ser amigo e aluno, e é isso que reforça a responsabilidade da gente como educador. *4 E_1- A gente como professor tem que ser muito mais do que professor de Ciências ou professor de Português, ou professor de Matemática. Tem que ser um amigo muitas vezes.* *11 E_1- Da mesma maneira que os meninos tem intimidade com a gente, a gente acaba tendo também, lógico que com certo respeito. Com uma diferença, mas tem.* *7 E_3– Se o aluno ou a aluna quer comentar alguma coisa, você tem que estar pronta a estar escutando,* *11 E_3– É um momento que você deixa eles falarem o que eles quiserem. Lógico que tem regra, um deve ouvir o outro, mas todos eles podem falar*	A professora permite uma relação de proximidade maior com os alunos.	A amizade entre professora e alunos.é fundamental

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
9 E_1– Quando surge uma dúvida eu digo: Oh gente, eu vou procurar, eu vou pesquisar e depois eu conto pra vocês. *10 E_1- Já surgiram perguntas que, às vezes, até eu fiquei embaraçosa pra responder.* *12 E_1- Eu não tenho nenhum problema de falar muitas vezes: Olha eu não sei como é, eu vou procurar, vou saber, ou eu falo mesmo o que tem que ser falado. Porque eles também tem que confiar em mim porque se eles não confiarem eles não vão se abrir, não vão se expor.*	Os alunos fazem perguntas inesperadas, imprevisíveis e esperam por respostas.	A professora também aprende enquanto ensina
1 E_1– A Orientação Sexual foge de tudo que a gente aprende na faculdade. Foge das experiências que a gente tem em sala de aula em termos de conteúdo. Você trabalha com o novo. Você trabalha com assuntos polêmicos. (...) E o desconhecido causa também um impacto muito grande. (...) É uma coisa que é todo dia. Não é chegar com algo pronto. Eles têm que construir ao longo do tempo. Têm os acertos, mas também têm erros. E é em cima dos erros que a gente tenta melhorar e acertar cada vez mais. *13 E_1- Eu ali não sou professora. Eu me considero como mediadora da conversa. Às vezes tenho que colocar limites, às vezes tenho que incentivá-los a estarem falando. Por isso que é diferente.* *3 E_3– Professor de Orientação Sexual, ele na verdade é só um mediador de conceitos... porque na verdade não cabe a ele avaliar se está certo ou se está errado. Tem que deixar o menino pensar e chegar a uma conclusão* *9 E_3– Eu falo que a gente como orientador é muito mais difícil do que trabalhar Biologia, História. Porque você trabalha História e Biologia você está fora da vivência do aluno. Você está contando alguma coisa que aconteceu, é um fato que você cobra na prova e acabou. Orientação Sexual, não. Você vai muito além do conceito, você trabalha conceito mas vai muito além. Você mexe mais com o íntimo de cada um.* *10 E_3- Eu acho que o professor passa pela vida do aluno e deixa um monte de coisas, sabe. Um monte de conhecimento e também ele leva um monte de coisas. O professor de Orientação Sexual vai muito além de um transmissor de conhecimento, ele trabalha com causas de vida*	A professora constrói os conceitos da Sexualidade junto com os alunos a partir da vivência e dos valores que eles carregam, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.	Trabalhar sexualidade é diferente de trabalhar os outros conteúdos

unesp

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
3 E_1- Depois que eu comecei a dar aulas eu comecei a ver os problemas da sociedade mais de perto. Então é assim: Você vê gravidez na adolescência. Você vê filhos que são molestados. Você vê violência. Você vê muita coisa perto de você. *E_3– Você mexe muito com o "pessoal" do aluno, com a vivência dele na casa dele, com os valores que são totalmente diferentes dos seus, de outros colegas, de outros alunos. Cada um vem de casa com uma realidade diferente.* *1 E_3– A Orientação Sexual mexe com valores, com tabus, com o "eu" de muita gente: Com o "eu" dos nossos alunos, com o "eu" do professor.* *2 E_3- Tem que estar desmistificando muita coisa, derrubando o preconceito muitas vezes, e tendo o cuidado de não estar interferindo naquilo que o aluno traz para você, de casa.* *12 E_2- Teve um menino que desenhou uma casa pequenina e um homem enorme dentro do desenho ... com uma cara de bravo (...) nos fomos ver quem era e descobrimos que o pai é assim, não pode nem olhar pra ele. É o tipo de pai que é repressor, que manda na família, e eu não sabia disso.* *8 E_3– Às vezes, a gente se depara com certas situações que o aluno traz da casa dele e você pensa assim: não, não é possível que isso acontece... Você vê no noticiário, nos programas sensacionalistas e você pensa assim: isso está muito longe da nossa realidade. E às vezes não está. Está mais perto do que a gente imagina. Menina de 11, 12 anos sendo molestada pelo pai, pelo padrasto, pelo tio.*	A professora preocupa-se com os problemas da sociedade e a realidade dos alunos	Educação sexual: escola versus sociedade
6 E_1- À medida em que você vai trabalhando, você vai também sendo forçada a procurar informações em livros, em revistas. Você começa a ver outras coisas e pensa assim: isso aqui eu posso usar como dinâmica. *11 E_2- Muitas vezes a gente não tem muitos recursos. É igual eu estava falando antes. A hora que vc começa a trabalhar você começa também a ver as coisas. E você pensa assim: isso aqui eu posso usar, isso aqui não funcionou.*	A necessidade de selecionar o material didático surge a partir do trabalho em sala de aula	É importante fazer uma seleção de material didático

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
4 E_7- Como é que eu fui montado as aulas? Eu conversei com a supervisora assim: Nós vamos montar conforme a coisa vai saindo, porque se eu chego já com um tema, eu não sei se eles estão interessados naquilo. *1 E_7– Eu via necessidade de trabalhar o nome do projeto primeiro. Pra conhecer, pra eles saberem o que a gente ia estar trabalhando. Então, a primeira coisa que eu fiz, foi trabalhar o nome do projeto, o significado, os objetivos. (...) Eu sondei aquilo que eles achavam, em um papelzinho, sem nome e sem nada.* *2 E_7- Eu peguei os papeizinhos e fiz um muralzinho. Coloquei tudo assim. E fui lendo. Alguns ficaram escandalizados. Principalmente as meninas. Só que muitas delas também têm preconceitos. São extremamente machistas. Eu trabalhei com eles o quebra-cabeça das famílias que tem aqueles quatro tipos de famílias. Onde tinha a mulher consertando o telhado e as meninas falaram: Professora, isso é trabalho de homem. Quer dizer, não admitir que uma mulher tem capacidade suficiente de pregar uma telha...* *3 E_7- Ah... um dia quando eu estava trabalhando sobre a virgindade, ele (um aluno) falou que não casa se a mulher não for virgem. E eu perguntei pra ele, mas então você vai transar com outras mulheres antes de casar? Lógico, eu posso transar com quem for, mas a minha que eu vou casar, pra ser minha, tem que ser virgem. E eu perguntei a ele: então você não tem que ser virgem não, já que você está exigindo? Ele disse: não, homem não tem que ser virgem. Sabe então assim, a hora que você joga pro lado dele ele acha que não.* *5 E_7- Na sala tinha, aquelas coisas assim, ah minha família é melhor que a sua, essas coisas assim, então eu quis mostrar exemplos de família, minha família é diferente da sua, é diferente dá do fulano e do cicrano. A gente não tem um modelo de família. E hoje aquele modelo de família de pai mãe e filhos não é modelo mais. E, muitas vezes, aquele que só tem a mãe e o filho vive muito melhor do que aquele que tem a mãe o pai e o filho.* *6 E_7- Então no quebra-cabeça da família eu já tirei as duas coisas. Eu tirei o exemplo de família e também a relação de gênero que eu comecei a trabalhar com eles. Eu explorei o lado das profissões, o que era de homem e o que era de mulher. Os objetos. Depois trabalhamos sobre AIDS, uma vez sobre virgindade também, mas foi uma aula só, nós não fechamos.*	A professora elabora estratégias para trabalhar com o conteúdo e também para suscitar as questões dos alunos	A questão de gênero subjaz a questão sexual

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
15 E_1- Naquela dinâmica que eu propus, eu queria que eles colocassem a diferença e eles quiseram me testar. Eu penso que sim. E depois a fala deles, indiretamente, eles foram falando isso pra mim. Por que eles falavam assim: Nós vamos escandalizar! Ela vai parar, ela não vai dar conta! Vai dar suspensão! Não ocorreu nada disso. Mas eu deixei bem claro que eles queriam colocar ali o nome dos órgãos genitais. Então eu falei pra eles. Isso é isso. Acabou. *16 E_1- Eu já li também que eles vão me testar o tempo inteiro. Então, muitas vezes, eles voltam a pergunta pra mim, pra eu falar o que eu penso. E aí, eu não deixo porque eles não têm que saber o que eu penso.* *17 E_1- Eu falei pra eles da importância de usar a camisinha pra se prevenir, da responsabilidade. Aí um aluno perguntou pra mim: Professora, mas a senhora usa camisinha com o seu marido? E aí? aí eu peguei e falei assim: Olha a vida particular minha não está em questão. Eu estou falando aqui no caso de vocês, pra vocês, como orientação. Agora, eu sou casada há nove anos. Até então vai daquilo que eu penso que é importante ou o elo que eu tenho. Da confiança que também vocês vão ter algum dia com alguém. Isso não quer dizer que quando a gente fala pra vocês que tem que usar camisinha é eternamente. E os filhos? Como vão vir? Bom na hora eles queriam saber assim, se ela falar que ela não usa, ela tá falando uma coisa e tá agindo de outra forma. Ao mesmo tempo se eu falar que eu uso como vou explicar que eu estou grávida? Você entende: então eles testam a gente mesmo. Eles querem saber o que eu acho. E de tudo que a gente passa para eles, eles querem retorno. Mas, depois desse dia, eles não fizeram mais perguntas pessoais.* *18 E_1- Às vezes uma resposta da gente pode influenciar a vida de uma pessoa pro resto da vida.* *5 E_3- Você não pode se expor, porque eu já li muito isso. Porque senão eles têm você como parâmetro.* *6 E_3- Quando ele vai pra parte do "pessoal" da gente, a gente tem que brecar. E deixar isso muito bem claro quando a gente está conversando com eles. Você não pode perguntar demais porque senão você dá direito a eles de te perguntarem também.* *12 E_3- Eu tenho que trabalhar o conceito. Entendeu? Então, é independente, eu não estou aqui para passar valor, eu estou aqui pra mostrar o caminho. Eu fico me policiando na minha sala porque o projeto é difícil de ser trabalhado sem a gente passar valores. (...)E não é... é muito complicado... mas a gente chega lá!*	A professora sabe que os alunos buscam modelos para seguir, por isso ela evita falar sobre sua vida pessoal e procura levar os alunos a refletirem sobre seus próprios valores.	O aluno busca modelo ou contra-modelo na professora

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
14 E_1- Eu tive uma experiência com o uso de tintas na sala, que se eu fosse pensar eu falava: Não, eu vou acabar com isso! Não vou fazer mais isso! Numa segunda vez que eu levei você não falava que eles tinham tido aquela atitude. Mas porque? Porque era novo. Eles nunca tinham mexido com tinta e acharam que podia passar no cabelo, nas paredes. Aí, depois eles tiveram que limpar toda a sala. Todas as mesas. Na segunda vez, os trabalhos ficaram ótimos. *13 E_2- Você viu, como é que foi aquele dia, eu nunca esqueço sabe, só que eu falei assim: se eu desistir agora eu vou me sentir derrotada, não é assim. Aí eu conversei com a supervisora e ela disse assim: Mas olha só, eles não mexem com tinta, a professora de artes não leva tinta lá de jeito nenhum. No segundo desenho (...) não teve problema de mesas sujas, porque eu pedi que eles trouxessem jornais. Não teve nenhum cabelo pintado (...) Então eu acho que o trabalho da gente, assim como é na disciplina também, você tenta uma coisa e não dá certo, você tem que ver onde estão os erros, você tem voltar, e depois você tira uma conclusão. De primeira instância você não pode falar, não está fadado ao erro e acabou. Então eu acho assim, eu fiquei menos decepcionada depois dessa vez.*	As experiências frustrantes ajudam no planejamento de novas aulas.	Aprende-se com os erros
5 E_1- Eu participo do projeto no Cemepe, que é um centro de estudos onde a gente se reunia no ano passado, uma vez por semana. Extraturno, sem ganhar. É uma coisa que você vai buscar. E esse ano os encontros aconteceram com um espaço maior, duas vezes por mês. Então sempre tem oficinas, sempre tem alguém que já trabalhou com projetos que já tem alguma idéia formada. *7 E_1– Você conversa com um professor que já está trabalhando. A troca de experiências tem também nos encontros. O que eu fiz que deu certo, o que eu fiz que não deu certo. Então você vai trocando a experiência e vai passando a usar também com a sua turma.* *8 E_1- Eu acho que a gente tem que buscar melhorar. Ter a qualificação pra isso porque não é só prática. Tem que ter o teórico da coisa. Se você não tiver teoria, você não terá uma boa prática. Então você tem que estar se aperfeiçoando.*	As reuniões, as oficinas, a troca de experiências e a teoria são aspectos que contribuem para a prática da professora.	A professora busca a formação continuada

unesp

Quadro 2 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Lia (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
7 E_7- Depois daquela aula sobre AIDS, eu fiz uma avaliação com eles pra saber como é que foi, se valeu a pena ou não. Todos eles, todos falaram que foi muito bom e querem que continue o espaço deles. *8 E_7- Agora eles começaram a perceber, quase no final do ano, que eles arrumaram um espaço ali pra poder estar conversando. Alunos que não participavam da aula na sexta-feira começaram a vir. Outros que não falavam nada nas primeiras aulas começaram a falar.*	A avaliação das aulas é feita na interação com os alunos	Avaliação: ocorre constantemente

Significações do discurso da professora Lia

A professora sabe que, nas primeiras aulas sobre sexualidade, os alunos ficam receosos, porém ela aprendeu que **eles aceitam e tornam-se mais interessados pelo conteúdo no decorrer do tempo.** Ela também sabe que esse tema interfere nos valores dos alunos e, por isso, permite uma **proximidade maior com eles,** pois descobriu que a participação deles é mais intensa quando existe uma relação de confiança e amizade.

Mesmo preparando-se para as aulas, em alguns momentos, a professora é surpreendida por algumas **perguntas inesperadas e imprevisíveis** devido à grande abrangência do conteúdo. Essas perguntas que surgem não são desprezadas, pelo contrário, a professora busca as respostas e procura **construir os conceitos da Sexualidade juntamente com os alunos a partir da vivência e dos valores que eles carregam, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.**

Cada aluno possui uma **realidade diferente** e, durante as aulas, a professora precisa ficar atenta para trabalhar as questões da sexualidade sem entrar em choque com os valores que os alunos recebem na família. Assim, ela procura fazê-los refletir sobre as questões que surgem no grupo. Essa forma de trabalhar exige que a professora busque outros recursos didáticos além dos poucos

que já existem na escola. Então, a partir do **trabalho em sala de aula,** ela vai selecionando **material didático** que é adequado ao conteúdo e aos alunos.

Na preparação das aulas, a professora também procura **elaborar estratégias para suscitar as questões dos alunos e,** a partir dessas questões, ela vai elaborando um planejamento que atenda as necessidades deles. Ela **sabe que os mesmos buscam modelos ou contra-modelos para seguir, por isso evita falar sobre sua vida pessoal,** levando-os a refletirem sobre suas próprias vidas sem apontar um modelo único de comportamento.

Algumas aulas acabam por se tornar frustrantes, porém para a professora, **as experiências frustrantes ajudam no planejamento de novas aulas,** assim como **as reuniões, as oficinas, a troca de experiências e a teoria.** Na maioria da vezes, a **avaliação das aulas é feita na interação com os alunos** ou por meio de observação direta do comportamento e dos trabalhos que eles realizam.

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
4 E_1- Muitas vezes um ou outro na sala fala assim: Professora eu preciso conversar com a senhora em particular. (...)Geralmente são dúvidas que eles têm, problemas sérios que eles estão enfrentando. *17 E_1- Tem que ter relacionamento com a sala, com a turma, pra gente saber o que é melhor.* *9 E_1- O que eu procuro fazer é estabelecer um relacionamento de confiança e de respeito com os alunos.* *10 E_1- Já fiquei depois do horário com menino conversando.* *11 E_1– Eu procuro mostrar pra eles que eu estou ali. Que eu não virei as costas pra eles. Se eles precisarem eles podem estender a mão que eu estou lá. Não no sentido de ser aquela conselheira, de ser uma pessoa religiosa, porque não é essa a função. Mas no sentido de perceberem que eu estou disposta a ouvi-los, porque isso faz diferença na vida das pessoas. Porque quando a gente divide um problema a gente fala com as pessoas e divide a carga. Isso dá um certo alívio.* *12 E_1- A minha interferência tem que ser no sentido de estar animando, de estar conversando, muitas vezes eles pensam que o problema é enorme e não é. É uma coisa simples que as pessoas estão exagerando. Que eles mesmos estão vendo assim muito potencializado. Então eu procuro acalmá-los e basicamente é isso. Mais eu ouço do que falo qualquer coisa. Procuro ser aquela pessoa com quem eles podem contar.*	O relacionamento, a confiança e o respeito entre a professora e alunos se fortalecem a partir das conversas informais.	A professora tem que estar e se mostrar disposta

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
1 E_2. Na questão da orientação Sexual o aluno vai expor coisas dele. (...) O que eu acho interessante é que, a partir do momento que vai chegando o conhecimento, eles vão assim se sentindo aliviados por que às vezes eles já tiveram alguma experiência e por falta de informação e por falta de uma pessoa de confiança mesmo, eles ficam às vezes com medo de uma série de coisas, *2 E_2. É uma série de coisas que eles têm envolvimento, mas não têm o discernimento correto, O que fazer? Como fazer? e acaba ficando um pouco complicado pra eles.* *26 E_1. Eles têm pouca oportunidade de estar em contato com esses assuntos*	A professora sabe que a falta de conhecimentos causa confusão e complicação na vida dos alunos.	O adolescente é mal informado, é confuso e tem medo
18 E_1- Qual é o momento que eu preparo as minhas aulas? Às vezes eu estou no coletivo e tenho que trabalhar, por exemplo, namoro. É uma turma de quinta série, eles estão começando a se descobrir, a descobrir o corpo, a sexualidade. Como eu vou introduzir esse assunto? Aí eu fico pensando uma maneira, uma dinâmica, um material, e aí eu procuro sempre na biblioteca um texto que possa me ajudar. Eu seleciono esses textos, muitas vezes eu xeroco e não uso porque eu vejo não ...não vai dar. Então é assim, não tem uma coisa padrão. Eu estou sempre preocupada, se eu vou numa livraria, eu já vou procurando o que vai me servir? O que vai ser bom para eu trabalhar? Se eu ouço uma música eu penso: olha, essa música eu acho que deve dar certo com tal turma. Eu estou sempre olhando ao meu redor o que eu posso aproveitar pra trabalhar nas aulas.. *20 E_1- Eu estou sempre olhando ao meu redor o que vai me servir, pois a qualquer momento pode surgir uma aula pra manhã, por exemplo. Mas eu tenho um planejamento prévio, eu tenho uma estrutura do que eu vou trabalhar durante mais ou menos duas semanas.* *22 E_2– Nós que trabalhamos, com essa matéria, a gente não sabe tudo. Mas aí a gente tem que buscar, onde pesquisar* *23 E_2– Tem que haver uma pesquisa. Tem informações que são bem técnicas que a gente tem que buscar.*	O planejamento prévio possibilita que a aula seja formulada e reformulada em qualquer momento.	Planejamento das aulas: atividade do dia-a-dia

unesp

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
6 E_1- A maioria dos alunos tem problemas familiares, sentimentais, eles têm uma auto-estima muito baixa. Eles se sentem muito humilhados pela família, pelo meio em que eles vivem. *7 E_1- A faixa etária que eu trabalho é com pré-adolescente e adolescente. O adolescente se sente muito incapaz. Ele tem muitos problemas na área sexual. Muitos são abusados sexualmente pela própria família.* *8 E_1- O que eu tenho observado, que tem me dando até uma certa inquietação, é o problema de relacionamento sexual entre familiares: é altíssimo. Na infância já. Experiências sexuais de um irmão com o outro. De pais molestarem os filhos, as mães. (...) no caso das meninas, que elas começam a entender na puberdade o que é a virgindade e aí elas ficam muito angustiadas. Será que eu ainda sou virgem? Eu tive uma experiência assim na minha infância. Eu não sei se eu sou ou se não sou. Por outro lado, tem muitas mulheres aqui que são prostitutas e os filhos estudam aqui com a gente. Então não existe um padrão de comportamento. Entra em choque com aquilo que muitas vezes é ensinado na aula. A questão do respeito, que tem a hora certa entra em choque com aquilo que ele vê em casa. às vezes ele tem três quatro irmãos, cada um de um pai diferente. Cada dia ele vê a mãe com um homem diferente e isso causa conflito interior muito grande. Então os problemas que eu vejo mais sérios são esses, de relacionamento familiar, de relacionamento emocional, sexual, dele consigo mesmo.* *25 E_2– Cada família dá uma orientação diferente pros seus filhos. Então a gente precisa conhecer a realidade da orientação dessa família.*	A realidade dos alunos provoca reflexão durante o planejamento e execução das aulas.	Existe reflexão sobre a realidade dos alunos.

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
3 E_1- O conteúdo tem que ser trabalhado da forma adequada para o aluno, não passando por cima do sentimento dele porque se ele tiver com problema ele não vai aprender. *5 E_1- Eu hoje não tenho aquela preocupação tanto com o conteúdo, mas em me relacionar com os alunos durante a aula. (...) Eu me preocupo muito mais em ouvi-los do que estar passando um conhecimento já pré elaborado. E isso tem feito uma diferença enorme nas aulas e nos alunos o resultado tem sido melhor.* *14 E_1- O conteúdo que eu vou trabalhar na sala, parte do aluno. O que ele sabe? Quais são as dúvidas que ele tem? Qual o relacionamento dele com aquele assunto especificamente? Quais são as lendas que ele tem em mente a respeito daquele assunto o que tem de verdade, né. (...) Procuro trabalhar sempre partindo deles.* *14 E_2- Eu sempre, no começo de cada semestre, pergunto pra eles quais são os temas que eles gostariam de ver. Geralmente é namoro, família, drogas, violência, esse tipo de coisa que o adolescente vê.* *15 E_2- Eu tenho uma estrutura que é minha e eu acompanho assim uma certa lógica. Os temas que eu percebo que têm uma certa prioridade eu vou encaixando em uma estrutura que é minha. Eu dou liberdade para eles estarem colocando o que eles querem estudar pra eu encaixar com aquilo que eles realmente precisam.* *16 E_2- Geralmente eu começo com a questão da identidade. O que é importante pra ele? Como ele se situa nesse mundo? Onde ele vive? Qual é a importância dele pra ele mesmo? Como ele se definiria pra ele se conhecer? Saber o que ele é. Fugir dos rótulos e trabalhar a questão da auto-estima. Eu passo para a família, o trabalho, as relações familiares. Depois da família é que eu começo a trabalhar a questão do namoro. Aí eu começo o namoro desde outros tempos. Como é que era o namoro. O que é que é namorar. O que é o ficar. O que é paixão. Diferencio a paixão de amor. Falo de todos os sintomas da paixão. calafrios, tremores nas mãos. Passo pra eles isso aí depois eu trabalho também a amizade. Qual é a importância do amigo. O que é ser amigo. Peço pra pensarem se eles estão sendo realmente amigos. Como que um amigo não critica o outro. O amigo respeita as diferenças.* *17 E_2- Depois que nós trabalhamos esses assuntos (São assuntos que demoram um pouco pra serem trabalhados.) é que nós entramos nas questões efetivamente ligadas com a sexualidade. Aí eu entrei por onde? Comecei pela puberdade. Quais são as mudanças físicas que acontecem no corpo? Tudo que acontece no corpo. Tudo que acontece de mudança psicológica. Pedi pra eles desenharem, livremente, da puberdade o que mais chama a atenção deles, o que eles relacionam quando ouvem a palavra puberdade, o que vem à mente. (...) Depois da puberdade vou ver se eu lembro o que eu trabalhei?... trabalhei com eles casamento e depois de casamento nós trabalhamos a questão da violência, que foi o tema do Encontro. Municipal de Adolescentes, aqui em Uberlândia. E a última coisa que eu trabalhei com eles foi sobre DST.*	O conteúdo é estruturado na mente da professora que o adapta de acordo com o sentimento, as necessidades e o conhecimento dos alunos.	Conteúdo: é necessário adequar às necessidades dos alunos

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
22 E_1- Eu lido com seriedade com a pergunta dele e isso gera um ambiente de confiança onde ele pode estar perguntando assim abertamente o que ele tem dúvida. *23 E_1- Eles estão me perguntando assim, abertamente. (...) Então eu fiquei muito feliz de ver que eles não tinham muito constrangimento de ficar falando as coisas deles. Eu acho que isso é muito importante. Nós temos que partir disso, de um ambiente de confiança, sem máscaras, né, pra poder falar desse tipo de coisa.* *3 E_2- Na sala de aula, antes de entrar na questão da sexualidade eu trabalho muito com eles com relação ao respeito às perguntas do colega.* *4 E_2- Mantive uma postura de seriedade durante o tempo todo que eu trabalhei com esses assuntos e eu percebi que os alunos entenderam essa seriedade e até o vocabulário que eles usaram para fazer as perguntas, para se colocarem, era um vocabulário assim respeitoso, usando os termos corretos dos órgãos sexuais. Eles sabem o apelido mas se dirigiam corretamente.* *21 E_2- Eu caminho pelo lado da seriedade. Venho com a informação correta e paro por ali.* *18 E_2- Uma coisa que envolve sentimento não é tão simples assim, é uma coisa séria. Então eu acho que levar a sério é isso, mostrar pra eles que o envolvimento sexual é uma coisa íntima que vai envolver todo o sentimento deles. Que vai envolver a afetividade. O respeito que eles têm com eles mesmos. O respeito que eles têm pela outra pessoa. Então eu chamo isso de seriedade.* *19 E_2- Eu sempre mostro isso pra eles. Que eles é que têm que vir em primeiro lugar. (...) Então eu não aceito piadinhas, não aceito brincadeira, não aceito desrespeito com o colega. Os termos que são usados têm que ser corretos e dou abertura total pra eles perguntarem aquilo que eles quiserem.* *20 E_2- Um menino me perguntou assim: Professora, se um homem transar com a vaca, a vaca vai engravidar dele? Os alunos começaram a rir. Eu perguntei: Por que você está me perguntando isso? Ele falou: Porque ontem, no Ratinho, apareceu um cara que transava com uma vaca, o outro transava com uma égua. Eu levei a sério a pergunta dele*	Existe uma preocupação em criar um ambiente de confiança e seriedade para que os alunos possam participar da aula sem temer críticas dos colegas	Cria-se um ambiente de confiança e seriedade nas aulas

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
16 E_1. Eu fico assim...procurando material escrito que possa me ajudar mas tem pouca coisa nessa área. Então muitas coisas vêm da minha cabeça. A maioria das dinâmicas que eu faço vêm da minha cabeça mesmo. Eu invento. Aí outras eu pego com pessoas que me passam. Olha eu fiz isso, isso é legal e ai eu faço. Às vezes uma dinâmica numa sala dá certo e na outra não dá. É com a convivência a gente vai aprendendo. *5 E_2- Eu busco textos, livros, eu procuro o pessoal de Ciências, eu tô sempre procurando o pessoal de Ciências e falo: Olha, eu vou entrar no assunto AIDS. Foi o último que eu fechei com eles. Eu falo: Você tem algum texto atualizado?* *19 E_1- Eu recortei em formas geométricas os pedaços de EVA pra tá trabalhando aqui na sala com os meninos da escola. Eu coloquei no saquinho e quando eu chego, eu distribuo tudo aleatoriamente. E vou formando grupos com aquelas cores, com formas geométricas pra poder trabalhar com eles a questão da integração.* *21 E_1- Eu tenho uma caixinha que eles colocam perguntas. Eles podem colocar Quando ficam constrangidos ou falar oralmente. Pelas perguntas deles, pelas colocações eu observei que a dúvida deles é como cuidar dos pêlos e principalmente dos pêlos pubianos.*	O material didático provêm de várias fontes e serve como suporte para a professora conhecer as idéias prévias dos alunos.	Valoriza-se o uso de material didático e das estratégias de ensino

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
13 E_1. Eu geralmente trabalho com muitas dinâmicas pra poder saber o que o menino tá sentindo, o que ele tá passando pra poder se abrir, de uma forma que não seja chocante e também que ele não se sinta invadido.(...) Então eu trabalho com várias dinâmicas diferentes pra que seja propiciado um ambiente de confiança, de respeito, em que o aluno possa estar se colocando. A partir daí, eu faço uma sondagem de quais são os problemas de cada sala, do que eu preciso trabalhar, de qual é ou quais são as principais dúvidas, aí eu seleciono e venho com o conteúdo. Mas sempre, quando eu vou começar qualquer conteúdo, eu vejo com eles o que eles sabem a respeito do assunto e a partir daí é que eu trabalho. Tem salas que pode ser o mesmo tema, o mesmo assunto, mas eu vou por caminhos diferentes, numas eu aprofundo mais, noutras não. *15 E_1- A gente faz umas dinâmicas diferentes para que eles possam estar falando. Então nessas dinâmicas eles falam sobre assuntos variados. Sobre relacionamento, sobre namoro, sobre saúde, religião, e aí eu consigo captar alguns assuntos que mexem com eles. Outros que eles não querem falar. Porque quando o aluno fala assim: Eu não quero participar. Eu não quero falar sobre isso. Tem alguma coisa ali que tá ferida, que precisa ser abordada de uma maneira diferente. Então mesmo o silêncio do aluno, se ele se recusar a participar isso é importante pra mim enquanto sondagem, entendeu?* *6 E_2. A primeira coisa que eu fiz foi passar um papel para os alunos escreverem o que eles sabiam sobre a AIDS (...) quais as dúvidas que eles tinham. Então eu vi que de fato eles tinham (...) informação básica.* *7 E_2. Trabalhei com eles o texto passando as informações sobre a AIDS, como se pega, quais são os sintomas, como se previne(...) o porquê dos preconceitos. Em Seguida, eu projetei pra eles dois vídeos.* *8 E_2. Passei pra eles conhecerem o preservativo masculino e o feminino, demonstrei como se usa, falei o valor, quanto custa, qual a importância, os prós e contras dos dois, o que se pode evitar usando esses preservativos. E depois eu pedi que eles estivessem elaborando uma campanha informativa sobre como se prevenir contra a AIDS.* *24 E_2- Sempre eu explico de maneiras diferentes. Tem a parte de texto, tem os debates em sala de aula que são importantes porque aí o aluno vai se colocar. Sempre eu passo um vídeo informativo sobre o assunto. Então se ele não pegou no debate, se ele não pegou no texto, ele vai ver no vídeo, ele vai entender. E muitas vezes ainda eles me perguntaram ou por escrito, ou oralmente. A maioria pergunta oralmente e eu levo essa informação. Tem algumas pessoas que até me procuram em separado depois, e eu digo. Se tem alguém que saiu sem entender alguma coisa não é do meu conhecimento.*	As dinâmicas fornecem pistas de como abordar e trabalhar o conteúdo de diferentes maneiras, partindo das idéias prévias dos alunos.	A professora utiliza estratégias variadas para ensinar o conteúdo

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
28 E_2– Respeitar o professor. A forma pela qual eu sei lidar com a questão da indisciplina é sempre mostrando pra eles a necessidade de estar respeitando o ambiente em que ele está, respeitando o colega, respeitando o professor. *27 E_2– Tem que ter respeito com o professor de Ciências ou existir até um acordo entre nós. Tem que estar trabalhando juntos pra não repetir as mesmas coisas. Às vezes até se tornar cansativo. Tem que ter respeito por aquilo que o aluno acredita, por aquilo que a família dele passa pra ele, mas esse respeito não impede que a gente levante questionamentos e venha com a informação correta pra eles.* *26 E_2– Depois a gente tem que ter um cuidado constante de não estar dando a opinião da gente. Tem que estar jogando pra eles. Tem que perguntar. O que você acha que deveria fazer? E o cuidado que a gente tem que ter também é não entrar em conflito com as informações da professora de Ciências, com a professora de Orientação Sexual. Tem que falar uma linguagem única. Se um trabalhar o assunto o outro não trabalha. Ou então trabalha, mas em viés diferente.*	A professora valoriza a comunicação e o respeito com os alunos e entre os professores	É importante construir um discurso único com os outros professores
9 E_2– Particularmente, eu achei que os trabalhos ficaram muito bons. Eles entenderam bem. Através dos trabalhos, eu pude avaliar o que eles entenderam e o que eles não entenderam. *11 E_2– Esses assuntos da sexualidade a gente só avalia através do comportamento. Se há uma mudança de comportamento do aluno com relação a esses assuntos eu já avalio como uma forma positiva.* *12 E_2– Eu vejo assim que a única forma da gente avaliar o aluno nessa disciplina é pelo comportamento (...) o fato do aluno ter confiança já é uma avaliação positiva (...) E avalio através do trabalho que os meninos fizeram também, porque eu deixei livre a criação deles.* *13 E_2– Então eu avaliei dessa maneira. Observando não só o comportamento deles, mas também todos os trabalhos que foram feitos.* *10 E_2- A maneira como eu conduzi, eu achei que foi a coisa que deu mais certo.*	A mudança de comportamento e os trabalhos realizados pelos alunos servem para avaliar a efetividade das aulas	As aulas são constantemente avaliadas

Quadro 3 - Convergências das Unidades de Significado da Professora Isa (Continuação)

1ª Interpretação: Unidades de significado	*2ª Interpretação: Transformação*	*3ª Interpretação: Expressão Sintética*
24 E_1 - Eu vejo que é importante trabalhar sim a sexualidade como um todo, não quer dizer só a questão genital. Então é necessário trabalhar porque a realidade em que vivemos é de alunos que vão pra escola pra namorar. Eles trocam carícias entre si. É necessário ter uma orientação sexual. Tem muito menino que fica brincando de pegar no bumbum um do outro. Isso é uma questão de sexualidade que tem que ser trabalhada. *25 E_1 - Tudo que fala sobre esses assuntos eu pego xeroco, separo, porque pode não me servir agora mas em algum momento eu posso utilizar aquilo lá.* *27 E_1 - Eu acho muito bom trabalhar com Sexualidade, só que é trabalhoso, porque uma aula é diferente da outra.* *28 E_1 – Nessa aula de sexualidade cada sala é uma aula diferente, é uma dinâmica diferente, é uma abordagem diferente, então é mais trabalhoso pra nós.*	A professora reconhece a importância de trabalhar a sexualidade como um todo	A sexualidade é trabalhada apesar das dificuldades
1 E_1- A nossa responsabilidade é muito maior do que passar conteúdo. (...) Se eu falo para meu aluno que ele tem que ter calma, que ele deve ter respeito pelo colega, que ele tem que ter educação, e eu não tenho com ele, não funciona, tudo que eu estou falando fica perdido. *2 E_1- Hoje eu entendo que ser professora você exerce valores, não que seja um herói ou um anti-herói, mas o aluno observa tudo que nós estamos fazendo.*	A professora preocupa-se em ter atitudes coerentes com o que ensina.	A professora é modelo para o aluno

Significações do discurso da professora Isa

A professora dispõe-se a ficar conversando com os alunos, pois descobriu que nesses momentos **o respeito, a confiança e o relacionamento entre eles vai fortalecendo-se**. Ela julga essas conversas informais, pois descobriu que a disposição para ouvi-los auxilia no reconhecimento das necessidades da turma

A professora sabe que a falta de conhecimentos causa confusão e complicação na vida dos alunos, então ela procura planejar aulas

diferenciadas focalizando as questões principais que surgem em cada turma. Assim, partindo de um **planejamento prévio que lhe possibilita formular e reformular uma aula em qualquer momento**, ela procura adequar suas aulas à realidade dos alunos. Dessa forma, a professora que possui **o conteúdo estruturado na sua mente adapta-o de acordo com o sentimento, as necessidades e o conhecimento que os alunos já possuem.**

Durante uma aula os alunos apresentam questionamentos que, em princípio, parecem estar fora do contexto da aula. Porém, a professora faz a contextualização da questão e discute o assunto. A professora sabe da importância desses questionamentos e procura criar **um ambiente de confiança e seriedade para que os alunos possam participar da aula sem temer serem criticados pelos colegas.** Ela gosta de **utilizar material didático para conhecer as idéias prévias dos alunos,** por isso, constantemente, pede informações para outras professoras ou, sempre que é possível, ela mesma constrói seu material.

Além de utilizar material didático, a professora também gosta de aplicar dinâmicas durante as aulas. Ela aprendeu que **as dinâmicas fornecem pistas de como abordar e trabalhar um conteúdo de diferentes formas** para facilitar a aprendizagem dos alunos, sempre partindo das idéias prévias deles. Essa preocupação de ensinar um conteúdo de maneiras diferentes, também, auxilia a professora na transformação que ela faz do conteúdo disciplinar em conteúdo de ensino. Ela ressalta que para fazer interdisciplinaridade é fundamental a **comunicação e o respeito com os alunos e entre os professores.**

É no comportamento dos alunos e nos trabalhos que eles realizam nas aulas que a professora busca itens para **avaliar a efetividade do ensino. O reconhecimento da importância de trabalhar com os temas da sexualidade na escola,** o conhecimento de que a educação familiar é um fator de interferência no entendimento dos alunos e **a preocupação em ter atitudes coerentes com o que ensina** provocam na professora uma reflexão sobre a relevância do tema e sobre a sua atuação enquanto educadora sexual.

Convergências e divergências entre as significações evidenciadas pelas professoras: Ana, Lia e Isa

A partir das expressões sintéticas, encontradas no momento da *análise ideográfica*, realizamos uma reflexão na busca de uma aproximação à compreensão do fenômeno interrogado: *desenvolvimento do "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo" de Sexualidade* e, assim, chegamos no momento da *análise nomotética*. Tal análise permitiu-nos constituir três categorias que revelam indicadores de como o desenvolvimento acontece. São elas: Família que aborda a questão da repressão, do constrangimento e dos valores; Escola que discute sobre alunos, dificuldades, planejamento, conteúdo, formação contínua e avaliação; e, por último, Sociedade que aborda a questão de modelos e implicações.

Família: repressão, constrangimento, valores...

Repressão

A questão da repressão aparece oculta no discurso das entrevistadas. Aceitar um filho carregar um preservativo é o mesmo que aceitar que ele tenha uma vida sexual ativa, por isso, as professoras acreditam que, mesmo tendo a consciência de que seus filhos já estão praticando sua vida sexual, os pais evitam oferecer métodos contraceptivos aos filhos, visto que isso significa romper com alguns tabus existentes na sociedade como o da virgindade e do casamento.

Constrangimento

Os discursos revelam que os pais não discutem sobre sexualidade com os filhos porque não foram preparados para isso e ficam constrangidos. Então preferem dizer que não têm tempo e deixam essa tarefa para a escola. Alguns pais tentam romper com essa situação e, na tentativa de justificar a ausência do diálogo, compram livros e revistas para os filhos, acreditando que essa é uma forma de educação sexual.

Valores

Todos os discursos apontam as professoras reconhecendo que cada família tem seus próprios valores e os repassam para seus filhos. Juntamente com esses valores, as famílias acabam repassando, também, preconceitos, tabus e mitos. Assim, em uma mesma sala de aula, uma professora tem que lidar com diferentes valores e, ao mesmo tempo, trabalhar os preconceitos que surgem no grupo com a preocupação de que o reflexo das suas aulas atingirá a sociedade como um todo.

Escola: alunos, dificuldades, planejamento, conteúdo, formação continua, avaliação

Alunos

Todos os discursos revelam que os alunos ainda não estão preparados para as aulas que discutem os temas da sexualidade. Eles ficam constrangidos e não sabem comporta-se, alguns fazem brincadeiras maliciosas e outros ficam desconfiados e ressabiados. Não existe, geralmente, um espaço físico para a discussão desse conteúdo na escola, por isso as informações que os alunos possuem são, na maioria das vezes, deturpadas, causando confusão e medo de exercer a sexualidade de forma contrária ao que a sociedade espera.

As convergências entre os vários discursos mostram que, diante das atitudes dos alunos, as professoras foram descobrindo que, para ter eficácia nas aulas, é necessário extrapolar a relação que normalmente se estabelece entre professor e aluno. De início, é preciso ganhar a confiança deles, pois o conteúdo da sexualidade mexe com "eu" de cada um. Essa confiança é adquirida aos poucos na medida em que o aluno vai ganhando liberdade para falar. Ele precisa falar e ser ouvido para conseguir refletir sobre seus próprios problemas. Assim, todas as entrevistadas atribuem um grande valor àquilo que o aluno tem para falar. Para elas, ouvir o aluno é fundamental para estabelecer um vínculo afetivo e criar amizade. Elas reconhecem a necessidade de permitir uma proximidade maior

entre professor e aluno, para quebrar o tabu de que sexualidade não é assunto para ser discutido. Elas acreditam que é importante ouvir os alunos e o fato de trabalharem com educação sexual ajudou-as a ter essa compreensão.

As convergências, também, apontam a crença das professoras na necessidade de tratar o conteúdo de sexualidade com respeito e seriedade Esse conteúdo mobiliza-as para os problemas pessoais dos alunos. Elas perceberam o quanto tais problemas interferem na vida, no ensino e na aprendizagem deles e contam que, às vezes, os alunos querem simplesmente falar sobre algo que está acontecendo na sua vida para desabafar. Falando, ele se sente aliviado e participa da aula.

Dificuldades

Os discursos mostram que as professoras enfrentam muitas dificuldades para a construção do ensino de sexualidade. Inicialmente, elas precisam superar o constrangimento de falar sobre esse assunto e, também, elaborar estratégias para lidar com o constrangimento dos alunos. Além do constrangimento, as professoras deparam-se com a resistência dos alunos ao conteúdo. Elas aprenderam que essa resistência é vencida com o tempo, na medida em que vai aumentando o interesse do aluno pelo conteúdo. Elas, também, aprenderam que precisam lidar com os tabus que surgem no grupo durante uma discussão, sem impor uma única forma de pensar.

Outra dificuldade que é ressaltada na convergência dos discursos é a questão da necessidade de preparar aulas que atendam aos interesses de cada turma. As professoras descobriram que cada turma tem interesses diferentes dependendo da idade, da educação recebida na família, das vivências de cada aluno. Esse fato exige que elas prepararem aulas diferenciadas e isso implica maior tempo de preparação das aulas, maior conhecimento de conteúdo, maior conhecimento de estratégias que se adequam a cada conteúdo e a cada turma, além de maior envolvimento do professor com o conteúdo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Planejamento

Os discursos mostram que as professoras possuem uma grande preocupação em adequar o conteúdo às necessidades dos alunos. Uma das formas que elas encontraram foi utilizar estratégias e dinâmicas para conhecerem as idéias prévias que eles têm sobre sexualidade. Assim elas elaboram o planejamento das aulas e vão modificando-o de acordo com as atividade que surgem no dia-a-dia da sala de aula, pois o conteúdo não é ensinado em uma seqüência. Pelo contrário, as professoras vão trabalhando com os temas que surgem nas aulas e, por isso, estão constantemente replanejando.

Elas revelaram, também, que o uso de material didático e estratégias variadas auxilia no desenvolvimento da aula. Trabalhando de uma forma mais lúdica, os alunos ficam mais desinibidos e, conseqüentemente, têm uma maior participação nas aulas. Elas valorizam o uso do material didático e fazem uma seleção de quais são os mais adequados ao conteúdo que será ensinado. Como a escola não dispõe de muitos recursos pedagógicos, na maioria das vezes, são elas mesmas quem constroem o material utilizando sua criatividade.

Além disso, todos os discursos apontam que as professoras atribuem um grande significado à questão do respeito com os conteúdos ensinados pelos outros professores. Mesmo possuindo um planejamento prévio e preparando aulas para atender as necessidades dos alunos, as professoras buscam conhecer o que os outros professores estão ensinando para evitar dar o mesmo enfoque no conteúdo de sexualidade. Por exemplo, a puberdade é abordada nas aulas de educação sexual de maneira mais informal, privilegiando-se as questões psico-sociais como as dúvidas dos alunos e os sentimentos que surgem nessa fase. As questões biológicas, geralmente, são tratadas pela professora de ciências.

Conteúdo

Em seus discursos as professoras revelaram que constantemente buscam novas formas para ensinar o conteúdo. Essas formas envolvem jogos de quebra-cabeças, pinturas com uso de tinta escolar, dramatizações, caixinhas de perguntas, uso de gravuras, projeção de filmes, jogos variados, concurso de melhor frase ou desenho, entre outras. Elas afirmaram que preparar material para as aulas é muito trabalhoso, porém elas valorizam o uso desse material, pois sabem que, trabalhando com o conteúdo de sexualidade de uma forma mais lúdica, fica mais fácil para o aluno participar sem sentir-se constrangido.

Os discursos, também, apontam que as professoras descobriram que podem tratar o conteúdo de sexualidade numa abordagem interdisciplinar fazendo uso de textos, explorando as gravuras dos livros didáticos ou mesmo trabalhando as situações que surgem no meio de uma aula ao invés de apenas ignorá-las ou fingir que nada aconteceu como, por exemplo, quando algum aluno leva uma revista pornográfica para a sala de aula ou quando eles fazem brincadeiras no momento que uma palavra qualquer[9] é pronunciada pela professora durante uma explicação. Além disso, as professoras também descobriram que vão aprendendo a trabalhar com o conteúdo a partir dos erros e das perguntas dos alunos. Dessa forma, elas vão aprendendo enquanto ensinam, pois uma pergunta para a qual elas não possuem respostas leva-as, conseqüentemente, a estudar mais.

Formação contínua

Os discursos mostram que as professoras têm uma grande preocupação em aprender o conteúdo, por isso elas participam de grupos de estudos, de reuniões e de oficinas. As convergências apontam que as três professoras atribuem um grande valor à teoria e acreditam que as aulas podem ser melhoradas a partir da aprendizagem que elas adquirem nos encontros e nas

[9] como: cobra, perereca, introduzir, dar e enfiar entre outras.

palestras que freqüentam. Elas, também, valorizam as informações que podem ser adquiridas no meio extra-acadêmico como as conversas informais com os profissionais da área de saúde.

Na fala das professoras fica evidente que, à medida que elas começaram a trabalhar com a Sexualidade como conteúdo, foram surgindo questões que as direcionavam para a busca de literatura especializada, pois esse tema tem uma abrangência muito ampla e elas sentiram que precisavam ter um bom conhecimento do conteúdo para continuarem atuando como educadoras sexuais, uma vez que a confiança do aluno na professora está relacionada, também, ao fato de que ela, teoricamente, possui um conhecimento mais amplo que o dele sobre sexualidade.

Avaliação

Na convergência dos discursos, todas as professoras demonstraram que estão, constantemente, realizando avaliação nas aulas. Nesse tipo de conteúdo não existe atribuição de notas para o aluno, porém as mudanças que se vão expressando no comportamento do grupo como, por exemplo, alunos que deixam de lado as brincadeiras de passar a mão no corpo do outro, alunos que param de escrever nas portas dos banheiros e os que falam sobre sexualidade de forma natural sem risadinhas ou tentativas de esconder o rosto, são mudanças avaliadas como positivas pelas professoras. Essas observações, assim como os trabalhos e a participação dos alunos em sala de aula, são anotadas por elas e auxiliam no momento de avaliação do projeto.

Sociedade: modelo, implicações...

Modelos

As convergências dos discursos mostram que os alunos buscam modelos para seguirem e observam tudo o que as professoras fazem. Encontramos uma divergência em um dos discursos em que a professora gosta de ser modelo

para os alunos, pois sabe que eles sempre observam o comportamento dela. Os outros discursos mostram que as professoras não gostam de ser modelos para os alunos e explicam-lhes que eles devem refletir sobre a própria vida a partir das discussões que surgirem nos debates e decidir por um caminho a seguir, já que todos eles possuem experiências e vivências diferentes e cada um tem sua própria identidade.

Implicações

Em todos os discursos, as professoras expressam a necessidade de estar bem com sua própria sexualidade para falar sobre esse tema com os alunos. Essa é uma necessidade imposta pelo próprio conteúdo para evitar que, de um momento para o outro, elas assumam posturas pessoais perante uma classe que esteja discutindo um assunto polêmico ou não, como, por exemplo a legalização do aborto. Se em algum momento da vida, uma professora vivenciou uma situação de aborto e ficou com traumas que não foram superados, quando esse assunto surgir em uma classe, possivelmente, ela terá uma dificuldade maior para lidar com essa questão sem deixar transparecer seus sentimentos ou manifestar sua opnião pessoal.

As convergências apontam que as professoras têm como objetivo maior trabalhar as questões da sexualidade como forma de prevenção para problemas na vida dos alunos. Entretanto, isso exige muita responsabilidade pois elas sabem que o aluno adolescente é muito influenciável e sabem, também, que o fato de ensinar um aluno a se proteger de possíveis doenças ou mesmo de problemas relacionados à sexualidade proporciona a ele uma certa autonomia que pode influenciar a sua decisão de iniciar ou não a vida sexual ativa. Todas as professoras afirmam que esse risco existe, porém acreditam que o aluno bem informado poderá tomar melhores decisões. Os discursos ainda apontam que as professoras estão constantemente refletindo sobre sua prática no sentido de aperfeiçoá-la, pois sabem que as aulas são um importante mecanismo de provocar mudanças na sociedade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A VOZ DAS PROFESSORAS E A LITERATURA

A partir do momento em que se inicia o ensino do conteúdo de Sexualidade, surge, paralelamente, uma necessidade de buscar formas mais adequadas para o ensino desse conteúdo devido as particularidades que ele impõe. Assim, as professoras revelaram estar constantemente buscando integrar o conteúdo com estratégias adequadas. Essa não é uma prática recente e nem se aplica especificamente a esse conteúdo. Verificamos que, durante muito tempo, o conteúdo disciplinar e a pedagogia formavam um todo, não havendo distinção entre Conhecimento do Conteúdo e método pedagógico. Isso aconteceu durante a transição da Idade Média para a Idade Moderna, séc. XVI, quando Comênio propôs um "método único de ensinar tudo a todos". Ele imaginou que esse método único de ensino poderia "ensinar tudo a todos" de uma maneira rápida e eficiente (MARTINS, 1996, p.80).

Shulman (1986, p.5) salienta que, no final do séc. XIX, as avaliações para testar a competência de professores davam maior ênfase ao conteúdo, deixando a pedagogia de lado. Isso acontecia em decorrência do desenvolvimento industrial e tecnológico de países europeus e também dos Estados Unidos, que exigiam uma maior sincronização do trabalho. Segundo o autor, "nos testes aplicados para seleção de professores, a maioria dos itens abordava questões curriculares, e conhecimentos como métodos e prática de ensino eram superficialmente abordados, tornando-se secundário na qualificação do professor." Ressaltamos que ainda hoje, o provão das Licenciaturas não tem cobrado o *conhecimento pedagógico*. Existe um movimento no sentido de se incluir provas pedagógicas, mas, por enquanto, a competência dos cursos é avaliada apenas em *conhecimentos específicos*, com exceção do curso de Pedagogia.

A partir da segunda metade do século XX, verificamos que a preocupação em relação à educação estava voltada ao desenvolvimento da tecnologia educacional, tendo em vista maior efetividade e produtividade do ensino. Em relação às pesquisas em educação, notamos que a preocupação dos pesquisadores, acerca dos métodos de ensino visando a desenvolver a aprendizagem dos estudantes, começou a ficar mais evidente. Segundo Grossman et al., (1989, p.25, tradução nossa)

> as primeiras pesquisas sobre o conhecimento do professor baseavam-se em encontrar relações estatísticas entre o que os professores sabiam e o que seus alunos aprendiam. A maioria dos estudos feitos nesse sentido mostrou pouca ou nenhuma relação entre o conhecimento do professor e a aprendizagem do aluno. Essas pesquisas falharam por inúmeras razões, entre as quais a possibilidade de que não há relação entre o que os professores sabem sobre o conteúdo específico e o que os alunos aprendem.

Outra linha de pesquisa sobre o conhecimento do professor, envolveu investigações sobre "quais conhecimentos os professores de ciências precisam para abordar os problemas que a atividade docente os impõe, e também investigações acerca do rompimento com visões simplistas sobre o ensino de ciências" (CARVALHO e GIL-PÉREZ, 1998, p.16). Em uma entrevista com professores experientes e novatos, Leinhartdt e outros pesquisadores da Universidade de Pittsburgh (apud GROSSMAN et al., 1989) relataram que os professores experientes, ao contrário dos professores novatos, exibiram estrutura hierárquica maior de seus conhecimentos, sugerindo a importância de profundidade e organização no *conhecimento de conteúdo* para o ensino.

Essa questão da experiência ao longo dos anos de ensino possibilita também que os professores façam relações de suas disciplinas com outros temas que surgem no contexto escolar, ou mesmo, proporciona uma certa facilidade para que eles se lancem em busca de novos conhecimentos extrapolando os limites de sua área de formação. Particularmente, em relação ao conteúdo de sexualidade, verificamos que as professoras dispuseram-se a aceitar o desafio de aprender e ensinar esse conteúdo, principalmente por possuírem uma

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

crença de que essa seria uma tarefa relativamente fácil, uma vez que elas poderiam utilizar o conhecimento adquirido com a experiência em ensino.

Recentemente, pesquisas em educação começam a incluir investigações na compreensão dos conhecimentos que o professor possui. Shulman (1986, p.9) aponta três categorias do *conhecimento de conteúdo: Conhecimento de Conteúdo Específico, "Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"* e *Conhecimento Curricular.* Essas categorias influenciam no modo como o conhecimento cresce na mente dos professores e discutiremos mais detalhadamente sobre as duas primeiras categorias.

Conhecimento de Conteúdo Específico

O Conhecimento do Conteúdo Específico refere-se ao corpo da disciplina: conceitos gerais, informações, organização da estrutura disciplinar. Um professor que conhece o conteúdo de ensino é capaz de identificar as relações dos conceitos externos à disciplina, fazer a seleção de material para o ensino, estruturar seu curso, antecipar eventos importantes, enfatizar temas e formular representações.

Em alguns momentos, é possível que o professor iniciante ou mesmo experiente, depare-se com um conteúdo novo que ele precisa aprender para ensinar (Grossman et al., 1989). Essa situação aponta para a responsabilidade do professor em adquirir novos conhecimentos, pois a falta do *conhecimento de conteúdo* específico faz com que o professor evite ensinar assuntos que ele não sabe, ou quando não tem como evitar, fique preso a aulas expositivas e ao livro didático.

Shulman (1986, p.9) afirma que "o professor necessita não apenas entender o que alguma coisa é, mas além disso entender porque é assim, em que base sua garantia pode ser afirmada e sob quais circunstâncias as crenças nas justificativas podem ser enfraquecidas ou negadas." O autor continua afirmando que, além do mais, "é esperado que o professor entenda porque um

determinado assunto é particularmente central em uma disciplina, enquanto outros podem ser periféricos".

Para Grossman et al. (1989, p.27) o Conhecimento do Conteúdo Específico inclui quatro dimensões. Entre elas: *Conhecimento Substantivo, Conhecimento Sintático e Crenças sobre o Conteúdo*. O *Conhecimento substantivo* "inclui estruturas e paradigmas que são usados tanto para guiar pesquisas na área, quanto para dar sentido aos dados" (Schwab, 1978, apud GROSSMAN et al 1989, p.29). Esse conhecimento é importante para determinar como os professores escolhem 'o que' e 'como' eles vão ensinar.

O *Conhecimento Sintático* "são os princípios usados por membros da comunidade disciplinar que guiam os questionamentos na área. Eles são os meios pelos quais o novo conhecimento é introduzido e aceito naquela comunidade" (GROSSMAN et al., 1989, p.29). Por outro lado, existem as *Crenças sobre o conteúdo* que são diferenciadas de conhecimento, mas também exercem influência sobre o conteúdo a ser ensinado. Grossman et al. (1989, p.32) afirma que "as crenças de futuros professores sobre o conteúdo são tão poderosas e influenciáveis quanto suas crenças sobre o ensino e aprendizagem."

> Ter um bom Conhecimento do Conteúdo não só influencia o caminho e seqüência que os professores explanam o conteúdo científico mas, também, dá maior sustentação ao professor quando sofrem os impactos provenientes de como interagem com os estudantes. De qualquer modo, apesar de alguns professores terem inicialmente um incomum conhecimento dos conteúdos de suas áreas são muitas vezes incapazes de acoplar a informação do conteúdo com a metodologia adequada ao ensino (Mason, 1988, apud DOSTER et al., 1997).

Além de não possuir as metodologias adequadas ao ensino, os professores que se aventuram a ensinar sexualidade necessitam primeiramente aprender o conteúdo, uma vez que a sua formação inicial não lhe ofereceu tal conhecimento. Esse é um processo que implica na responsabilidade do professor para com ele mesmo e para com os outros: aprender um novo conteúdo significa entre outras coisas, voltar-se para a construção de um conhecimento que deverá

ser transformado em ensino. Todo esse processo de aprender um novo conteúdo e tranformá-lo em um conteúdo ensinável ocorre juntamente com as outras atividades que o professor já possui, devendo, então, dedicar parte de suas horas livres à sua formação continuada.

"Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"

Um outro tipo de conhecimento que Shulman (1986, p.9) apresenta é o "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*" e vamos dedicar a ele um pouco mais de atenção por ser o nosso objeto de estudo e, principalmente, devido a sua grande contribuição e importância para a formação de professores. Ressaltamos que, na prática dos professores, não se pode apontar um limite bem definido para esse tipo de conhecimento, como é apresentado na literatura, uma vez que o "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo"* completa e envolve os outros tipos de conhecimento.

Shulman (1986, p.9) diz que o "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo* vai além do conhecimento da disciplina por si para uma dimensão do conhecimento da disciplina para o ensino". Além de incluir as mais poderosas analogias, explicações e demonstrações, exemplos, maneiras de representar e formular a disciplina de forma que seja compreensível aos outros, ele também inclui o entendimento do que faz a aprendizagem de determinado tópico fácil ou difícil, os conceitos e preconceitos que estudantes de diferentes idades e origens trazem consigo para a aprendizagem daquelas lições e tópicos mais freqüentemente ensinados.

Segundo Doster et al. (1997, p.53), "o *Conhecimento Pedagógico do Conteúdo* tem sido aproveitado por alguns educadores em ciências e pesquisadores educacionais" (e.g., Krajcik & Borko, 1991, apud DOSTER et al. 1997), "como um útil instrumento de organização, numa expressão elegante de noções as quais têm levado antecipadamente, pouco a pouco, a uma reflexão prática do ensino de ciências e da educação do professor".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Cochran et al., (1998, p.713-4) diz que "o entendimento atual das relações entre conteúdo e Conhecimento Pedagógico tem sido desenvolvido pela idéia teórica de *Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*" (Cochran, DeRuiter & King 1993, Kennedy 1990, Shulman 1986, 1987, apud COCHRAN et al., 1998). "O *Conhecimento Pedagógico do Conteúdo* é descrito como um entendimento integrado diferente de ambos, Conhecimento do Conteúdo ou conhecimento pedagógico."

> Em uma perspectiva que pretende ser mais coerente com uma perspectiva construtivista sobre ensino e aprendizagem, o Conhecimento Pedagógico do Conteúdo é descrito como consistindo de quatro componentes que são: conhecimento sobre pedagogia, Conhecimento do Conteúdo, conhecimento do ambiente de aprendizagem e conhecimento dos estudantes (Cochran et al., 1993, apud COCHRAN et al., 1998, p.714).

Sobre professores sem experiência, Cochran et al. (1998, p.714) afirma que "eles têm níveis menos completos de *Conhecimento Pedagógico do Conteúdo* e as conexões entre Conhecimento do Conteúdo e Conhecimento Pedagógico ficam muito mais claras, sofisticadas e complexas com experiência de ensino" (e.g., Ball & McDiarmid 1990; Feiman-Nemser & Parker 1990; Wilson 1992, apud COCHRAN et al., 1998). A autora cita ainda a necessidade de "trabalhos teóricos para desenvolver hipóteses sobre as dimensões, segundo as quais o *Conhecimento Pedagógico do Conteúdo* possa ser diferenciado do Conhecimento do Conteúdo Específico ou do Conhecimento Pedagógico em termos de seu desenvolvimento, estrutura, conteúdo e uso".

Ao apresentar alguns modelos de raciocínio do professor, Orton (1997, p.572) diz que Shulman, ao descrever o modelo cíclico de raciocínio do professor, organiza-o em fases que são:

> compreender a matéria em questão, transformá-la de forma que os estudantes possam entender, entregar a instrução, avaliar a performance, e então refletir sobre o ensino, os quais levam a uma nova fase de compreensão. Esse modo enfatiza aspectos práticos de ensino, também auxilia salientar o raciocínio produtivo do professor. Ambos os estágios de compreensão e transformação ocorrem anteriormente à instrução. Durante a

> compreensão, o professor raciocina a respeito do conteúdo e do propósito de ensinar o conteúdo. Na transformação, o professor considera desde a matéria em questão, até as mentes e motivações dos aprendizes.

Verificamos que à medida que as professoras vão conhecendo o conteúdo de sexualidade, elas começam a organizá-lo de maneira a torná-lo mais acessível ao aluno, ou seja, as professoras transformam o conteúdo, criando representações com a finalidade de ensinar, a partir das interações que surgem na sua prática. Assim, durante as aulas, é possível acontecer a vivência de teatros, debates, o uso de artigos para subsidiar a realização de trabalhos, a exibição de filmes e várias outras formas que elas supõem serem adequadas ao conteúdo ensinado. É na tentativa de acertar a melhor forma de ensinar que elas cometem erros, porém existe reflexão sobre esses erros e eles são considerados no planejamento de novas aulas.

De acordo com Carvalho (2001), quando os professores planejam uma aula, existem vários momentos nos quais eles podem aprimorar o seu "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*". Nesses momentos, os professores podem usar o "feedback" dos alunos para reorientar seus objetivos e suas estratégias. A troca de experiências, bem como a literatura na área de ensino e a formação continuada, também, são artifícios dos quais o professor pode lançar mão para desenvolver o seu "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*".

unesp

OLHANDO OS HORIZONTES

O caminho percorrido em busca de uma aproximação à compreensão do fenômeno Desenvolvimento do "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*" de Sexualidade levou-nos à descrição das professoras sobre a experiência em trabalhar com esse conteúdo. A partir da análise do discurso, foi possível definir a estrutura dessa experiência e desvelar os significados atribuídos pelas professoras para a construção do ensino de sexualidade.

O discurso das três professoras revela, em algum grau, a maneira como ocorre o desenvolvimento profissional na escola. Ao dizerem sobre o interesse de assumirem uma disciplina com enfoque principal em sexualidade, elas revelaram que esse interesse relaciona-se ao reconhecimento das necessidades evidenciadas pelos alunos de discutir sobre sexualidade e, também, à crença de que esse conteúdo ajudará na formação de indivíduos capazes de tomadas de decisões adequadas a um desenvolvimento bio-psico-social saudável. Outro aspecto que também influenciou-as a ensinar esse conteúdo foi a disposição para um repensar de suas próprias vidas. Assim, mesmo sem possuir uma formação específica para o ensino desse conteúdo elas vislubraram a possibilidade de ministrar aulas eficazes devido à experiência de ensino que já possuíam.

Quando as professoras começam a trabalhar com o conteúdo de Sexualidade, elas vão sentindo que é preciso ampliar o conhecimento específico sobre esse tópico. Então, os encontros que acontecem em horário extraturno, passam a ser uma grande oportunidade para aprendizagem pois elas têm a oportunidade de trocar experiências, participar de palestras, obter informações sobre bibliografias ou eventos. Elas revelaram, também, que estudam em livros e revistas especializadas e buscam informações com profissionais da área de saúde.

unesp

Essa necessidade de aprofundar o conhecimento de conteúdo surge a partir dos desafios que o próprio tema impõe para os professores que com ele trabalham. Esses desafios aparecem a todo instante tanto nas perguntas dos alunos para as quais as professoras não possuem respostas, quanto nas situações que surgem na sala de aula e as professoras não sabem como resolver. Elas sabem que o amplo conhecimento do conteúdo ajuda-as estabelecer relações entre os temas abordados dentro do conteúdo de sexualidade e até mesmo com os temas abordados em outras disciplinas.

As três professoras apontam uma preocupação em preparar o aluno para a vida. Nesse sentido, elas se preocupam em oferecer possibilidades aos alunos para reavaliarem seus valores, repensarem sobre os preconceitos existentes na sociedade e reconhecerem as formas de prevenção para problemas futuros. Elas atribuem um grande valor àquilo que os alunos vivenciam em sala de aula e, mais ainda, àquilo que o aluno pratica na escola e fora dela após as reflexões e os debates que acontecem durante as aulas.

Desse modo, as professoras buscam alternativas que lhes possibilitem fazer a transformação do conteúdo de Sexualidade em conteúdo de ensino. Essa é uma busca interminável, uma vez que, em cada aula, existe a possibilidade de surgirem novas idéias e metodologias que melhor se adequam ao conteúdo. Assim, ao mesmo tempo em que ocorre o aprofundamento do conhecimento de conteúdo, vai acontecendo, também, o aprofundamento do conhecimento pedagógico e, conseqüentemente, o do conhecimento de metodologias mais adequadas a determinados conteúdos. Isso significa que as professoras têm a oportunidade de desenvolver o "*Conhecimento Pedagógico do Conteúdo*" a partir de sua própria vivência.

A constatação de que as oportunidades de desenvolvimento profissional nunca se esgotam sugere que o professor nunca dominará totalmente sua trajetória, necessitando estar em constante busca de novos caminhos a seguir. Assim, visualizamos a necessidade de repensar os cursos de formação de

professores, particularmente, repensar sobre o preparo que o futuro professor recebe durante sua formação inicial, para enfrentar situações novas ou desconhecidas, como o ensino de sexualidade, no momento em que ele se tornar mais um dos profissionais da educação. Em uma outra perspectiva, vislumbramos a necessidade de reflexões que envolvam familiares e agentes da sociedade que também atuam como educadores sexuais, visto que o reflexo dessa educação incide na escola e não deve ser desvinculada dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, N. S. et al. Educação sexual: relato de uma experiência. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo: Iglu, (7) ed. Especial 2, p.150-60, 1996.

BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V., ESPÓSITO, V. H. C. (Orgs). **Pesquisa qualitativa em educação.** Piracicaba, Unimep, p.15-22, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, p. 107-54, 1997.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade – objetividade. In: BRUNS, M. A. T., HOLANDA, A. F. (Orgs.) **Psicologia e pesquisa fenomenológica:** reflexões e perspectivas. São Paulo: Ômega Editora, 2001.

CARVALHO, A M. P. e GIL-PËREZ, D. **Formação de professores de ciências.** São Paulo: Cortez, 1998. Coleção Questões da nossa época: v. 26.

CARVALHO, W. L. P. **O ensino de ciências sob a perspectiva da criatividade:** uma análise fenomenológica. Campinas, 1991. 302p. Tese - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

CARVALHO, W. L. P. Physics teachers and their knowledge of Physics Teaching. Org. por: ARIAV, T., KEINAN, A., ZUZOVSKY, R. **The Ongoing Development of Teacher Education**: Exchange of Ideas. Tel Aviv:, The MOFET Institute, v. 01, p. 247-259, 2001.

COCHRAN, K. F., JONES, L. The Subject Matter Knowledge of Preservice Science Teachers. In B. J. Fraser and K. G. Tobin (Eds), **International Handbook of Science Education** (pp. 707–718). London: Kluwer Academic Publishers. 1998.

COSTA, R. P. **Os onze sexos:** as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Gente, 1994.

DOSTER, E. C., JACKSON, D. F., SMITH, D. W. Modeling pedagogical content knowledge in physical science for prospective middle school teachers: Problems and possibilities. **Teacher Education Quarterly**, 24 (4), 51–65. 1997.

FAGUNDES, T. C. P. C. Implantação da disciplina sexualidade e educação na Universidade Federal da Bahia. In: **Revista Brasileira de Sexualidade Humana.** São Paulo: Iglu, (7) ed. Especial 2, 131-4, 1996.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. In: **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

GROSSMAN, P., W, S., S, L. Teacher of Substance: Subject-matter knowledge for Teaching. In M. Reynolds (Ed) **Knowledge Base for the Beginning teacher** (pp. 23–36). New York: Perganon. 1989.

JUNIOR, A. L. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. Coord. De Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, 1997.

MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. B. **A pesquisa qualitativa em Psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes,1989.

MARTINS, P. L. O. A relação conteúdo-forma: expressão das contradições da prática pedagógica na escola capitalista. VEIGA, Ilma P. Alencastro et al. In: **Didática: o ensino e suas relações.** 2ª ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 1996.

ORTON, R. E. Toward an Aristotelian model of teacher reasoning. **Journal of Curriculum Studies**, 29(5), 569-583, 1997.

SANTOS, C., BRUNS, M. A. T. **A educação sexual pede espaço.** São Paulo: Omega, 2000.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. Coord. De Júlio Groppa Aquino. São Paulo: Summus, p.107-17. 1997.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher,** 15(2), 4-14.1986.

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola.** 2 ed. São Paulo: Olho d'água, 2000.

VITIELLO, N. **Reprodução e sexualidade**. Um manual para educadores. São Paulo: CEICH, 1994.

ANEXOS

ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ilha Solteira, 26 de março de 2001

Senhor(a) Diretor(a);

Na qualidade de orientador da Srta. Mirian Pacheco Silva, regularmente matriculada no programa de Pós-Graduação *Educação para a Ciência*, da Faculdade de Ciências da UNESP – Bauru, em nível de mestrado, vimos solicitar a V. Sa. permissão para que a Srta. Mirian colete, nesta escola, os dados necessários ao trabalho que ela está desenvolvendo como dissertação de mestrado.

Contando com a atenção de V. Sa., colocamos-nos à disposição desta escola e de seus professores para maiores esclarecimentos e, para colaborar no que estiver ao nosso alcance.

Antecipadamente agradeço a atenção de V. Sa.

Atenciosamente

Prof. Dr. Washington L. P. Carvalho

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO

(Anuência do entrevistado)

(De acordo com a Resolução nº 196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde - Brasília - DF)

Pesquisa intitulada (provisoriamente):

"DESENVOLVIMENTO DO "CONHECIMENTO PEDAGÓGICO DO CONTEÚDO" ENTRE PROFESSORES QUE TRABALHAM COM EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL"

Mestranda: MIRIAN PACHECO SILVA
Orientador: WASHINGTON LUIZ PACHECO DE CARVALHO

As Professoras

Eu Mirian Pacheco Silva, mestranda da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP/Bauru, **comprometo-me** a usar o material das filmagens bem como o material dos relatos das professoras participantes das entrevistas, identificadas na pesquisa como P_1 , P_2 e P_3, de forma ética a não prejudicar e nem desagradar estes profissionais da educação que gentilmente, dispuseram-se a participar desta pesquisa. Por ser verdade, dato e assino duas vias de igual teor.

Uberlândia __ de _____ de 2001

_____
Mirian Pacheco Silva

Eu, _____
Professora da escola_____
após tomar conhecimento das informações referentes à minha participação nesta pesquisa, concordo em participar do trabalho e concordo também, com a publicação dos relatos das entrevistas e das filmagens nas condições estabelecidas pela pesquisadora. Afirmo que minha participação é totalmente espontânea e livre. Por ser verdade, dato e assino duas vias de igual teor.

Uberlândia __ de _____ de 2001

_____
Professora

ANEXO C - PRIMEIRA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA

Eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua vida profissional, porque você decidiu ser professora e como isso aconteceu?

Quando eu tinha mais ou menos 17 anos, na cidade que eu morava só tinha dois cursos de 2 grau: Magistério e Contabilidade. Naquela época a mulher tinha que fazer o normal, e eu fui e fiz, no início, antes de fazer o normal eu achava que eu nunca ia ser professora, não foi uma coisa de criança, vocação. Mas depois que eu entrei no curso normal foi modificando. Logo quando eu estava no segundo normal eu pequei uma turma e aí já fui pegando gosto. Antes de me formar, naquela época tinha muita defasagem de professores, né...Isso foi em 1972...

Naquela época tinha muito professor leigo, não é?

Tinha, muito professor leigo. aí em 72 eu dei aula, aqui em Minas, em Centralina 1 ano, foi minha primeira experiência. Depois eu mudei pra Goiás trabalhei lá um ano e voltei pra Minas, fiquei dois anos sem dar aulas foi a época que meus filhos nasceram. Depois voltei pra sala de aula...

Você tem recordação de como foram essas primeiras aulas?

As primeiras aulas, né, a gente tinha um pouco de dificuldade de controlar tempo, conteúdo, disciplina, relacionamento, idade das crianças, eu dava aula no primeiro ano numa 3 série, aprendi muito...

Com essa turma...

Com essa turma.. e cada ano que passava era outra história, mudava tudo.

Você dava aula de todos os conteúdos?

Todos os conteúdos.

E depois que você voltou a dar aulas, você dava aula para qual série?

Quarta série, depois que eu terminei o normal eu tinha um cargo de quarta série, sempre foi terceira ou quarta série, em 82 eu fui fazer o curso de letras, licenciatura curta. Quando foi em 85 eu passei a dar aulas de quinta a oitava no estado de Goiás...

Você acha que foi uma mudança brusca, ou nem tanto?

Não, não achei brusca. Primeiro porque Quarta série e Quinta não tem muita diferença. Não achei, aí eu peguei aula de português de 5 a 8 e fiquei dando aula até 92 com licenciatura curta. Depois eu fiz a plena até 94. Então o tempo todo, eu fiquei sempre trabalhando e estudando. E nesse período sempre tinha cursinho de reciclagem né, era a palavra da época...agora já mudou porque essa palavra reciclagem não ficava muito bem...

E depois que você se formou, você continuou dando aula?

Eu continuei dando aulas.

Você acha que foi mais fácil, ou mais difícil...

Olha com relação a disciplina eu acho que tem cada dia ficado mais complicado pra gente lidar com os adolescentes. Agora com relação a domínio de conteúdo, sem dúvida, depois que eu fiz a plena, a cabeça abriu... mudou muito... nossa e como...

Você acha que a faculdade te ajudou?

Demais, nossa... eu tenho uma certa segurança que eu percebo que é de conteúdo que eu estudei no terceiro grau que me dá segurança pra eu falar assim com firmeza... não ficar assim balançando né...será que é....e o aluno ficar talvez sem entender...na dúvida...

E depois disso... você entrou na prefeitura?

É antes da plena eu dava aula no estado, quando eu mudei pra Uberlândia de volta é que eu fui fazer a plena e imediatamente eu prestei o concurso da prefeitura, fui aprovada. Em 96 eu prestei outro concurso, então eu tenho dois cargos na rede municipal.

E você sempre trabalhou nessa escola, ou trabalhou em outra?

Aqui em Uberlândia só nesta escola. Eu sempre gostei de ficar em um lugar só com relação a trabalho. Então eu acho que tem vantagem. Por exemplo, eu gosto muito de dar aula pras oitavas séries. Quando eu prestei o concurso em 96 a primeira turma que me deram foi de 5 série, quer dizer, não tinham confiança em mim, acharam que eu não daria conta. E ainda mais... me deram pra completar o cargo aulas que não eram da minha disciplina... isso tudo é conseqüência de início

de trabalho... e com o tempo... as coordenadoras foram me passando de série por série... foram me testando... quando eu estava ali já na sexta série acharam que eu devia trabalhar com as oitava séries...

Qual é a diferença de trabalhar com as oitavas e as outras séries?

Bom eu acho melhor trabalhar com as oitavas pela maturidade dos alunos, eu tenho mais facilidade de trabalhar com a faixa de idade por volta de 14, 15 e 16 anos que é a média de idade dos alunos. Eu tenho assim bastante facilidade de trabalhar com eles, tanto porque, eu distribuo as atividades pra eles e tenho condição de cobrar deles e o aluno quanto mais novo mais dependende ele é da gente, então aí parece que o manejo fica mais complicado. De contar de perceber que o aluno aprendeu, de avaliar... eu acho que o aluno da oitava série tem mais amadurecimento, já sabe o que quer, já começa a refletir que o futuro dele depende das ações e quanto mais novo ele não tem essa preocupação.

Como você lida com os alunos que tem dificuldade para compreender Português?

A gente sabe que muitos, uns 60% da turma entende pelo menos o conteúdo. Aqueles outros se a gente não acudir a tempo vai dar problema mais tarde, naquele ano mesmo. Então no início de ano quando eu percebo que tais alunos não estão acompanhando eu procuro dar uma assistência individualizada porque a sala é muito cheia e não dá mesmo para dar assistência ali.

E como você percebe esses alunos na sala?

Pelas atividades, pelas participações, pela resolução dos exercícios, no caso eu anoto, eu tenho meu controle, assim sobre tarefas por exemplo, exercício que eles vão fazendo eu vou anotando, se não fez eu chego pra ele e falo: oh você tá com problema porque você não fez os exercícios, você não passou pelas etapas para chegar a esse ponto.

Mas se ele falar: Professora eu não fiz porque eu não estou entendendo sua matéria.

Ah, se ele chegar e falar isso....hoje aconteceu isso, aliás aconteceu ontem, na hora da correção do exercício o aluno disse: ah professora eu não tô entendendo, parece aula de inglês.

E aí, e como você interpreta essa fala dele?

Bom, aí entra muitos fatores, entra fator de base dele mesmo, de defasagem, de comportamento, a maneira como ele leva a vida de estudante, a família em que ele tá inserido interfere muito mesmo, então são vários fatores que interferem na aprendizagem.

E quando ele fala que não está entendendo...o que você faz?

Aí...no momento eu cobro, pode até nem ser o certo, mas eu mostro para ele o porque.

E esse de ontem como foi?

Esse de ontem mesmo, ele falou que não estava entendendo, eu já tinha verificado o caderno dele, estava em branco, não tinha feito nada, ele é um aluno que anda pela sala, né...não acompanha bem aula, falta de aula, uma duas vezes por semana ele está faltando...então eu sabia o motivo, que era impossível ele estar entendendo mesmo o conteúdo...e na hora mesmo eu dou uma bronca e mostro o motivo, o porquê que ele não está entendendo. Mas sempre estou atenta pra tentar relacionar e resgatar aquele interesse deles pelo estudo. O que aconteceu com o menino foi o seguinte: ele falou que não estava entendendo e aí eu pedi pra sala levantar a mão quem mais não estava entendendo o conteúdo. E ai, mais ou menos uns 10 alunos levantaram as mãos.

E você ficou surpresa ou não?

Não, 10 pra mim não foi surpresa, eu achei que foi uma sinceridade deles e que foi muito válida. Que serviu pra mim avaliar que mais ou menos, assim por alto sem dar nenhuma avaliação escrita, eu tinha noção que uns 10 alunos não estavam acompanhando por vários fatores diferentes. E aí o que eu fiz: como eu tinha o terceiro horário de módulo, e a aula seguinte seria artes e não sei se a professora faltou ou se eles não tem professora ainda, iria uma professora substituta pra sala de aula. Eu fiz um levantamento, fiz uma listinha com os nomes e levei pra sala de estudos no meu horário de módulo. Eu fiz uma síntese de todo o conteúdo, da dúvida deles. Já fui bem sintetizada explicando os termos que eram uma base do conteúdo e depois levantei as questões perguntando o que cada aluno não tinha entendido ainda, fui tirando umas dúvidas, no final parece que...

Deu uma melhorada...

É deu uma melhorada, pelo menos o relacionamento... eles estavam assim já né...achando que eu estava sendo talvez severa demais, estava puxando demais, aí isso, pelo menos a fisionomia deles mudaram, saíram alegrinhos e falando que tinham entendido e não era tão difícil assim.

Agora é esperar o resultado...

É vamos ver né, eu acho que isso ajuda muito a fazer o aluno refletir, quando eles percebem que tem alguém querendo ajudá-los, aí eles começam a pensar e mudam a forma de estudar, a forma de comportar durante a aula. Muda, muda muito mesmo.

E porque você acha que eles tiveram coragem de levantar a mão, porque na maioria das vezes os alunos não falam...

Não falam né... eu dou liberdade para o aluno, porque durante a aula eu sempre estou perguntando, entendeu? qual é a dúvida? levanta a mão, não deixa dúvida... e aí eu acho que foi isso mesmo....a confiança a sinceridade partiu disso ai.

E esses alunos já tinham sido seus alunos anteriormente?

Alguns já, inclusive esse mesmo que falou que não estava entendendo nada, já foi meu aluno na sexta série.

Depois que a gente fica mais a vontade para dar aulas, parece que a gente começa a pensar em fazer outras coisas para que os alunos entendam melhor a aula. Isso acontece com você?

Acontece, acontece muito mesmo. Olha a gente fica pensando em formas de como aquele conteúdo vai ser assimilado pelos alunos com maior facilidade e sem perda de tempo, né, sem talvez, enrolar, vamos direto ao que interessa, né. Então, a gente pensa muito na melhor forma para que isso aconteça. Para que atinja aquele objetivo com mais facilidade, com menos desgaste tanto da gente como do aluno.[1]

E você fica pensando nisso durante a aula, como acontece esse pensamento?

As vezes durante a aula mesmo, pela pergunta do aluno sugere alguma idéia, né, às vezes pela pergunta dele você descobre a dúvida e a falha da gente também.[2]

E aí, o que você faz com isso?

Aí né, a gente sempre procura uma forma, uma volta ao conteúdo, procurando ser mais clara, falando numa linguagem mais acessível ao aluno, as vezes a gente tem que usar uma linguagem mais simples, mais clara,[3] hoje mesmo eu estava dando aula sobre orações coordenadas e falando sobre a conjunção **pois**, e estava falando no livro anteposto ao verbo, posposto ao verbo, essas duas palavrinhas: anteposto e posposto para o aluno as vezes não fica muito claro. Então o que as vezes eu faço, eu falo pra ele, olha anteposto é antes, posposto é depois, né, e vou usando a palavra que ele usa no dia a dia dele para não ficar talvez interferindo na compreensão.[4]

Então no primeiro momento você vai trabalhando as palavras?

É, é como se fosse a tradução do conteúdo para ficar mais fácil dele entender.

E na sala de aula, além da aula expositiva você utiliza outras formas de aula com eles?

Ah, trabalho em grupos... né.

E sobre o trabalho em grupo?

Dá muito trabalho. Se o aluno não tem o hábito de trabalhar em grupo às vezes prejudica até a aprendizagem se a gente não preparar a técnica de trabalhar com eles, fazer algumas observações antes, dá problema até com relação ao barulho na sala de aula. São muitas carteiras e o espaço é pequeno então não tem como movimentar para formar os grupos dá trabalho. E como não tem aula geminada, as vezes a gente perde muito tempo na organização dos grupos, mas com o tempo isso vai ficando mais simples, a gente vai perdendo menos tempo e aí que a gente começa a colher o resultado.

Você acha que o trabalho em grupo é importante?

É importante, muito importante.

Mesmo perdendo tempo no inicio?

É mesmo perdendo tempo no inicio depois a gente colhe mais resultado. Por exemplo, os grupos, a gente propõe uma atividade e procura organizar os grupos de forma que não fique tão diferente, fica alunos fortes, alunos médios e fracos; de modo que não fique um grupo só de fortes e outro só de fracos. De modo que haja o intercâmbio entre eles, um ajudando o outro eu acho que resolve muito. E outra

coisa também, quando a gente tá trabalhando em grupo a gente vai lá no grupo e atende individualmente e ali cada um expõe mais a dificuldade, pergunta mais quando está em grupo pequeno do que em grupão, eu acho muito importante isso. Facilita mais a gente ajudar o aluno na resolução das propostas que a gente joga para eles.

Porque você, sendo da área de Português se preocupou com sexualidade?

Bom, primeiro eu acho que a sexualidade interfere na vida do ser humano a todo momento, desde o nascimento até o fim da vida. E o trabalhar a sexualidade vai modificar muita coisa na vida desse adolescente. Primeiro porque a sexualidade para ele é uma coisa diferente. Ele tá conhecendo, buscando, procurando saber o que isso, o corpo transformando, é nesse mundo de mídia que fala do corpo, que fala de doenças, que fala de violências. Então a gente trabalhar isso daí eu acho que vai ajudar muito ele na própria vida dele mesmo[5]. Como estudante de qualquer disciplina, para ele se relacionar bem com as pessoas, saber também que a sexualidade interfere na vida dele, o relacionamento entre as pessoas.

Mas sexualidade e português, o que tem haver?

Bom, eu procuro trabalhar com a sexualidade desde que eu participei do projeto vivência, achei que seria uma oportunidade porque nas aulas de português, a gente trabalha textos, textos de vários temas. Então a sexualidade seria um dos temas para a gente estar aproveitando e ao mesmo tempo fazendo uma interdisciplinariedade com o conteúdo e o próprio desenvolvimento da leitura.[6]

Mas não poderia ser outro tema.

Poderia, poderia ser outro tema.

E porque sexualidade

Porque a turma, a oitava série está bem na flor da idade, tá necessitando, desperta a curiosidade deles, e eles gostam de estar sabendo tudo a respeito da sexualidade. E aí prende a leitura, ele fica mais atento a aula. E um dos temas que agrada muito.[7] Não só aluno da oitava série. Nessa semana eu estava dando aula para a Quarta série como eventual do turno da tarde e eu tive que introduzir um conteúdo em Ciências as fases da vida, a infância, a puberdade, a adolescência e a idade adulta. E as crianças, nossa só queriam aula de Ciências. Queriam que o dia todo

unesp

fosse aula de Ciências porque eles ficaram super interessados no assunto. É um assunto que atrai mesmo. Então o aluno fica curioso, quer saber mais. E também quebra aquele tabu de que a sexualidade é um assunto que não deve ser conversado.[8]

Mas na escola...o povo fala muito isso...conversar sobre sexo na escola?

Sobre sexo na escola, pois já foi até proibido, famílias as vezes entram falando que não é assunto para ser tratado na escola...mas hoje já tem mudado muito isso...esse conceito de que sexualidade não é assunto de responsabilidade da escola pelos próprios pais. Aliás a maioria acha que deve ser a escola mesmo para tratar desses assuntos porque os pais as vezes sentem-se despreparados, na maioria das vezes constrangidos de tratar desses assuntos. Tanto que muitos adolescentes falam que não conversam sobre sexualidade com os pais. Dizem que tem vergonha, não dão conta de falar...e quando a gente começa a falar eles tem mais liberdade de falar, trocar idéias, então acho que deve ser mesmo um assunto tratado pela escola.[9]

Outra coisa que os professores falam muito é que sexualidade é assunto de Ciências, como você vê isso?

É uma parte do assunto, quando está tratando de órgãos, de nomes científicos, eu acho que deve ser mesmo de Ciências. Mas quando está se tratando de influencia da vida sexual na parte psicológico, do relacionamento eu acho que pode ser abrangido em qualquer disciplina.[10]

Não tem problema...

Não tem problema, dá pra trabalhar com literatura, dá pra debater sobre sexualidade, tem muito livro aí que serve de pano de fundo para a gente levantar um debate na sala de aula.[11]

Mas você acha que o professor que está trabalhando com sexualidade, não vai ficar envolvido somente com aquilo e largar o conteúdo de lado?

Não.

Não, porquê?

Bom, primeiramente a gente tem um planejamento que serve de guia pra gente.[12] Então o que a gente faz. Esse ano mesmo a gente já decidiu que o tema a ser

trabalhado no primeiro e segundo bimestre seria amor e adolescência. Amor universal, partindo de amor fraterno, materno...paixão. Então um texto puxa o outro, e um texto serve de pano de fundo mesmo para a gente estar discutindo as questões da vida. E ao mesmo tempo que o aluno está aprendendo um conteúdo ele está desenvolvendo os esquemas de leitura. De acordo com os conhecimentos prévios que ele tem, o aluno vai se expressando, ele vai melhorando a sua leitura, o seu conhecimento de mundo. E aí então a questão da sexualidade vai sendo tratada de uma forma normal como qualquer outro assunto.[13]

Mas os alunos empolgam...

Empolgam mais.

E aí?

E aí o que acontece, a gente acaba conseguindo uma aprendizagem que estava lá embutida junto com o conteúdo. As vezes a gente está trabalhando uma questão de gramática e já aproveita o conteúdo e ali vai tudo junto, vai aprendendo.

Torna o aprendizado mais fácil?

Torna, torna mais fácil.

Na sua prática você já percebeu isso?

Já percebei que é um dos temas que agrada bastante. Inclusive eu tenho um aluno que é repetente, e um dos textos que eu trabalhei no ano passado, ele pediu que quer ler de novo. O texto é "a Revolução do ficar". Ele pediu que quer ler esse texto de novo. Que discutir. Essa questão do ficar é um dos textos que entra na sexualidade.

E você com a sexualidade, você trabalhando com temas da sexualidade, você fica à vontade, ou às vezes o aluno te faz uma pergunta que você fica assim...

As vezes os alunos fazem perguntas que eu fico constrangida[14]. Certas perguntas que eles tiram de filmes pornográfico.

E ai?

Aí as vezes. a gente discute que aquilo é uma exploração talvez, pra vender uma idéia, ou fazer uma propaganda para o próprio filme e que na realidade não é daquela forma.

E a maioria das perguntas que surgem, te constrange ou você tem facilidade para falar?

A maioria eu tenho facilidade.

E porque dessa facilidade, você já estudou sobre a sexualidade antes de colocá-la na sua disciplina....

Não, curso não, só leitura mesmo sobre sexualidade, história da sexualidade, questão de gênero, relacionamento da mulher com o homem. Sempre com base em algum texto, em alguma leitura. E também a experiência de vida, e acho que o mais importante é a experiência de vida. Eu tenho três filhos que eu acompanhei o desenvolvimento e na época desses meus filhos acho que eu não tinha tanto conhecimento, era muito jovem ainda e talvez eu tive mais dificuldade de tratar da sexualidade com meus próprios filhos do que talvez com meus próprios alunos.

Como você aprendeu a dar aulas? Como foi isso? Você colocou no início que quando você começou a dar aulas você tomou gosto. E com o tempo você continuou dando aulas. Você foi melhorando. O que contribui para isso?

Bom, o que contribuiu para que eu fosse melhorando talvez, me modificando, dando uma aula que agrada aos alunos, foi a experiência de vida e também eu acho muito importante a teoria. Eu acho que ler ajuda muito na prática. Eu acho que é um girar, a teoria ajuda na prática e a prática exemplifica a teoria. Eu acho que é importante uma coisa vai completando a outra. A gente precisa ler muito apesar de quase não ter tempo. Eu acho que ainda tem espaço para eu aprender muito ainda. Acho também que a intuição ajuda muito. A gente percebe pela atitude do aluno, pela forma como ele age, a gente percebe tanto o trabalho dele quanto o da gente. Se ele está indo bem é porque a gente está indo no caminho certo. E se está complicado para ele a gente também tem uma carga de culpa ali.

E sobre a intuição, quando você percebia que alguma tinha que ser mudada. Como sentia isso, onde você buscava ajuda?

Bom, acho que foi grupo de leitura e também a própria história de vida. Paulo Freire.

Você lia porque, a faculdade pedia...

Não, Paulo Freire eu sempre gostei de ler. O que me chama a atenção nele é fazer com que o aluno busque seu conhecimento. Que ele mesmo seja sujeito da sua própria aprendizagem. Isso eu peguei dele. Ou seja, em qualquer momento da minha aula eu nunca dou a resposta pronta. Quando o aluno me faz um pergunta eu vou respondendo de forma que ele mesmo vá descobrir a resposta. Eu quero que a resposta venha dele do próprio aluno.[15]

E os cursos de reciclagem, você acha que interferiram na sua vida profissional?

Mais ou menos. Eu acho que o que interferiu mesmo na minha forma de dar aula, mais foi o tempo juntado com as leituras teóricas que eu tenho feito. Eu acho que a gente vai lendo e vai ficando tudo no subconsciente e a hora que a gente precisa parece que vem. Parece que a vida vai acumulando experiência e a hora que a gente precisa está ali.

ANEXO D - SEGUNDA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA

Nós podemos começar daí... o que você gostaria de falar sobre o vínculo afetivo?

O vínculo afetivo é fundamental entre professor e aluno, se não houver o vínculo afetivo não se alcançam o objetivo, o aluno tem que ter confiança na gente, acreditar naquilo que a gente fala. No início a gente pode até estar falando bonito, toda a verdade com fundamentos que ele ainda tá sem acreditar. Depois que a gente vai estabelecendo esse vínculo tudo o vai ficando mais fácil de realizar.

E como um você conseguiu estabelecer esse vínculo?

Precisa de tempo não é de uma aula para outra que a gente consegue estabelecer o vínculo. A gente tem que transmitir muita confiança para o aluno. Ele tem que ter a confiança para chegar e conversar com a gente. Ele tem que ter liberdade de falar sobre qualquer assunto para que não se sinta ridículo. Se caso ele falar alguma coisa que a gente acha que está fora da realidade a gente não pode mostrar isso. A gente tem que deixar o adolescente expressar suas idéias até a gente mostrar para ele a realidade sem humilhá-lo, sem desacreditá-lo, isso é importante. Ouvir, a gente tem que ouvir o adolescente para estabelecer esse vínculo. Tem que dar muita confiança mesmo. O elogio também é fundamental. Deve mostrar o erro de uma forma não agressiva com eles.[1] Acho que é isso mesmo.

Você falou sobre ouvir. Como é esse ouvir?

Hum é ... o ouvir é por que o adolescente tem muito a dizer pra gente. E através desse ouvir que a gente percebe os sentimentos deles. E percebe também o conhecimento sobre determinadas coisas e aí através desse ouvir o que ele tem a dizer a gente cria as respostas, o encaminhamento pra ele.[2] Aquilo que a gente acredita que seja certo. Esse ouvir é dar oportunidade ao próprio aluno de construir o seu próprio caminho. Por que a medida que ele fala, que ele expressa, estabelece um diálogo entre aluno e professor. E aí eu acho que em qualquer conteúdo quando a gente ouve, a gente analisa aquilo e volta a atenção, e volta e discute aquele assunto, não para descobrir o certo ou errado, mas para refletir

sobre determinado tema. E isso faz com que o aluno cresça e construa a sua própria história, seu próprio saber.[3] Tem professor que derrama conteúdo, ele não está comunicando muito com o aluno, ele não está deixando o aluno estabelecer o diálogo de locutor, interlocutor... tem que ter isso ai... se não tiver a gente nem passa a conhecer um aluno. A gente não sabe até onde o aluno entendeu aquilo que a gente queria. Aí é o problema de classe superlotada as vezes não dá oportunidade para todos. E sempre há algum que distorce. E aí a gente tem que ter muito jogo de cintura pra ficar catando aquele que está lá no cantinho que as vezes tem boas idéias mas não manifesta. E isso não é fácil não, quando é um assunto de sexualidade tem uns que fecha a boca e não fala nada. Ele está aprendendo. Será que ele está interpretando aquele objetivo que a gente quer?[4] Por exemplo aquela aula de hoje. Se a gente não pensar bem às vezes a gente está até estimulando a gravidez na adolescência. Não é? Se a gente não tiver um objetivo muito firme na cabeça, né! Foi por isso que eu falei aquela questão. Eles mesmos é que criaram aquela história que o menino continuou vivo depois de cinco anos. O menino continuou vivinho, nasceu, cresceu e é o que acontece na maioria das vezes. E aí, vamos pensar? O que é que a adolescente passou nesses cinco anos? Será que a adolescente teve que trabalhar? Será que ela teve que mendigar? Parou de estudar? Ou será que ela conseguiu. Raramente alguém consegue sucesso, né. Então foi por isso que eu coloquei que é gravidez não desejada. Porque a gravidez é uma coisa linda demais na vida da gente. Ou a gente passa a idéia de que é uma coisa negativa. O que eu queria passar ali é que ela deve acontecer na hora certa. Com a pessoa certa. Você viu que a questão da virgindade não é mais a questão principal na história. Eles precisam é saber prevenir para não acontecer conseqüências que vá desviar aquilo que foi planejado para a vida de alguém. Por que, às vezes, a pessoa não tem consciência daquilo,[5] né, eu acho. É aí que entra o papel dos pais dos professores. Essa discussão com os alunos é uma forma de estar auxiliando os pais. Eu acho que por isso que tem que muita ligação de pais com os educadores.[6] São pouquíssimas as escolas que consegue fazer isso. É muito difícil não é? Esse projeto vivência tem um objetivo assim muito bonito. A gente teria que ter mais contato com os pais. A maioria dos pais nem estão

sabendo o que é que nós estamos tratando. Não têm tempo nem para saber o que está acontecendo nem com a matemática e nem com o Português e muito menos de relacionamento.[7] Mas a gente vai. levando. E uma hora a gente consegue.

Pensando em todas essas coisas que você acabou de falar... o que significa ser professora de orientação sexual para você?

Ser professora de OS é bom. É bom no sentido de estar orientando o aluno naquilo que a gente acredita que seja bom para ele.[8] A gente aprende muito com o aluno também. Por que a medida que eles colocam os problemas a gente sabe que aquele problema é o problema de um grupo e não somente de um aluno. A gente acaba encontrando caminhos para ajudá-los antes de acontecer[9]. Por que as aulas de sexualidade tem o objetivo de prevenção. Então eu acho que é um pouco complicado. Tem alguns tabus difíceis. As vezes a gente depara com alguma coisa. Algum argumento forte que as vezes é diferente da opinião da gente, e que a gente também não tem assim definido o que certo e o que é errado. Mas a gente tira um consenso.[10] A gente trata sexualidade de uma forma mais ampla. Não é uma orientação diretamente ao sexo. A gente vê os problemas na sociedade e como educadora a gente tem que contribuir com isso ai.[11] Aquilo que já veio pela experiência de vida é algo que garante esse contato, essa orientação para o aluno. Os problemas que causam a não orientação da sexualidade dele. A gente tenta orientá-los para que eles não caiam num erro que a gente vê aí a todo momento com as questões ligadas a sexualidade.[12] Parece que o projeto vivência vale para mim também. Se a gente resolve os problemas internos da gente. A sexualidade da gente como educadora, a gente sabe ajudar o aluno.[13] Até como mãe. Eu sou mãe de três que já passaram pela fase da adolescência. Toda aquela dificuldade que tive na época, mãe muito nova de adolescentes. Então toda aquela dificuldade que eu tinha e com a maturidade que eu tenho hoje talvez eu não teria sofrido tanto, isso me garante um diálogo com meus alunos.

Você acha que a disciplina dos alunos estava relacionada com a sexualidade?

Na minha aula sim. Nossa mudou muito. Eles já ouvem, expressam suas opiniões e eu vejo outras colegas falando que houve melhora também. Estão mais atentos. Eles estão acreditando mais neles. Por que é aquilo que eu tinha colocado antes...

a gente tem que ouvir. Mesmo que seja uma palavra ingênua, uma coisa que não tenha sentido, ajuda a estabelecer esse vínculo, e o vínculo está muito ligado a disciplina. Se ele acredita na gente logicamente ele vai parar para ouvir aquilo de bom que a gente tem para estar discutindo com ele. Se a gente não estabelece um vínculo, não tem como, por que eles ainda não acreditam na gente.[14]

E quando é que um aluno passa a acreditar no professor?

É aí... eu acho que quando a gente atende aos anseios deles. Atende aqueles temas, aquilo que eles têm vontade de saber. A gente tem que estar assim bem antenada para descobrir o que eles querem saber e aproveitar aquela motivação dele. Quando a gente acerta no tema a aula fica boa[15]

ANEXO E - TERCEIRA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA

O que significou pra você trabalhar os temas da sexualidade com esses alunos?

Durante esse ano, eu acho que houve um progresso, mesmo que pequeno houve sim, mas a participação do aluno ainda tem muito o que melhorar pra que ele realmente conscientize das suas atitudes com relação à sexualidade. Ele ainda leva muito na brincadeira, mas eu acho que junto com a brincadeira acaba ficando uma coisa boa.[1] Trabalhar com sexualidade não vou dizer que foi assim muito tranqüilo não. Primeiro porque foi minha primeira experiência diretamente com o tema.[2] A gente carrega um certo tabu por mais que a gente queira livrar disso, sabe que tem que ser uma coisa normal, mas a gente tem isso e às vezes a gente fica constrangida de tratar de certos assuntos.[3] Já melhorei bastante nesse sentido. Hoje mesmo, a hora que eu cheguei aqui com aquelas camisinhas alguém disse assim, ah eu não tenho coragem de mostrar isso pros alunos, eu pensei, parece que eu também não teria, mas depois eu pensei assim, mas que besteira é essa? Tem que mostrar! A televisão mostra, todo mundo sabe, quem sabe tem algum aluno lá que ainda não conscientizou pra que serve a camisinha?[4] Eu acho que é um assunto que tem que ser tratado com naturalidade, eu tenho procurado desenvolver com naturalidade, mas não é tão fácil.[5]

E como surge a naturalidade, como é que isso vai surgindo?

A hora que a gente começa a falar, a trocar idéia com os alunos parece que fica natural. A gente sabe da importância que isso tem na vida do aluno e vai ficando mesmo assim natural, naturalmente com o tempo[6]

Existe algum momento que você lembra, algum fato marcante dessas aulas que aconteceu durante esse ano?

Eu acho assim, essas aulas ajudou a desenvolveu um pouco a fala do aluno. Hoje mesmo eu observei que a SUE não abriu a boca hora nenhuma durante quase o ano todo e hoje ela já manifestou, fazendo o papel de mãe, de conselheira para o filho que descobriu que estava com o vírus da AIDS. Assim no momento o que eu lembrei agora. Você conhece, aquela turma é bastante difícil de trabalhar. Então, assim o que aconteceu é que uma daquelas alunas que eu nem cheguei a conhecer

abandonou a aula por estar grávida.[7] Eu acho assim que o projeto lá chegou tarde. Quem sabe se a gente tivesse começado a desenvolver o projeto mais cedo naquela turma talvez a gente tivesse evitado a gravidez dessa menina. Toda vez que eu descubro que tem uma adolescente grávida eu fico me perguntando: será que se a gente tivesse intensificado mais as idéias do projeto conscientizando sobre os problemas da gravidez na adolescência, a gravidez não planejada, eu acho que as DST a gente nem fica sabendo mas pode estar acontecendo por aí. O que mais a gente vê que choca a gente é quando a gente descobre uma adolescente grávida. E aqui na escola todo ano tem. Tem uns 3 casos. Menina de 13 anos. Às vezes de sala que eu nem estou trabalhando, mas é um fato consumado[8]

E para o próximo ano, se você continuar trabalhando você mudaria alguma coisa?

Eu acho que a gente tem que aperfeiçoar alguma coisa. Para o próximo ano, a gente já tem em mente continuar o projeto vivência formando grupos. E aí a gente pretende trazer alguém pra fazer alguma palestra. Aprofundar mais com aquele grupo e cada elemento do grupo estaria multiplicando as idéias. Algumas dinâmicas eu manteria, por exemplo, em português me ajuda na questão da comunicação, só que pra desenvolver as idéias de sexualidade nas minhas aulas de português somente em algumas brechinhas. E numa turma que a gente está desenvolvendo somente os temas propostos pelo projeto os resultados são mais rápidos mais condensados.[9] A gente percebe a reação imediata. Não assim uma reação, a gente não sabe se ela vai ser efetiva duradoura. Mas fica mais reforçada.

Você acha que professores de todas as disciplinas têm que trabalhar com esse conteúdo?

Eu acho importante, assim talvez não esquematizado, bem estruturado, mas o professor não pode perder a oportunidade de estar passando conhecimentos da sexualidade. Tem que estar informado desse tema porque a gente sabe que a sexualidade da pessoa governa as atitudes dela. Ela estando bem sexualmente ela está bem em outras partes da sua vida. O professor tem que trabalhar a própria sexualidade. Ele tem que estar resolvido ou resolvendo.[10] E aí a gente sabe que a sexualidade não é só sexo. A sexualidade envolve muitos itens. Afetividade.



Por exemplo, o que você achou dessa aula de hoje?

Falta de um incentivo, os meninos no final de ano não querem mais nada. A turma é uma turma difícil mesmo. Talvez seja até a gente mesmo que não soube orientá-los bem. Mas eu usei uma estratégia que eu já tinha usado, eu pensei que fosse funcionar. Mas talvez ficou falho em alguma coisa. Não é só culpa do aluno não, eu acredito que não. Uma coisa que interfere muito é o contexto de final de ano, eles já estão desinteressados. os que não passaram não têm interesse de prestar atenção na aula, os que ainda não passaram já estão descrente também e como essa disciplina não é cobrada em termos quantitativos, às vezes não se interessam mesmo.

Tem mais alguma coisa que você gostaria de contar?

Eu acho que por mais fracassos que a gente tem, a gente deve ir em frente. É uma sementinha que a gente está plantando e que um dia a gente encontra um ponto em que a gente alcança mais rápido esses objetivos. Eu acho que a gente não deve descrençar nas primeiras tentativas. Eu acho que esses temas da sexualidade, afetividade a gente tem que continuar. Deve ir trabalhando à medida que a gente recebe novos alunos a cada ano, por mínimo que seja alguma coisa vai ficar na consciência de cada aluno. Eu acho que nós, como educadores, devemos estar cientes de que há momentos mais positivos que outros.[11] Não deixar se desanimar por isso.

ANEXO F - QUARTA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA

O que significa, pra você, ser professora de Educação Sexual?

O que significa pra mim ser professora...Orientadora da sexualidade, pra mim é como qualquer outra disciplina, é como o Português, porque eu também dou aula de português... Assim como eu sinto o prazer de ver o aluno aprender a lidar com a língua, dominar a língua, eu também sinto prazer em ver o aluno modificar o seu relacionamento entre os colegas,[1] o respeito do menino com a menina... da menina com o menino... respeitar a sexualidade um do outro. E também eu vejo um crescimento grande da afetividade entre eles... Entre eles e a gente... Então, isso tudo faz parte da vida, e tudo que eu posso ensinar para o aluno, que eu posso fazer pra ele refletir isso significa assim um prazer de ver esse crescimento pessoal do aluno... E, quando ele manifesta que resolveu um problema conforme um conselho que ele me pediu e depois ele vem e fala, há! foi bom... tudo isso eu acho que é base dele em sexualidade. Eu acho que é um prazer mesmo, é assim uma forma de cativar o aluno, porque é um tema assim que ainda tem muito tabu de ser discutido e eu percebo isso em qualquer parte, até nas crianças mesmo, quando a gente vai falar sobre a sexualidade, né... quando a gente vai falar de um assunto sério, a criança leva aquilo com seriedade, com respeito.[2] Eu lembro bem de um aluno que a gente tava discutindo, um aluno de quarta série, aí eu tava comentando com ele sobre a sexualidade e comentei que a gente ia discutir um assunto que era importante para nossa vida, assim como a gente aprender sobre a circulação sangüínea, os aparelhos do organismo né, a gente ia estudar o aparelho reprodutor né, aí eu comentei que a gente ia discutir e que qualquer pergunta que eles quisessem intercalar lá dentro daquele conhecimento científico né, como relação à vida... que eles perguntassem, e isso foi assim uma aula mais de experiência do que a aula mesmo assim... não uma aula que seria a aula de ciências... eles levaram mais para o lado da sexualidade do que a aula de ciências mesmo, eles queriam saber a respeito de gravidez e como que funcionava na prática o relacionamento sexual, e aí a gente entrou na afetividade, porque é que as pessoas se atraem né, então... e isso a gente vê que quando a gente está sanando

a curiosidade da criança, do adolescente pra gente que está dando a aula isso é prazeroso... é muita responsabilidade porque do ensinamento que a gente passa, daquele conhecimento que a gente vai passando pra eles muito coisa vai interferir na vida dele.. nas atitudes dele... na vida sexual deles... nas tomadas de decisões que eles vão ao longo da vida encontrando.... aquilo marca muito.[3] Quando o aluno levanta uma pergunta e a gente percebe que aquilo é uma curiosidade, uma coisa assim que ele ainda não conhece ou às vezes conhece de uma forma deturpada e ai ele levanta outras perguntas, ele vai a fundo no assunto, aí então eu sinto que ele tá realmente entendendo aquilo que a gente ta conversando...[4] Têm alunos que nunca tiveram a oportunidade de discutir a sexualidade de uma forma grupal, então, às vezes correm olhares entre um e outro, algumas risadas... malícia mesmo que é próprio do preconceito ou de conhecimento indevidos...[5] então, é um tema que ainda não é muito fácil de estar lidando tanto do lado do professor como do aluno também, mas no desenvolver do ano isso vai modificando porque muitas vezes eles acham que a aula de sexualidade é só falar de sexo... ai quando a gente começa a falar de relacionamento, de afetividade, ai eles vão percebendo que é muito mais do que uma aula de sexo[6] né... o respeito pelo sexo oposto, a responsabilidade como ser humano né, que é uma forma de procriação, de manter a espécie humana, o sexo no caso, mas junto com esse sexo tem a sexualidade, a afetividade o relacionamento que interfere na vida toda... a pessoa que está bem resolvida sexualmente, ela sente por dentro que ela sente assim mais tranqüila para cuidar com as outras áreas, com as outras atividades dela, profissional, como representante de família né... a pessoa tem que estar bem resolvida sexualmente com a sua sexualidade.[7] Depois que eu participei do Projeto Vivência que lida com as questões da sexualidade que eu pude entrelaçar em todas as aulas, seja de português ou uma aula propriamente que eu possa trabalhar com sexualidade... eu senti mais segurança, pra estar falando, eu percebi o que é que é certo do que é errado... o que interfere, o que não interfere na vida da pessoa... o que é importante estar falando sobre sexualidade...[8] até mesmo na questão do machismo... do feminismo né, eu acho isso aí importantíssimo na aula de sexualidade. Essa questão do homem querer ser mais importante e a mulher querer

alcançar o homem, cada um tem o seu papel, então à medida que vai entendendo a sexualidade, diminui bastante essa questão do machismo, né, a gente tenta passar isso para o aluno, é claro que a família tem as suas opiniões e vai interferindo também.... nos grupos de estudo a gente ia dominando o assunto, e à medida que a gente ia colocando em prática, a gente ia adquirindo mais conhecimento sobre as reações do aluno né, a gente ia entendendo aquela curiosidade, o que é importante para o aluno..[9] Trabalhar com a sexualidade pra mim representa mais a proximidade com o aluno, eu sinto que quando a gente discute a sexualidade, o aluno adquire mais confiança na gente... ele sente mais próximo da gente, não sei se é a forma de ser colocado eu percebi assim que o aluno fica mais familiarizado com a gente, ele tem confiança de chegar e fazer uma pergunta ou de expor até problemas da sexualidade dele mesmo... Ou de perguntar sobre assuntos que em outras épocas não era nem permitido na escola.[10] Hoje ele conversa com a gente com muito naturalidade, ele confia e isso não é assim numa primeira aula, é ao longo do ano, e ai eu acho que aproxima muito o aluno do professor, trabalhar, ouvir, falar da sexualidade do próprio aluno, quando ele fala das paixões dele e que a gente ouve, que eles perguntam e a gente às vezes até dá conselhos isso ajuda a gente até conseguir outros objetivos, em outras disciplinas, no meu caso Português,[11] em parte melhora bastante, por exemplo, às vezes o aluno vem com muito problema de relacionamento familiar e às vezes eles carregam aquela angústia pra gente, e aí a gente tem o argumento pra estar falando que ele precisa ter paciência, que às vezes ele ainda está numa fase que ele ainda não entende bem da vida, que é pra ele prestar atenção, pra ele ter calma, agir de forma ponderada,[12] por exemplo sobre a gravidez, às vezes aparece uma menina grávida e ela ainda nem contou pra família e conta pra gente pedindo socorro, a gente já tem assim... um como ajudar essa adolescente,[13] Eu tive o caso de um menino de 16 anos que chegou em mim e contou... eu arrumei uma namorada, ele ainda disse...fazia pouco tempo e a minha namorada ficou grávida, a família nem conhecia a menina direito e ela apareceu grávida, aí ele vinha desabafava e contava, então acho que se eu não fosse professora de Orientação Sexual acho que não estaria assim disponível, tempo, pra estar ouvindo uma história que às vezes

não teria nada a ver com meu conteúdo... com a minha aula talvez... às vezes numa aula de Português...[14] e eu parava e ouvia, esperava ele contar, contou toda a história desde a gravidez até a criança nascer, enxoval, nome, todo dia tinha uma história (risos), então, eu acho que foi importante isso porque se eu não tivesse assim uma bagagem de orientação sexual, eu acho que não teria paciência pra estar ouvindo isso.[15] Poderia falar, ah mas faz parte da minha disciplina, eu to falando assim porque eu trabalhei com duas disciplinas né, e ele ficava contando essa história numa aula de Português, não tinha nada a ver com a aula de Orientação Sexual. E o interessante é que depois eu fui prestar atenção e ele contava essas histórias não era pra todas as professoras, só pra aquelas que ele tinha confiança, depois ele levou o neném lá na escola, mostrou (risos)... bom aí o que ele me perguntou, qual foi a pergunta que ele me fez? Professora, se a senhora tivesse um filho de 15 anos e ele chegasse e falasse que a namorada dele tá grávida o que é que a senhora fazia? Foi essa a pergunta que ele me fez... Aí eu respondi para ele que se fosse meu filho eu iria dialogar, conversar, perguntar.... e já estava grávida mesmo, não tinha outra solução a não ser apoia-lo. Aí ele falou assim: e se a moça falasse em aborto? Eu falei assim, eu pessoalmente, agora é uma questão pessoal, eu iria aconselhar ele a não fazer o aborto né, e ia contar, explicar, que ele estava muito novo, que não devia ter acontecido mas já aconteceu e agora não tem como voltar atrás, e aí o que , nesse ponto aí eu como professora ou mãe eu iria me sentir, as vezes, até um pouco responsabilizada por não ter conversado mais sobre a sexualidade antes, nós, adultos deveríamos ter falado mais, ter esclarecido mais sobre isso, não tem dúvida né, então como professora de Orientação Sexual a gente não consegue resolver os problemas da sexualidade de todos os alunos nem de todos os filhos né, não resolve tudo, mas pelo menos a gente sente que tá procurando orientar mesmo pra não prejudicar,[16] por exemplo um filho, um filho é uma coisa sagrada, uma coisa boa, porém tem quer ser planejado, tem que ter uma época adequada pra esse filho nascer né... normalmente a adolescente ou o adolescente não tem noção de ciclo menstrual, de período de fertilidade, são assim as curiosidades mais gritantes né, eles não têm consciência de que devem usar a camisinha.[17] A gente percebe que os pais não

querem mandá-los usar a camisinha porque se manda usar a camisinha está mandando fazer sexo né, e aí a gente vê essa dificuldade, parece que vai sanar um problema mas pode causar outro né,[18] então às vezes com o aluno a gente sente isso também, às vezes quando a gente desperta, quando a gente conscientiza pode estar despertando... antecipando um relacionamento sexual... mas, de forma geral, a conscientização é a melhor forma, então pra mim resumindo o que significa.... significa prevenção... numa palavra a Orientação sexual é prevenção... essa palavra aí é uma palavra chave mesmo... tanto na transmissão de doenças.. de relacionamentos indevidos... só que ...um diálogo com esse tema...sexualidade resolve muito as questões da vida... prevenir né, preparar o aluno para ele enfrentar os problemas... saber.... pra que o aluno saiba o que a vida... em todos os sentidos da palavra vida...[19]

Como vc vê a Educação Sexual na escola?

É uma inovação né, apesar de que já tem bastante tempo que está implantado essa orientação nas escolas... no estado de Minas... em São Paulo... eu acho que nem todos os estados está preocupado com a orientação sexual... até mesmo aqui em Minas... em Uberlândia tem o Projeto Vivência na rede municipal... na rede estadual eu nem sei como que é a programação lá... mas não é toda escola que tem a orientação sexual para o aluno e nem atinge todo o contingente de aluno. A gente, às vezes, dá uma pincelada, mas mesmo assim já é válido... eu acho que é isso.

ANEXO G - PRIMEIRA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LIA

Fale sobre a sua formação.

Eu fiz cinco anos de Biologia junto com a habilitação em Ciências e Biologia. Eu trabalho há 7 anos. Fiz também um curso de um ano no Cemepe, no projeto vivência e continuo ainda participando desse projeto de aperfeiçoamento para trabalhar com OPV

Como é ser professora de OS, como você se sente?

Ser professora de OS é uma grande responsabilidade. É uma descoberta. A OS foge de tudo que a gente aprende na faculdade. Foge das experiências que a gente tem em sala de aula em termos de conteúdo. Você trabalha com o novo. Você trabalha com assuntos polêmicos. Muitas vezes polêmicos íntimos da gente mesmo e tem que estar trabalhando. Você tem que estar desmistificando muitos tabus. E o desconhecido causa também um impacto muito grande. Então é um grande desafio. Eu encaro o projeto e a OS como um desafio que é uma coisa que é todo dia. Não é chegar com algo pronto. Eles têm que construir ao longo do tempo. Têm os acertos, mas também têm erros. E é em cima dos erros que a gente tenta melhorar e acertar cada vez mais.[1] Isso em termos pessoais. Agora, eu acho que para o aluno, pra aquele que está ouvindo e está muitas vezes buscando algo novo é uma chance. É uma forma de buscar o que ele não tem em casa e ter ali no momento do projeto. E pra ele também ficar à vontade. Cria assim um elo entre professor e aluno, que muitas vezes passa a ser amigo e aluno, e é isso que reforça a responsabilidade da gente como educador.[2] Eu acho que isso é assim mesmo. Pelas informações, pelo diálogo pra gente conseguir algo melhor pra esses meninos ao longo do tempo. Não é a curto prazo, mas é a longo prazo.

Porque você decidiu trabalhar com OS?

Depois que eu comecei a dar aulas eu comecei a ver os problemas da sociedade mais de perto. Então é assim: Você vê gravidez na adolescência. Você vê filhos que são molestados. Você vê violência. Você vê muita coisa perto de você.[3] Então eu acho que a gente como educador, a gente como professor tem que ser muito mais do que professor de Ciências ou professor de Português, ou professor de

Matemática. Tem que ser um amigo muitas vezes.[4] Você tem que fazer a sua parte como cidadão, como pessoa. Então quando começou o projeto eu me interessei, não por eu ser professora de Ciências, porque muitas vezes o pessoal pensa que a gente sabe muita coisa, mas porque eu acho que a gente tem o lado de_ajuda, de você abrir o espaço pro aluno. De chegar e dizer, conversar, falar muita coisa que às vezes ele não fala nem pra mãe e nem pro pai. E, de uma certa forma, ajudá-lo a caminhar, a passar por esse período de transição, de criança pra adulto. Então eu acho que é importante isso e o que me levou a estar participando do projeto foi essa ajuda. Mesmo que pouca, mas eu acho que tem algum valor. E até em termos pessoais mesmo. Você está trabalhando os seus valores. Aquilo que você acredita em termos de pessoa. Eu me enriqueci muito também trabalhando ao longo desse ano.

Você acha que todos os professores também devem trabalhar com a OS?

Todos os professores podem trabalhar com OS. Todos têm a capacidade de se desenvolver no projeto. Alguns, às vezes, com mais audácia, com mais liberdade. Outros com menos. Mas todos têm a sua parcela de contribuição. Basta querer. O que muitas vezes é visto como_barreira é: Ah porque eu não sei... ou talvez uma situação que ocorra...eu não sei como agir. Mas a gente não sabe tudo, né?! Agora também tem aquele negócio, a dedicação, porque dá trabalho, você tem que ler, você tem que conhecer, tem que buscar e às vezes o professor_dobra turno. Tem o que fazer em casa e diz: Não, não vou pegar isso porque é mais uma responsabilidade. É mais um compromisso que eu vou ter, então é o que deixa, muitas vezes, alguns de fora. Mas muitos professores, mesmo inconscientemente, fazem parte do projeto em termos assim de estar conversando com a classe. Surgiu algum problema, ele tá levantando aquilo e não deixa passar. Quando ocorrem alguns problemas na sala, se você mandar o menino pra fora e você acabar ali, você não resolveu o problema. Você só transferiu pra uma outra pessoa resolver, né?! Então eu acho que todos deveriam abraçar a causa. Porque aí não sobrecarregaria nem um, nem outro. Mas, infelizmente, nem todo mundo está disposto a estar mexendo também com os próprios valores, com as próprias idéias. Acha que não tem solução. Está acabado mesmo. Vai ficar assim mesmo e_então

não precisa fazer nada para mudar. Então eu acho que é por aí também. Acho que é isso.

Como você busca as informações para passar aos alunos?

Eu participo do projeto no Cemepe, que é um centro de estudos onde a gente se reunia no ano passado, uma vez por semana. Extraturno, sem ganhar. É uma coisa que você vai buscar. E esse ano os encontros aconteceram com um espaço maior, duas vezes por mês. Então sempre tem oficinas, sempre tem alguém que já trabalhou com projetos que já tem alguma idéia formada[5]. Então eu, particularmente, fui acumulando algum material de pesquisas e tem os livros que as pessoas indicam e à medida em que você vai trabalhando, você vai também sendo forçada a procurar informações em livros, em revistas. Você começa a ver outras coisas e pensa assim: isso aqui eu posso usar como dinâmica.[6] Você conversa com um professor que já está trabalhando. A troca de experiências tem também nos encontros. O que eu fiz que deu certo, o que eu fiz que não deu certo. Então você vai trocando a experiência e vai passando a usar também com a sua turma.[7] É por aí. Quando saiu o curso de especialização eu pensei em fazer, mas depois não deu certo. Eu acho que a gente tem que buscar melhorar. Ter a qualificação pra isso porque não é só prática. Tem que ter o teórico da coisa. Se você não tiver teoria, você não terá uma boa prática. Então você tem que estar se aperfeiçoando.[8]

E quando surge uma pergunta que você não tem resposta, não tem informações sobre ela. Como você age?

Quando a gente estava debatendo sobre AIDS surgiram algumas perguntas que na hora eu não soube responder ou tive dúvidas. Eu acho que quando a gente tem dúvidas... Eu também sou muito sincera. Até nos meus próprios conteúdos quando surge uma dúvida eu digo: Oh gente, eu vou procurar, eu vou pesquisar e depois eu conto pra vocês.[9] Uma vez uma menina tinha dúvida e eu falei: eu não tenho certeza, vou procurar e depois eu falo pra você. E como de fato eu faço, eu fiz. Procurei e depois falei pra menina a resposta pra pergunta que ela tinha. Já surgiram perguntas que, às vezes, até eu fiquei embaraçosa pra responder.[10] No começo. Mas ao longo do tempo... Como assim da mesma maneira que os

T-1062

meninos tem intimidade com a gente, a gente acaba tendo também, lógico que com certo respeito. Com uma diferença, mas tem.[11] Então eu não tenho nenhum problema de falar muitas vezes: Olha eu não sei como é, eu vou procurar, vou saber, ou eu falo mesmo o que tem que ser falado. Porque eles também tem que confiar em mim porque se eles não confiarem eles não vão se abrir, não vão se expor.[12] Tem o nosso contrato e muitas coisas que eles falam eu não passo nem para os colegas. Porque é uma coisa nossa, ali, daquele momento. Agora, se tivesse um professor também trabalhando com o projeto aí sim, sentaríamos e iríamos analisar a situação. Mas como não tem, eu acho que não é direito meu, eu estar passando o que acontece ali para os professores. O máximo que eu faço é passar para a supervisora que trabalha junto comigo

Então existe uma coisa diferente nessas aulas?

Existe uma diferença, os meninos já perceberam essa diferença porque na distribuição da sala você elimina a mesa, faz círculo. Eu tinha idéia da gente ter almofadas para colocar na sala, porque a gente não tem espaço físico aqui, porque é um momento diferente, não é aula, teve uma colocação de aluno que falou assim: Ah, você é diferente nas suas aulas. Aqui você tem uma postura diferente e nas aulas você tem outra! É porque não é aula. E um bate-papo, é um comentário. É uma dinâmica. É um espaço deles. Eu ali não sou professora. Eu me considero como mediadora da conversa. Às vezes tenho que colocar limites, às vezes tenho que incentivá-los a estarem falando. Por isso que é diferente.[13] E também eu percebi que esses alunos não estão acostumados com esse espaço. Eu tive uma experiência com o uso de tintas na sala, que se eu fosse pensar eu falava: Não, eu vou acabar com isso! Não vou fazer mais isso! Numa segunda vez que eu levei você não falava que eles tinham tido aquela atitude. Mas porque? Porque era novo. Eles nunca tinham mexido com tinta e acharam que podia passar no cabelo, nas paredes. Aí, depois eles tiveram que limpar toda a sala. Todas as mesas. Na segunda vez, os trabalhos ficaram ótimos.[14] Eles nunca tiveram experiência antes. Tem também o lance do uso de certas palavras. Eu acho que a gente também não pode banalizar a coisa. São nomes certos pra horas certas. E eles ficaram assim também arregalados quando eu também pronunciei essas palavras. Mas eu acho

que tem que ter esse elo sim. Tem diferença. Tem espaço. Tem a hora. Tem que ter limite, mas também tem que deixar abertura com eles pra eles poderem se expor.

E quando você pronunciava as palavras? Como você se sentia?

Eu não tinha problemas assim não. Eu quis me identificar com eles e mostrar pra eles que a gente não é tão puro assim. Na hora da raiva você fala uns palavrões mesmo. Só que também tem o local e a hora pra você estar falando isso. Naquela dinâmica que eu propus, eu queria que eles colocassem a diferença e eles quiseram me testar. Eu penso que sim. E depois a fala deles, indiretamente, eles foram falando isso pra mim. Por que eles falavam assim: Nós vamos escandalizar! Ela vai parar, ela não vai dar conta! Vai dar suspensão! Não ocorreu nada disso. Mas eu deixei bem claro que eles queriam colocar ali o nome dos órgãos genitais. Então eu falei pra eles. Isso é isso. Acabou.[15] Nos outros cartazes não houve escândalos. Porque eu já li também que eles vão me testar o tempo inteiro. Então, muitas vezes, eles voltam a pergunta pra mim, pra eu falar o que eu penso. E aí, eu não deixo porque eles não têm que saber o que eu penso.[16]

Você lembra de algum tipo de pergunta que eles fizeram testando você?

Sim. Perguntaram se eu transava de camisinha com o meu marido. Nos estávamos falando sobre a AIDS em um outro encontro e aí eu falei pra eles da importância de usar a camisinha pra se prevenir, da responsabilidade. Aí um aluno perguntou pra mim: Professora, mas a senhora usa camisinha com o seu marido? E aí? aí eu peguei e falei assim: Olha a vida particular minha não está em questão. Eu estou falando aqui no caso de vocês, pra vocês, como orientação. Agora, eu sou casada há nove anos. Até então vai daquilo que eu penso que é importante ou o elo que eu tenho. Da confiança que também vocês vão ter algum dia com alguém. Isso não quer dizer que quando a gente fala pra vocês que tem que usar camisinha é eternamente. E os filhos? Como vão vir? Bom na hora eles queriam saber assim, se ela falar que ela não usa, ela tá falando uma coisa e tá agindo de outra forma. Ao mesmo tempo se eu falar que eu uso como vou explicar que eu estou grávida? Você entende: então eles testam a gente mesmo. Eles querem saber o que eu acho. E de tudo que a gente passa para eles, eles querem retorno. Mas, depois desse dia,

eles não fizeram mais perguntas pessoais,[17] nesse nível. Surgiu, numa outra sala, se eu tinha casado virgem ou não. Porque eu acho que às vezes uma resposta da gente pode influenciar a vida de uma pessoa pro resto da vida.[18] Então se eu chego na sala e digo não. Eu não casei virgem. Tive dez namorados e transei com todos eles. E aí? Ou digo: Eu casei virgem de véu e grinalda com o primeiro namorado. E aí? Então são coisas assim. É uma discrepância. É 8 ou 80. Eu encaro que a vida particular da gente não pode estar em pauta nessas discussões. O que eu falo pra eles é sobre o respeito, a discrição. Teve uma vez que uma menina da 6ª B me procurou fora do grupo porque ela achava que estava grávida. Queria saber quais as atitudes que ela tinha que tomar. Então eu a instruí da seguinte maneira: Primeiro você conversa com sua mãe. Explica pra ela se você tiver realmente certeza. Se você não tem certeza, você faz o teste da gravidez, vai no posto de saúde. E aí, já de cara ela falou que não ia falar pra mãe dela não, porque a mãe dela expulsaria ela de casa no mesmo instante. Eu falei: então vai no posto, marca uma consulta com o ginecologista, faz o teste e depois que você souber o resultado, tomam-se outras atitudes. Ela foi fazer o teste e sumiu umas três semanas da escola. Ela falou pra mim que não era pra eu comentar com ninguém da suspeita dela. E eu não comentei. Eu respeitei. Só que aí ela sumiu da escola. Ficou umas duas semanas. Eu procurei a supervisão e falei: Olha, a aluna tal esta faltosa. Esse é o procedimento normal. Eles descobriram que a menina já estava grávida. Passou um tempo ela voltou pra escola, mas não quis continuar. Depois eu fui perguntar pra ela o que tinha acontecido e ela falou que estava morando com uma tia, porque a mãe não aceitou. O rapaz que ela estava namorando largou dela porque o filho não era dele. Era de outro cara. E tava nessa situação. Ela falou que não ia continuar estudando porque o pessoal ficava falando muito por ela estar grávida. E por fim ela abandonou e não chegou nem a entrar setembro na escola. São esses casos que a gente tava comentando que, muitas vezes, a gente se sente podado, incapaz. Porque quando a gente começou o projeto nos pensamos assim: Nossa, agora vamos resolver todos os problemas! E depois numa palestra que eu assisti no Cemepe entendi que a gente não pode ser uma super professora pensando que vai resolver todos os problemas. Em alguns casos, podemos

diminuir mas acabar totalmente pode não acabar. Por isso é que eu fico um pouco mais aliviada quando a gente se sente muito incapaz. E devemos diminuir um pouco a culpa. Aí a aluna falou assim: Se eu tivesse sabido de outras coisas. Eu disse: Mas você sempre soube de camisinha, você sempre soube que tem a pílula. Ela disse: Há um tempo atrás eu tomava o remédio que a minha vizinha toma e comecei a engordar. Eu falei: O remédio que a sua vizinha toma ou tomava não é o indicado pra você. Pra gente tomar a gente tem que ir ao médico. Mas, e se a minha mãe souber... Quer dizer, então eu acho que era esse tipo de coisa. Não é totalmente porque não sabia, às vezes foi um descuido mesmo. Ah, porque isso vai acontecer com outra pessoa. E ela tava assim muito arrependida porque o namorado não queria mais ela e o rapaz que a engravidou foi assim, aquele lance de um dia. A situação ficou realmente muito complicada. Ela tendo um filho de quem ela não gostava, perdendo o namorado. Teve que sair de casa. Uma situação muito difícil. Mas depois eu não tive mais notícias dela não. Não sei como é que tá.

ANEXO H - SEGUNDA ENTREVISTA COM A PROFESSORA LIA

Fale sobre como as aulas são planejadas?

Quando eu comecei na 6ª B com OPV (eu comecei aqui dando uma aula de OPV que eles me deram pra eu trabalhar o projeto), eu comecei em agosto. Se não me engano foram 12 encontros nos seis meses, porque caiu muito feriado na sexta-feira. Nós perdemos muita sexta-feira. Mas, assim que eu comecei a trabalhar, eu via necessidade de trabalhar o nome do projeto primeiro. Pra conhecer, pra eles saberem o que a gente ia estar trabalhando. Então, a primeira coisa que eu fiz, foi trabalhar o nome do projeto, o significado, os objetivos. Então eu trabalhei o nome do projeto. Pedi que eles buscassem no dicionário o significado. Depois eu trouxe um pronto, na linguagem deles. Antes do dicionário, eu sondei aquilo que eles achavam, em um papelzinho, sem nome e sem nada.[1] Então, um colocou assim: Vivência. O que vocês acham que é vivência? Aí eu distribui outro papel. O que é afetividade? O que é cidadania? E sexualidade? Então em sexualidade saíram coisas assim: Sexualidade é transar, beijar na boca, saber comer a outra, mas saiu muita coisa boa também. Teve um aluno que disse que afetividade é dar porrada na cara do outro. Quebrar o nariz do outro.

E aí?

E depois eu peguei os papeizinhos e fiz um muralzinho. Coloquei tudo assim. E fui lendo. Alguns ficaram escandalizados. Principalmente as meninas. Só que muitas delas também têm preconceitos. São extremamente machistas. Eu trabalhei com eles o quebra-cabeça das famílias que tem aqueles quatro tipos de famílias. Onde tinha a mulher consertando o telhado e as meninas falaram: Professora, isso é trabalho de homem. Quer dizer, não admitir que uma mulher tem capacidade suficiente de pregar uma telha...[2] quer dizer. Elas acham que são assim, ditas normais, certas. Outro, aquele menino o AND é extremamente machista. Ele acha que coisa de mulher é pilotar fogão. É o exemplo da mãe dele, porque eu ficava procurando saber a história de cada um, a mãe do menino só fica dentro de casa, cuidando do marido e dos filhos. Então ele acha assim, que lugar de mulher é esse.

Será que ele acha mesmo?

Não, mas ele acha, não é possível, o tempo inteiro, em todas as falas dele, independente do projeto em outras situações na sala, ele é extremamente machista, nas profissões, que é profissão de mulher, babá, ele colocou professora também, agora profissão de mulher advogada ele não colocou, médica não presta, tudo assim que ganha melhor ou que exerce poder ele acha que não deve. Mas isso já é raiz da casa também, da família.

E você? Como reage?

Eu bato de frente. Eu tento mostrar que não é assim. Tem as mulheres que vivem bem assim, aparentemente, porque eu acho que é aparentemente, outras até podem viver bem assim. Mas eu me entregava, porque eu acho ele muito jovem para ter esse pensamento. E eu batia de frente com ele mas ele nunca mudava. E ele já namorou uma menina que eu fiquei sabendo que era desse jeito. Ela quando ficar mulher, quando for procurar um casamento vai ser totalmente submissa. Ele nunca vai namorar uma menina que tenha poder de persuasão, poder de decisão, de jeito nenhum. Ou pode ser que ele mude ao longo do tempo. Mas eu tenho cá minhas dúvidas. Ah... um dia quando eu estava trabalhando sobre a virgindade, ele falou que não casa se a mulher não for virgem. E eu perguntei pra ele, mas então você vai transar com outras mulheres antes de casar? Lógico. Posso transar com quem for, mas a minha que eu vou casar, pra ser minha, tem que ser virgem. E eu perguntei a ele: então você não tem que ser virgem não, já que você está exigindo? Ele disse: não, homem não tem que ser virgem. Sabe então assim, a hora que você joga pro lado dele ele acha que não.[3] Sempre foi assim e sempre vai ser. Um dia o professor de geografia estava comentando sobre o negócio do Afeganistão o aluno disse: Se eu morasse lá eu ia viver muito bem! Porque eu ia colocar uma roupa na minha mulher e não ia deixar ela sair pra canto nenhum. Isso podia implantar aqui no Brasil! Pra você ver o grau de machismo.

E como é lidar com esse machismo?

Ah mas tem hora que não dá. Eu tento me policiar ao máximo, mas tem hora que quando eu vejo já foi. Não tem jeito. Tem hora que o sangue ferve. A minha mãe, ela sempre foi submissa a meu pai. Assim, nunca trabalhou fora. Morria de

vontade de trabalhar fora mas nunca trabalhava. Voltou há estudar a dez anos atrás depois de muita luta. Depois teve que parar. Mas assim, meu pai já é falecido, ela fala que ela fez porque ela queria viver bem com meu pai então ela se submeteu. Então assim, eu sempre a via infeliz, sabe. Você vê uma pessoa que você ama tão infeliz, porque abdicou de tudo em função de uma pessoa. Por aí você vê que não é retrógrado não. Isso está muito influenciado na vida das pessoas hoje. E tem muitos que concordam. Então eu acho que a gente tem que trabalhar esse lado da igualdade. Aí quando eu trabalhei os nomes já saíram essas coisas. Aí como é que eu fui montado as aulas? Eu conversei com a supervisora assim: Nós vamos montar conforme a coisa vai saindo, porque se eu chego já com um tema, eu não sei se eles estão interessados naquilo.[4] Então quando eu fui vendo a necessidade, eu disse assim: Vai ter um problema de relação de gênero aí, fantástico. E foi logo depois dos nomes que eu comecei a relação de gênero, da família. E, na sala tinha, aquelas coisas assim, ah minha família é melhor que a sua, essas coisas assim, então eu quis mostrar exemplos de família, minha família é diferente da sua, é diferente dá do fulano e do cicrano. A gente não tem um modelo de família. E hoje aquele modelo de família de pai mãe e filhos não é modelo mais. E, muitas vezes, aquele que só tem a mãe e o filho vive muito melhor do que aquele que tem a mãe o pai e o filho.[5] Então eu achei necessidade de ficar mostrando também. Então no quebra-cabeça da família eu já tirei as duas coisas. Eu tirei o exemplo de família e também a relação de gênero que eu comecei a trabalhar com eles. Eu explorei o lado das profissões, o que era de homem e o que era de mulher. Os objetos. Depois trabalhamos sobre AIDS, uma vez sobre virgindade também, mas foi uma aula só, nós não fechamos.[6] E depois daquela aula sobre AIDS, eu fiz uma avaliação com eles pra saber como é que foi, se valeu a pena ou não. Todos eles, todos falaram que foi muito bom e querem que continue o espaço deles.[7] Porque agora eles começaram a perceber, quase no final do ano, que eles arrumaram um espaço ali pra poder estar conversando. Alunos que não participavam da aula na sexta-feira começaram a vir. Outros que não falavam nada nas primeiras aulas começaram a falar.[8] Então as aulas eu preparava dessa maneira assim, como a aula ia surgindo.

E as estratégias?

Eu tenho um livro sobre dinâmicas. Tem várias dinâmicas. Então a maioria das vezes eu tentava trabalhar com dinâmicas. Tinha alguns temas mas, às vezes, o horário é muito pouco. Quando você vê, já bateu o sinal. Você viu que eu demorava pra organizar a sala no início, agora nos últimos encontros até que não. Quando eu chegava, a sala já estava quase toda arrumada.[9]

Por que isso acontecia?

Porque eles já estavam acostumados e não queriam perder tempo. Você viu aquele dia da AIDS que o sinal bateu mais cedo? Nem eu sabia que ia bater mais cedo. Quem não conseguiu ler sua parte ficou frustrado. E quando um começava a atrapalhar, você viu que eu pouco chamava a atenção. Eram eles mesmos que faziam isso.[10] Então é assim, igual uma menina veio falar pra mim que ela vai mudar de escola e disse: ah, mas eu vou sentir falta do encontro! E olha que não foram muitos. Foram só doze. Então têm as dinâmicas e tem também aquele do multiplicador, vc conhece? Aquelas frases eu tirei daquele livro da Iara Sayão. Lá tem as frases em níveis. Nível 1, 2, 3 e 4. Então eu peguei várias frases e soltei pra eles pra estar trabalhando. Muitas vezes a gente não tem muitos recursos. É igual eu estava falando antes. A hora que vc começa a trabalhar você começa também a ver as coisas. E você pensa assim: isso aqui eu posso usar, isso aqui não funcionou,[11] sabe. E, no curso que nos fizemos no ano passado, eles deram algumas coisas também. Aquele das tintas foi na hora, eu falei assim: Vamos mudar esse negócio. Vamos por as tintas. Mas eu fiquei horrorizada naquele dia das tintas com o que eles colocaram nos desenhos. Eu não sei se você chegou a ver os desenhos depois. Teve um desenho que me chamou muito a atenção. Era pra eles colocarem nos cartazes desenhos de famílias, logo depois do quebra cabeça. Teve um menino que desenhou uma casa pequenina e um homem enorme dentro do desenho ... com uma cara de bravo. Só isso ele desenhou. Era trabalho de grupo mas foi ele quem desenhou. Eu e a supervisora estávamos analisando. A hora que bati o olho eu disse: Nossa, o pai desse menino deve ser bravo demais! Aí nos fomos ver quem era e descobrimos que o pai é assim, não pode nem olhar pra ele. É o tipo de pai que é repressor, que manda na família, e eu não sabia

disso.[12] Só pelo desenho, às vezes inconscientemente, ele fez o desenho não pra transparecer isso, mas está tão arraigado nele que é automático, sabe? Outros não, outros desenharam muitas cores. A casa, flores, quer dizer, não deve ser as mil maravilhas, mas também não deve ser um inferno. Então eu acho que o desenho também... E eu escutei uma vez que a gente expressa muita coisa no desenho. Então na hora eu senti vontade. Eu falei, vou testar, vou ver se funciona. E esse caso você viu, como é que foi aquele dia, eu nunca esqueço sabe, só que eu falei assim: se eu desistir agora eu vou me sentir derrotada, não é assim. Aí eu conversei com a supervisora e ela disse assim: Mas olha só, eles não mexem com tinta, a professora de artes não leva tinta lá de jeito nenhum. No segundo desenho que eu agora não lembro qual foi, não teve problema de mesas sujas, porque eu pedi que eles trouxessem jornais. Não teve nenhum cabelo pintado sabe. E eles perguntaram assim: Você vai trazer de novo? Se eu tivesse falado assim: Não, não vou trazer mais. Acabou, acabou. Então eu acho que o trabalho da gente, assim como é na disciplina também, você tenta uma coisa e não dá certo, você tem que ver onde estão os erros, você tem voltar, e depois você tira uma conclusão. De primeira instância você não pode falar, não está fadado ao erro e acabou. Então eu acho assim, eu fiquei menos decepcionada depois dessa vez.[13]

E como você avalia seus alunos?

As conclusões que eu chego, que a gente está falando aqui é ao longo do processo, né?! Se você falasse pra mim assim: Valeu a pena? Eu responderia, valeu! Aí você vai perguntar assim: Você tem esses dados, os meninos agora são multiplicadores? Eu digo não. É pouco tempo. Mas na minha avaliação, eu acho que o dia a dia daquele adolescente que tá ali, a atitude, a postura, o simples fato de chegar nas últimas aulas e a sala estar organizada, já é um ponto positivo. Eu encaro. É pouco, mas já é alguma coisa. Só deles já deixarem o outro falar. Você vê na fita o tempo todo eu chamando a atenção, a hora que começa a tumultuar. Mas é diferente das primeiras aulas.[14] Se a gente tivesse gravado os primeiros encontros e você vendo os últimos, a gente veria claramente a diferença. Quando a gente fez também o contrato, eu usei a fala deles no contrato e quando teve um problema aqui na sala durante a semana, um xingou a mãe do outro, eu fiquei

sabendo da história e na sexta-feira, antes de começar a dinâmica, antes de começar qualquer coisa eu peguei a folha onde eles assinaram o contrato e li novamente com eles. Aí eu falei que se a gente não for maduro o suficiente pra estar respeitando um contrato que a gente assina, quer dizer que está mostrando imaturidade. Não está dando certo. Não existe o elo. Assim como eu vou ter atitude, vocês vão ter que ter entre vocês também. O respeito acima de tudo. E se tivesse dado tempo também que eu queria ter trabalhado com eles o respeito, a auto estima. Porque a gente tem caso aqui em que a auto-estima está abaixo de zero. Às vezes o mal humor, a agressividade já é da auto estima baixa. A gente vê pela gente. Não é? Quando você está com a auto estima baixa nada dá certo. Você diz assim: Hoje está uma droga o dia e se tem uma pessoa que te levanta, você encara o dia melhor. E então é que não deu tempo da gente estar trabalhando mesmo mas... E o respeito também de estar conversando um com o outro.

ANEXO I - TERCEIRA ENTREVISTA A COM PROFESSORA LIA

O que significa pra você ser professora de Orientação Sexual?

Para mim.... ser professora de Orientação Sexual é bem diferente de você trabalhar um conteúdo, né, que a gente estuda na faculdade e depois você vem e prepara as suas aulas. A Orientação Sexual mexe com valores, com tabus, com o "eu" de muita gente: Com o "eu" dos nossos alunos, com o "eu" do professor.[1] Então, você tem que estar desmistificando muita coisa, derrubando o preconceito muitas vezes, e tendo o cuidado de não estar interferindo naquilo que o aluno traz para você, de casa.[2] Eu encaro assim, que o educador, que o professor de Orientação Sexual, ele na verdade é só um mediador de conceitos... porque na verdade não cabe a ele avaliar se está certo ou se está errado. Tem que deixar o menino pensar e chegar a uma conclusão.[3] É lógico que tem uma situação que você tem que ponderar, tem que mostrar pra eles, é igual quando eles chegam e falam assim: Meu pai bate na minha mãe! A atitude é certa ou errada? A primeira coisa que eu falo pra eles: Casamento não é um ringue! Mas também eu não posso chegar e malhar o pai, porque senão depois eu vou ter problemas com esse pai e esse aluno. Eu tento mostrar o outro lado da coisa. Então, você mexe muito com o "pessoal" do aluno, com a vivência dele na casa dele, com os valores que são totalmente diferentes dos seus, de outros colegas, de outros alunos. Cada um vem de casa com uma realidade diferente.[4] E aí, quando você está trabalhando num projeto desses, você fica muito vulnerável porque você não pode se expor, porque eu já li muito isso. Porque senão eles têm você como parâmetro,[5] a gente não pode deixar isso. Quando ele vai pra parte do "pessoal" da gente, a gente tem que brecar. E deixar isso muito bem claro quando a gente está conversando com eles. Você não pode perguntar demais porque senão você dá direito a eles de te perguntarem também.[6] Agora, se o aluno ou a aluna quer comentar alguma coisa, você tem que estar pronta a estar escutando,[7] mas também não fazer disso algo assim....eu já tive vários casos de alunos que dizem assim: ah, professora eu vou contar pra você mas não é pra você contar pra ninguém. Então, pra ninguém é pra ninguém! É coisa minha e dela, que ela confiou. É por isso que eu falo que a gente

fica muito vulnerável também. Às vezes você se depara com certas situações que o aluno traz da casa dele e você pensa assim: não, não é possível que isso acontece... Você vê no noticiário, nos programas sensacionalistas e você pensa assim: isso está muito longe da nossa realidade. E às vezes não está. Está mais perto do que a gente imagina. Menina de 11, 12 anos sendo molestada pelo pai, pelo padrasto, pelo tio.[8] É desse tipo de coisa assim que, de uma certa forma é muito revoltante, às vezes a gente fica de mãos e pés atados. E a gente como educador tem que estar orientando e mediando essa situação. Por isso que eu falo que a gente como orientador é muito mais difícil do que trabalhar Biologia, História. Porque você trabalha História e Biologia você está fora da vivência do aluno. Você está contando alguma coisa que aconteceu, é um fato que você cobra na prova e acabou. Orientação Sexual, não. Você vai muito além do conceito, você trabalha conceito mas vai muito além. Você mexe mais com o íntimo de cada um[9]. É igual quando veio o convite pra escola e de manhã somente dois professores que atenderam. Veja, uma escola do tamanho dessa que tem mais de 50 professores, somente dois se interessaram. Eu me interessei, eu particularmente me interessei porque eu queria saber como é, como é que trabalha, e também pra mim como gente, como pessoa também. Aí eu vi que a coisa é muito complexa, mas eu pensei: Agora eu vou até o fim. Eu comecei e vou até o fim. E o ano de 2000, que foi o nosso ano de encontros, foi de grande valia. Então, antes de você estar passando isso, como profissional e como pessoa, você aprende muita coisa. Então, foi por isso que eu quis mexer. E também porque eu gosto muito dessa parte, desse elo com os alunos. E também porque você vê que eles estão totalmente desestruturados, como família, tem assim alguns valores que você fala: Está realmente perdendo mesmo! Então, eu acho que é importante para o professor estar resgatando isso. Não é só vir aqui e derrubar um monte de coisa e ir embora. Eu acho que o professor passa pela vida do aluno e deixa um monte de coisas, sabe. Um monte de conhecimento e também ele leva um monte de coisas. O professor de Orientação Sexual vai muito além de um transmissor de conhecimento, ele trabalha com causas de vida.[10] E também, você pôde observar que os primeiros encontros foram tumultuados e nos finais eles já estavam mais

organizados. Isso já começa a fazer parte do dia-a-dia deles e eles cobram. Porque é um momento deles. É um momento que você não está avaliando, é um momento que você deixa eles falarem o que eles quiserem. Lógico que tem regra, um deve ouvir o outro, mas todos eles podem falar.[11] Então, isso é importante porque na escola eles não têm esse momento, né, porque você tem que terminar um conteúdo. Agora no momento do projeto eles têm, assim, um momento deles, então, eu acho que é dever da escola proporcionar esse momento por isso que eu acho que tem que entrar na grade. Sabe, eu sou totalmente a favor, eu acho que tem que ter um professor sim, capacitado pra esses encontros e fazer parte do dia-a-dia deles assim como a História a Geografia. Não usar o OPV como muitos usam. Porque eles dizem, não o OPV vai ser pra trabalhar tudo, pega lá Semana da Pátria ...tem que trabalhar a Semana da Pátria. O OPV serve de quebra galho e eu acho que o projeto de Orientação Sexual não é assim, ele tem que ter um plano, um começo, um meio e um final e ele tem que ter um professor responsável por isso, ganhar pra isso, ele tem que se dedicar pra isso. Então, eu acho que a escola tem que promover esse espaço, nem que seja uma aula por semana, mas ela tem que acontecer, chovendo ou não, porque nos nossos encontros aconteciam. Toda sexta, tinha aquela aula de OPV que eu trabalhava o projeto, foram só seis meses, aí caiu um monte de feriado na sexta e foi prejudicado, mas toda sexta era o projeto. Já em outras salas que eu me propus a tirar uma a cada quinze dias alguns não aconteceram. Por quê? Porque são só três aulas de Ciências, tem que terminar aquele conteúdo, tem que dar prova, eu tive três encontros em seis meses, entendeu? Eu me sinto frustrada, porque como eu tinha colocado no projeto que eu ia fazer e não fiz, quer dizer não surtiu efeito... só surtiu naquele que tinha um horário, por isso que eu digo se tiver que ser implantado, ele tem que ser implantado dessa maneira. Agora tem uma outra coisa, tem que haver o respeito dos colegas também, dizem assim, não pega aquela aula lá e aproveita aquela aula, aquela aula é tão importante quanto Matemática, quanto Português, tem que ter o mesmo peso, e a gente escuta assim nos corredores, ah! Orientação Sexual, vai ensinar sexo pros meninos, e não é isso, não é ensinado sexo e sim sexualidade, é a sexualidade muitos dos nossos professores não entendem ainda.

Por isso eu acho que é algo que tem que ser trabalhado na escola com nossos professores. Então, quando você propõe, muitas vezes as pessoas não estão interessadas também, nem de conhecer quanto mais de participar, entendeu? Então, eu acho que, a partir do momento que for obrigatório na grade, a coisa vai andar melhor, porque fica esse negócio assim, hoje o que você ganha dobrando fica difícil, no seu turno de trabalho você encaixa buraco, onde dá você faz, onde não dá você não faz. Por isso que o projeto vai minguando, esse projeto da rede está desde 95, 96 e não emplacou ainda, porque ele começa e pára, ai vem uma outra turma e para de novo e na minha visão ele só vai implantar quando for obrigatório na lei, mas ai fala assim, vai tirar uma aula de onde? Quem vai perder, entre aspas, uma aula fala assim... Vamos supor que tirasse de Português, o professor fala assim: Não mas o Português é pra vida! Matemática, mas Matemática, com tanto índice de reprovação tirar uma aula, quer dizer, então, você não acha fácil, pra você, porque tudo é importante mas a Orientação Sexual não é importante. A gente vê índice ai elevadíssimo de gravidez precoce, de desestrutura em família, indisciplina... que isso é gerado pela auto estima do aluno dentro da escola, dentro da família, e a gente faz de conta que trabalha e não trabalha na verdade. Ou então, fala assim, eu vou pegar o OPV e ai o pessoal que trabalha com Ensino Religioso fala assim: Então, a Pós-graduação que eu fiz eu vou botar na gaveta? Então, eu acho que determinadas coisas tem que vir, nós como profissionais temos que correr atrás daquilo que a gente acredita. Mas tem coisas que você fica de pés e mãos atadas. O que eu tenho que trabalhar enquanto educadora? Eu tenho que trabalhar o conceito. Entendeu? Então, é independente, eu não estou aqui para passar valor, eu estou aqui pra mostrar o caminho. Eu fico me policiando na minha sala porque o projeto é difícil de ser trabalhado sem a gente passar valores. É igual aquele negócio que eu te falei... como é que eu vou falar pros meninos que eu uso camisinha se eu engravidei? Ai eu uso camisinha? Então, eu não posso chegar e falar assim: Se você é casada, você tem que usar camisinha! Então, é por isso que eu falo que é difícil. Eu acho que o professor de orientação não é nem professor, tem que mudar esse conceito de orientador...

porque orientador sexual...é isso que pesa, eles acham assim: Nossa é só sexo.. é só sexo! E não é... é muito complicado... mas a gente chega lá![12]

ANEXO J - PRIMEIRA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ISA

Eu gostaria que você falasse sobre sua profissão, sobre o que é ser professora, para você.

Ser professora eu entendo que é mais do que passar conteúdos. O professor se torna uma referência para o aluno em muitas coisas e essa referência pode ser negativa ou positiva. Muitas vezes, o aluno não tem um modelo que lhe agrade na família e ele encontra no professor esse modelo. Então a nossa responsabilidade é muito maior do que passar conteúdo. Nós devemos ser aquilo que nós defendemos enquanto idéia. Não adianta eu defender um conceito, defender valores e eu não demonstrar o que é aquilo. Se eu falo pro meu aluno que ele tem que ter calma, que ele deve ter respeito pelo colega, que ele tem que ter educação, e eu não tenho com ele, não funciona, tudo que eu estou falando fica perdido.[1] Então hoje eu entendo que sendo professora você exerce valores, não que seja um herói ou um anti-herói. Mas o aluno observa tudo que nós estamos fazendo.[2] E em segundo lugar vem o conteúdo. O conteúdo tem que ser trabalhado da forma adequada para o aluno, não passando por cima do sentimento dele porque se ele tiver com problema, ele não vai aprender.[3] Então, eu entendo que a profissão traz dificuldades pra gente ser professor, porque com alguns alunos é possível atingir, mas com outros não, dada a quantidade de alunos que nós atendemos. O OPV, por exemplo, eu tenho 18 turmas e são mais de 700 alunos. E muitas vezes um ou outro na sala fala assim: Professora eu preciso conversar com a senhora em particular. Eu tenho dois módulos por semana, e nesses dois módulos eu tenho que atender minha supervisora, eu tenho que organizar o meu material, fazer os meus diários, preparar material para trabalhar em sala de aula e tenho que atender os alunos. Então geralmente não dá tempo. Eu converso com eles assim rapidamente. Geralmente são dúvidas que eles têm, problemas sérios que eles estão enfrentando.[4] Às vezes eu não tenho resposta pra aquilo que eles querem e eu choro junto com eles. Às vezes eu tenho alguma palavra de ânimo pra eles. Então eu vejo que é uma barreira que a gente enfrenta como professor: a quantidade de aluno por sala. É pouco o tempo que a gente tem disponível para

cada aluno e isso interfere muito. E de um ano para o outro, no caso do OPV, o processo de seleção de professores é diferente das outras disciplinas porque você não tem professor efetivo de OPV, porque isso ainda está na mão da Igreja. Basicamente da igreja católica. Então eles fazem o processo diferente. Não tem concurso para professor de OPV. Aí o que acontece, eu começo um trabalho nesta escola este ano, e não sei se no ano que vem eu vou continuar esse trabalho. Porque eu comecei esse trabalho lá no professor Otávio e aí mudaram o critérios de seleção dos professores de OPV e eu vim agora para o Mário Godoy, e não sei se vou continuar aqui no ano que vem, porque não depende da diretora da escola. A minha diretora do Otávio pediu várias vezes para que o coordenador deixasse eu continuar o trabalho. Mas isso não é visto por eles para poder selecionar o professor: a questão de um trabalho já iniciado de um projeto. Então eu vejo que nós como professores de OPV estamos sempre recomeçando. Mas o melhor de tudo para nós e não pro aluno, é que cada vez que a gente recomeça a gente recomeça melhor. Que a gente vai tendo uma interação maior com o ser humano. Eu hoje não tenho aquela preocupação tanto com o conteúdo, mas em me relacionar com os alunos durante a aula. Eu noto que isso tem feito muita diferença. Eu me preocupo muito mais em ouvi-los do que estar passando um conhecimento já pré elaborado. E isso tem feito uma diferença enorme nas aulas e nos alunos o resultado tem sido melhor.[5] Só que o tempo é muito curto. Eu gostaria que houvesse pelo menos duas aulas de ensino religioso por semana, que nós teríamos condições de fazer um trabalho melhor. Nós teríamos condições de nos inteirarmos mais com os alunos e com a própria família deles. Coisa que hoje não é possível. É muito esporádico o contato que eu tenho com a família. É praticamente inexistente. É contato de reunião só, que acontece uma vez a cada semestre, não dá pra conhecer a família e isso eu vejo como um ponto negativo.

Inteirar com os alunos por causa dos problemas?

A maioria dos alunos tem problemas familiares, sentimentais, eles têm uma auto-estima muito baixa. Eles se sentem muito humilhados pela família, pelo meio em que eles vivem,[6] não só pela família, eu acho, porque a própria mídia trabalha com o corpo perfeito, com valores que não correspondem a nossa realidade do dia-a-

dia. Os níveis de relacionamento, que são estabelecidos nas novelas por exemplo, eles não são reais, e as pessoas passam a_querer se alinhar àquele modelo de comportamento. Isso gera frustração. A faixa etária que eu trabalho é com pré-adolescente e adolescente. O adolescente se sente muito incapaz. Ele tem muitos problemas na área sexual. Muitos são abusados sexualmente pela própria família.[7] Aqui nessa escola é uma escola de pessoas mais simples. Na outra escola onde eu trabalhei tinha um poder aquisitivo bem mais alto, então as pessoas se fecham mais, elas não falam tanto dos seus problemas. Existe uma máscara social. Eles são educados para estarem escondendo todo o problema da família. Então aparece, mas aparece menos. Aqui são pessoas mais simples e a vida deles praticamente é escancarada. O que eu tenho observado, que tem me dando até uma certa inquietação, é o problema de relacionamento sexual entre familiares: é altíssimo. Na infância já. Experiências sexuais de um irmão com o outro. De pais molestarem os filhos, as mães. Então isso traz pra eles um sentimento de culpa e ao mesmo tempo eles sentem prazer quando são tocados. Depois vem a culpa: eles sentem nojo de si mesmos. Se sente acusados, no caso das meninas, que elas começam a entender na puberdade o que é a virgindade e aí elas ficam muito angustiadas. Será que eu ainda sou virgem? Eu tive uma experiência assim na minha infância. Eu não sei se eu sou ou se não sou. Por outro lado, tem muitas mulheres aqui que são prostitutas e os filhos estudam aqui com a gente. Então não existe um padrão de comportamento. Entra em choque com aquilo que muitas vezes é ensinado na aula. A questão do respeito, que tem a hora certa entra em choque com aquilo que ele vê em casa. às vezes ele tem três quatro irmãos, cada um de um pai diferente. Cada dia ele vê a mãe com um homem diferente e isso causa conflito interior muito grande. Então os problemas que eu vejo mais sérios são esses, de relacionamento familiar, de relacionamento emocional, sexual, dele consigo mesmo.[8] Que referência ele vai ter para seguir? Muitas vezes ele tá perdido. Agora tem problemas financeiros? Tem. Muitas vezes o aluno não tem o que comer em casa. Um dia um aluno me falou: professora eu vim pra escola sem comer nada, porque na minha casa não tem pãozinho pra eu comer. Mas eu vejo que o problema de relacionamento com a família é mais sério do que a fome,



porque a fome, se ele vier aqui na escola na hora do recreio e tomar um prato de sopa ela acaba, mas os problemas familiares continuam.

Como você lida com esses problemas enquanto professora?

Eu acho que ....o que eu procuro fazer é estabelecer um relacionamento de confiança com os alunos, de respeito. Então o que faço, eu divulgo o meu horário de módulo e se tiver alguma coisa pra conversar comigo me procurar.[9] Então às vezes eles me procuram. Eles chegam e falam: professora eu preciso conversar com você em particular. Já fiquei depois do horário com menino conversando.[10] Como eu disse no início, muitas vezes eu não tenho resposta pra aquilo que eles querem. Então eu choro junto com eles porque não tem resposta, não tem solução. Outras vezes quando é problema assim na área sexual eu procuro a direção da escola. Nós já encaminhamos a criança ao médico pra ver o que é que estava acontecendo. Como é que estava. Eu vejo que é muito limitado esse tipo de trabalho. Não tem como atingir todo mundo. Porque como eu disse são mais de 700 alunos. É muito difícil. Mas eu procuro mostrar pra eles que eu estou ali. Que eu não virei as costas pra eles. Se eles precisarem eles podem estender a mão que eu estou lá. Não no sentido de ser aquela conselheira, de ser uma pessoa religiosa, porque não é essa a função. Mas no sentido de perceberem que eu estou disposta a ouvi-los, porque isso faz diferença na vida das pessoas. Porque quando a gente divide um problema a gente fala com as pessoas e divide a carga. Isso dá um certo alívio.[11] Então a minha interferência tem que ser no sentido de estar animando, de estar conversando, muitas vezes eles pensam que o problema é enorme e não é. É uma coisa simples que as pessoas estão exagerando. Que eles mesmos estão vendo assim muito potencializado. Então eu procuro acalmá-los e basicamente é isso. Mais eu ouço do que falo qualquer coisa. Procuro ser aquela pessoa com quem eles podem contar.[12]

E como você lida com os problemas dos alunos e os conteúdos?

Como eu lido com os problemas dos alunos e os conteúdos... Eu geralmente trabalho com muitas dinâmicas pra poder saber o que o menino tá sentindo, o que ele tá passando pra poder se abrir, de uma forma que não seja chocante e também que ele não se sinta invadido. Porque muitas vezes a gente participa de certas

reuniões, de certas palestras ou até de certas dinâmicas que a gente não se expõe, porque a gente se sente invadido. Então eu trabalho com várias dinâmicas diferentes pra que seja propiciado um ambiente de confiança, de respeito, em que o aluno possa estar se colocando. A partir daí, eu faço uma sondagem de quais são os problemas de cada sala, do que eu preciso trabalhar, de qual é ou quais são as principais dúvidas, aí eu seleciono e venho com o conteúdo. Mas sempre, quando eu vou começar qualquer conteúdo, eu vejo com eles o que eles sabem a respeito do assunto e a partir daí é que eu trabalho. Tem salas que pode ser o mesmo tema, o mesmo assunto, mas eu vou por caminhos diferentes, numas eu aprofundo mais, noutras não,[13] então é sempre o meu conteúdo, o conteúdo que eu vou trabalhar na sala, parte do aluno. O que ele sabe? Quais são as dúvidas que ele tem? Qual o relacionamento dele com aquele assunto especificamente? Quais são as lendas que ele tem em mente a respeito daquele assunto o que tem de verdade, né. Procurando quebrar tabu, quebrar idéias preconceitos porque não é pelo fato de serem pessoas simples, que eles são pessoas pobres, que eles não têm preconceito. Têm muitos, às vezes até consigo mesmos. Então é assim que eu procuro trabalhar, sempre partindo deles.[14]

Como acontece isso?

Através de dinâmicas a gente faz umas dinâmicas diferentes para que eles possam estar falando. Então nessas dinâmicas eles falam sobre assuntos variados. Sobre relacionamento, sobre namoro, sobre saúde, religião, e aí eu consigo captar alguns assuntos que mexem com eles. Outros que eles não querem falar. Porque quando o aluno fala assim: Eu não quero participar. Eu não quero falar sobre isso. Tem alguma coisa ali que tá ferida, que precisa ser abordada de uma maneira diferente. Então mesmo o silêncio do aluno, se ele se recusar a participar isso é importante pra mim enquanto sondagem, entendeu?[15]

E depois dessa sondagem, como você prepara suas aulas?

Eu fico assim...procurando material escrito que possa me ajudar mas tem pouca coisa nessa área. Então muitas coisas vêm da minha cabeça. A maioria das dinâmicas que eu faço vêm da minha cabeça mesmo. Eu invento. Aí outras eu pego com pessoas que me passam. Olha eu fiz isso, isso é legal e aí eu faço. Às

vezes uma dinâmica numa sala dá certo e na outra não dá. É com a convivência a gente vai aprendendo.[16] Olha esse material vai dar certo para tal turma, esse já vai dar certo para outra turma, então tem que ter relacionamento com a sala com a turma, pra gente saber o que é melhor.[17] Mas de onde? Qual é o momento que eu preparo as minhas aulas? Às vezes eu estou no coletivo e tenho que trabalhar, por exemplo, namoro. É uma turma de quinta série, eles estão começando a se descobrir, a descobrir o corpo, a sexualidade. Como eu vou introduzir esse assunto? Aí eu fico pensando uma maneira, uma dinâmica, um material, e aí eu procuro sempre na biblioteca um texto que possa me ajudar. Eu seleciono esses textos, muitas vezes eu xeroco e não uso, né, porque eu vejo não ...não vai dar. Então é assim, não tem uma coisa padrão. Eu estou sempre preocupada, se eu vou numa livraria, eu já vou procurando o que vai me servir? O que vai ser bom para eu trabalhar? Se eu ouço uma música eu penso: olha, essa música eu acho que deve dar certo com tal turma. Eu estou sempre olhando ao meu redor o que eu posso aproveitar pra trabalhar nas aulas.[18] Deixa eu te dar um exemplo mais concreto. Lá no professor Otávio tem muito EVA, eles cortaram uns enfeites para uma sala de deficientes e sobraram muitos retalhos de EVA. Eu pedi que guardassem pra mim porque eles jogam tudo no lixo. Aí eu recortei em formas geométricas os pedaços de EVA pra tá trabalhando aqui na sala com os meninos da escola. Eu coloquei no saquinho e quando eu chego, eu distribuo tudo aleatoriamente. E vou formando grupos com aquelas cores, com formas geométricas pra poder trabalhar com eles a questão da integração,[19] e assim.. eu estou sempre olhando ao meu redor o que vai me servir, pois a qualquer momento pode surgir uma aula pra manhã, por exemplo. Mas eu tenho um planejamento prévio, eu tenho uma estrutura do que eu vou trabalhar durante mais ou menos duas semanas.[20] Então, por exemplo, nessas duas primeiras semanas de agosto, eu planejei trabalhar sobre a puberdade, aí eu peguei um material escrito, um material que foi publicado em revistas, essas revistas como Ana Maria, Carícia que são tão voltadas para um público adolescente, dei uma lida lá pra procurar o que poderia me servir, selecionei algumas coisas, sondei com eles o que eles sabiam do assunto. Pouca coisa. Mesmo eles tendo estudado Ciências na quarta,

quinta séries os meninos lá da oitava série disseram que tinham dúvidas sobre adolescência e puberdade. O que muda, o que vem primeiro? A partir daí eu fui pegando assuntos pra puberdade, como, por exemplo, os pêlos. A primeira mudança que se observa são os pêlos. E aí eu observei pela fala deles que... eu tenho uma caixinha que eles colocam perguntas. Eles podem colocar quando ficam constrangidos ou falar oralmente. Pelas perguntas deles, pelas colocações eu observei que a dúvida deles é como cuidar dos pêlos e principalmente dos pêlos pubianos.[21] Pode pintar? Pode fazer uma mechinha loira? Pode raspar tudo? Pra que eles servem? E eu fiquei quase uma aula inteirinha falando sobre isso. Aí, a partir daí eu passei para os cuidados de higiene, com essas áreas. As axilas, a região pubiana, e tudo mais. E o que me surpreendeu quando eu perguntei o que é a região pubiana, onde fica? Tinha alguns que sabiam onde era, mas tinham vergonha de explicar. E outros que achavam que só a mulher que tinha púbis. Que o homem não tinha. Não sabiam exatamente o que era. Então isso são coisas que às vezes pra nós adultos parecem simples, mas para o adolescente vira assim um mistério. E causa interesse, às vezes ele fica fazendo piadinha. Quando ele vê que é uma coisa assim tratada com naturalidade. Que ele pode retirar as dúvidas dele. Se ele me pergunta: professora pode raspar totalmente? Eu lido com seriedade com a pergunta dele e isso gera um ambiente de confiança onde ele pode estar perguntando assim abertamente o que ele tem dúvida.[22] Eu tenho 18 salas, só uma sala fez perguntas na caixinha, eles estão me perguntando assim, abertamente. Isso significa que, durante esses seis meses que eu trabalhei com eles a questão da confiança e do respeito, eles assimilaram o que eu estive preparando para trabalhar a sexualidade, no segundo semestre. Então eu fiquei muito feliz de ver que eles não tinham muito constrangimento de ficar falando as coisas deles. Eu acho que isso é muito importante. Nós temos que partir disso, de um ambiente de confiança, sem máscaras, né, pra poder falar desse tipo de coisa.[23]

Fale um pouquinho sobre sua formação.

Bem, eu sou formada em História. Mas eu já trabalho com Ensino Religioso desde 96. Em 96 era projeto de Orientação Sexual, só que o Secretário de Educação era um médico. Um cirurgião plástico. Quando ele saiu, veio uma Secretária de

Educação que é freira. Então ela acabou com o projeto de orientação sexual e mudou o nome da disciplina Ensino Religioso para OPV, Orientação para a Vida, cujo enfoque principal, na visão dessa secretária, seria trabalhar valores. Sem nenhum proselitismo, sem puxar pra religião nenhuma. Então nós ficamos um pouco engessados durante esse tempo. Mesmo assim, o projeto vivência continuou sendo desenvolvido. Mas só em alguns lugares específicos. Durante esse tempo, o que eu fiz, eu saí do ensino religioso e continuei trabalhando só com História. Aí no ano passado eu voltei a trabalhar com OPV. Só que era um pouco limitado, porque a gente não trabalhava a parte de orientação sexual. Eu vejo que é importante trabalhar sim a sexualidade como um todo, não quer dizer só a questão genital. Então é necessário trabalhar porque a realidade em que vivemos é de alunos que vão pra escola pra namorar. Eles trocam carícias entre si. É necessário ter uma orientação sexual. Tem muito menino que fica brincando de pegar no bumbum um do outro. Isso é uma questão de sexualidade que tem que ser trabalhada.[24] Então nós negarmos a existência desses problemas, não trabalhando a orientação sexual, eu acho assim complicado, pode causar inconvenientes pra escola. Então agora, quando eu vim aqui para o Mário Godoy, eu achei interessante porque a proposta era trabalhar a parte de orientação sexual através do projeto vivência. Então nós estivemos trabalhando com os alunos, no primeiro semestre, questões como: respeitar o colega, respeitar as perguntas, a confiança, o sigilo de informações que de repente durante as aulas ele toma posse de algumas informações a respeito da vida do colega. Não pode sair falando pra outras salas, e aí, em agosto nós começamos a trabalhar o projeto vivência. Então eu vejo que é muito bom esse trabalho, porque aqui nesse bairro tem muitos casos de mães solteiras, pais solteiros na adolescência. Então é necessário sim. A minha formação, apesar de ser na área de História, eu gosto muito de trabalhar com adolescente e agora eu estou fazendo neste ano um curso de especialização em Ciências da Religião. Ele não me dá base nenhuma pra trabalhar isso na sala de aula. Mas foi uma exigência curricular. Então, por exigência dessas mudanças de critério para contratar o professor de Ensino Religioso, eu tive que fazer essas disciplinas. Mas, se fosse realmente pra eu escolher algo que fosse me ajudar, eu

unesp

queria trabalhar diretamente com assuntos ligados à psicologia, à psiquiatria ou à sexualidade humana, porque eu acho que ia contribuir mais pra que eu me tornasse uma melhor profissional na sala de aula. Mas tudo que fala sobre esses assuntos eu pego xeroco, separo, porque pode não me servir agora mas em algum momento eu posso utilizar aquilo lá.[25]

E como é trabalhar com esses assuntos?

É muito bom trabalhar com sexualidade porque as pessoas estão abertas, porque os meninos gostam, eles querem saber, então a disciplina é até mais fácil do que eu dar aula de História, porque é uma coisa que interessa a eles e eles têm pouca oportunidade de estar em contato com esses assuntos.[26] Então eu acho muito bom trabalhar com sexualidade, só que é trabalhoso, porque uma aula é diferente da outra.[27] Na aula de História, é possível eu preparar o mesmo material pra três salas e dar a mesma aula pra três salas diferentes. Nessa aula não, nessa aula de sexualidade cada sala é uma aula diferente, é uma dinâmica diferente, é uma abordagem diferente, então é mais trabalhoso pra nós.[28]

Quando você começou a trabalhar como professora?

Eu trabalhei em 1986, no Estado, e depois eu parei durante um tempo e voltei a lecionar em 91. Então já são 9 anos que eu estou lecionando continuamente.

ANEXO L - SEGUNDA ENTREVISTA COM A PROFESSORA ISA

Eu gostaria que você falasse um pouco sobre como é ser professora de orientação sexual.

Ser professora de OS é normal. Bom, eu fico na mesma postura. Eu não vejo assim nada diferente. Só que na questão da orientação sexual o aluno vai expor coisas dele. Os sentimentos dele, de dentro pra fora, e envolve também uma série de preconceitos, de desinformação, de informações distorcidas que eles têm através de colegas na rua e até da própria família ou experiências que eles já tiveram, ou material que eles já tiveram contato, vídeos, revistas ou filmes, novelas. Às vezes eles têm uma idéia um pouco errada de tudo isso, mas, na maioria das vezes, quando a gente vai passar a informação a respeito da sexualidade, o que eu acho interessante é que, a partir do momento que vai chegando o conhecimento, eles vão assim se sentindo aliviados por que às vezes eles já tiveram alguma experiência e por falta de informação e por falta de uma pessoa de confiança mesmo, eles ficam às vezes com medo de uma série de coisas,[1] como, por exemplo, eu tinha uma aluna que quando eu entrei no assunto sobre AIDS depois ela me procurou pra perguntar o seguinte: Ela teve três relacionamentos sexuais e um deles com um rapaz que não usou camisinha. Então ela ficou muito preocupada porque depois ela descobriu que o rapaz se drogava e ficou receosa. Será que eu estou ou não com AIDS? Será que eu adquiri uma doença sexualmente transmissível. E aí parece que foi um alívio pra ela saber que era só marcar uma consulta com o médico e passar essas informações que ele ia pedir os exames que achasse necessário. Então assim, eu vi que ela tranqüilizou mais. É uma série de coisas que eles têm envolvimento, mas não têm o discernimento correto, O que fazer? Como fazer? e acaba ficando um pouco complicado pra eles.[2] Agora, na sala de aula, antes de entrar na questão da sexualidade, eu trabalho muito com eles com relação ao respeito às perguntas do colega.[3] A forma de abordar o assunto, depois que eu entro. Então é assim, não tem problema de piadinha, de gracinha, de desenho. Eu não tive nenhum problema com relação a isso, porque foi feito um trabalho antes, mantive uma postura de

seriedade durante o tempo todo que eu trabalhei com esses assuntos e eu percebi que os alunos entenderam essa seriedade e até o vocabulário que eles usaram para fazer as perguntas, para se colocarem, era um vocabulário assim respeitoso, usando os termos corretos dos órgãos sexuais. Eles sabem o apelido mas se dirigiam corretamente.[4]

De onde vêm as informações? Você busca ou você já possui? Como é isso?

Eu busco textos, livros, eu procuro o pessoal de Ciências, eu tô sempre procurando o pessoal de Ciências e falo: Olha, eu vou entrar no assunto AIDS. Foi o último que eu fechei com eles. Eu falo: Você tem algum texto atualizado?[5] Porque todos os dias saem resultados de pesquisas sobre AIDS, medicamentos novos, é um assunto que a Ciência está se preocupando muito, né, porque é uma doença 100% letal. Não tem cura ainda. Então tem sempre informações novas e eu não queria passar para os alunos uma informação que já tá assim obsoleta, né. Então eu procurei os professores de Ciências e eles me passaram textos e eu trabalhei com dados atuais de pesquisas sobre a AIDS. Mas a primeira coisa que eu fiz foi passar um papel para os alunos escreverem o que eles sabiam sobre a AIDS. Fazer um levantamento sobre o que eles sabiam e quais as dúvidas que eles tinham. Então eu vi que de fato eles tinham muitas notícias sobre a AIDS, mas de fato eles não sabiam nada sobre a AIDS. Pouquíssimas coisas. Tinham informação básica.[6] Camisinha prevenia a AIDS. Mas se pegava pelo beijo, pelo suor, se pegava pelo talher, se deitar na mesma cama, se usar o mesmo vaso. foi uma coisa assim, teve esse tipo de pergunta de 5ª. até 8ª. série. A partir daí, eu entrei com o texto. Trabalhei com eles o texto passando as informações sobre a AIDS, como se pega, quais são os sintomas, como se previne, e para as pessoas que estão doentes qual é o tratamento adequado, qual a forma correta de se relacionar com o portador do vírus da AIDS, qual é a expressão correta para estar chamando a pessoa portadora do vírus, porquê dos preconceitos. Em seguida, eu projetei pra eles dois vídeos[7] com informações sobre AIDS. O último vídeo foi excelente porque eu gravei um especial da MTV com debates e entrevistas com artistas e eles faziam um balanço geral das pessoas famosas que tinham morrido de AIDS. Então foi muito importante. Passei pra eles conhecerem o preservativo

masculino e o feminino, demonstrei como se usa, falei o valor, quanto custa, qual a importância, os prós e contras dos dois, o que se pode evitar usando esses preservativos. E depois eu pedi que eles estivessem elaborando uma campanha informativa sobre como se prevenir contra a AIDS.[8] Então eles produziram desenhos, história em quadrinhos e os trabalhos ficaram expostos no painel do projeto vivência. A supervisora escolheu os melhores trabalhos para expor num stand que teve na praça Tubal Vilela no 'Dia Internacional de Luta contra a AIDS', dia 1 de dezembro. Ela escolheu os melhores e levou uma coletânea dos trabalhos dos meninos. Particularmente, eu achei que os trabalhos ficaram muito bons. Eles entenderam bem. Através dos trabalhos, eu pude avaliar o que eles entenderam e o que eles não entenderam.[9] Então foi assim muito importante. A maneira como eu conduzi, eu achei assim que foi a coisa que deu mais certo.[10] Foi proveitoso pra eles e eu pude perceber também que os alunos transam muito sem camisinha, muito ainda. E não é pelo fato de desconhecerem os perigos da AIDS. Mas eles acham que ainda não vai acontecer com eles. Outro dado importante que eu observei aqui nesse bairro é que havia 7 ou 8 alunos em cada sala que tinham ou algum parente com AIDS, ou algum conhecido, ou um amigo, ou um vizinho. Então quer dizer a AIDS está muito próxima das pessoas e ainda assim as pessoas não estão se cuidando como deveriam.

Como vc faz a avaliação para os assuntos da sexualidade?

Eu avalio através do comportamento. Esses assuntos da sexualidade a gente só avalia através do comportamento. Se há uma mudança de comportamento do aluno com relação a esses assuntos eu já avalio como uma forma positiva.[11] Essa aluna minha mesmo, que veio me procurar porque estava preocupada. A partir do momento que ela falou que ia procurar um médico, que não transaria mais sem camisinha eu achei isso uma atitude positiva da parte dela. E ela era uma pessoa extremamente fechada no começo do ano. Ela até agredia e quando eu fui tratar desses assuntos, ela me disse assim que teve uma vez que ela estava na casa dela com um rapaz e a amiga dela com outro rapaz. E elas estavam transando com os rapazes. A amiga dela foi embora e ela ficou sozinha com o ficante da amiga, e aí ele chamou ela pra transar e ela foi e transou com ele também. No mesmo dia,

assim coisa de trinta minutos depois. aí ela foi e perguntou assim: professora ele não lavou o pênis, ele só trocou a camisinha. Será que pode ter ficado algum fluido dela que passou pra mim? É um tipo de relacionamento de risco. É arriscado. Não se pode ter esse tipo de comportamento. Então ela ficou preocupada. Então realmente é um caso que a pessoa precisa fazer um exame. Precisa mudar o comportamento sexual. E eu falei com ela que ela precisa se valorizar. Ela não precisa disso. Ela me disse que o pai dela quando ficou sabendo, falou que ela tava igual uma cachorrinha em casa. Que os cachorros faziam fila na porta de casa. E ela ficou magoada com isso. Eu disse pra ela que o pai dela não escolheu as palavras certas, mas foi a única maneira dele mostrar que se preocupa com ela. Que ele a ama e que ele quer que ela selecione os relacionamentos dela de uma forma afetiva e não assim por quantidade. Então eu vejo assim que a única forma da gente avaliar o aluno nessa disciplina é pelo comportamento. Até pelo fato da pessoa chegar e contar um tipo de história dessa que eu acho bem complicado. Então o fato do aluno ter confiança já é uma avaliação positiva. Ele vê que o professor respeita o sentimento dele, a vida dele, não vai exercer ali um juízo sobre ele independente do que ele está fazendo. Aí nos temos condições de orientar como estar agindo corretamente. Porque se não o aluno se perde e você nunca vai saber como ajudar com a orientação. E avalio através do trabalho que os meninos fizeram também, porque eu deixei livre a criação deles.[12] Eu disse: Vocês vão fazer uma campanha de orientação e prevenção contra a AIDS. Vocês podem usar recortes de revista, podem fazer desenho, podem colocar frases, slogam. Então eles fizeram colocando como se prevenir, colocando que deve usar a seringa descartável, colocaram o preservativo masculino e o preservativo feminino. Colocaram que é importante haver a fidelidade quando as pessoas se conhecessem, procurar se conhecer melhor e usar a camisinha em todos os relacionamentos. Então eu avaliei dessa maneira. Observando não só o comportamento deles, mas também todos os trabalhos que foram feitos.[13]

Como é que você escolhe os assuntos para trabalhar dentro da sexualidade?

Eu sempre, no começo de cada semestre, pergunto pra eles quais são os temas que eles gostariam de ver. Geralmente é namoro, família, drogas, violência, esse tipo de coisa que o adolescente vê,[14] até forma um marketing em cima disso e ele não sabe nem por que quer discutir sobre a violência. Mas eu tenho uma estrutura que é minha e eu acompanho assim uma certa lógica. Os temas que eu percebo que têm uma certa prioridade eu vou encaixando em uma estrutura que é minha. Eu dou liberdade para eles estarem colocando o que eles querem estudar pra eu encaixar com aquilo que eles realmente precisam.[15] Então geralmente eu começo com a questão da identidade. O que é importante pra ele? Como ele se situa nesse mundo? Onde ele vive? Qual é a importância dele pra ele mesmo? Como ele se definiria pra ele se conhecer? Saber o que ele é. Fugir dos rótulos e trabalhar a questão da auto-estima. Eu passo para a família, o trabalho, as relações familiares. Depois da família é que eu começo a trabalhar a questão do namoro. Aí eu começo o namoro desde outros tempos. Como é que era o namoro. O que é que é namorar. O que é o ficar. O que é paixão. Diferencio a paixão de amor. Falo de todos os sintomas da paixão. calafrios, tremores nas mãos. Passo pra eles isso aí depois eu trabalho também a amizade. Qual é a importância do amigo. O que é ser amigo. Peço pra pensarem se eles estão sendo realmente amigos. Como que um amigo não critica o outro. O amigo respeita as diferenças.[16] Ele mostra também os erros, mas ele é solidário. Então este ano eu fiz até uma campanha com eles sobre a amizade. Depois eles escolheram o amigo que eles gostam e fizeram um acróstico pro amigo. Aí eu entreguei em todas as salas. Foi muito bom. Eles gostaram tanto que todo dia eles queriam fazer. Aí depois que nós trabalhamos esses assuntos (São assuntos que demoram um pouco pra serem trabalhados.) é que nós entramos nas questões efetivamente ligadas com a sexualidade. Aí eu entrei por onde? Comecei pela puberdade. Quais são as mudanças físicas que acontecem no corpo? Tudo que acontece no corpo. Tudo que acontece de mudança psicológica. Pedi pra eles desenharem, livremente, da puberdade o que mais chama a atenção deles, o que eles relacionam quando ouvem a palavra puberdade, o que vem à mente. Eles desenharam. Fizeram um monte de desenhos

que eu guardei. Não devolvi. Foram desenhos bem interessantes. Depois da puberdade vou ver se eu lembro o que eu trabalhei?... trabalhei com eles casamento e depois de casamento nós trabalhamos a questão da violência, que foi o tema do Encontro. Municipal de Adolescentes, aqui em Uberlândia. E a última coisa que eu trabalhei com eles foi sobre DST.[17]

Porque você guardou e não devolveu o material deles?

Eu guardei porque a supervisora pediu. Ela participa do Projeto Vivência, na Prefeitura. Lá no Cemepe tem esse projeto e eles tem toda uma pesquisa e tem uma documentação sobre o material produzido em sala de aula. Então ela escolheu alguns e pediu pra eu guardar porque é material de referência pra eles. O da DST/AIDS ela fez a mesma coisa. Ela pegou alguns e depois ela me devolveu alguns. É um material de referência que eles usam pra estar sempre planejando o projeto. E também uma forma deles avaliarem, de acompanharem os projetos.

Você tinha falado que vai pra sala tratar desses assuntos com muita seriedade. Como é essa seriedade?

A seriedade eu acho que é fugir daquele lugar comum. O que é que eu chamo de lugar comum? Ontem eu vi uma cena rapidinha na novela da Globo que eu fiquei assustada, porque eram 6h da tarde. Tinha um casal transando. Assim, sexo quase explícito. Eu acho que isso vulgariza o relacionamento sexual entre as pessoas. Se torna banal. E uma coisa que envolve sentimento não é tão simples assim, é uma coisa séria. Então eu acho que levar a sério é isso, mostrar pra eles que o envolvimento sexual é uma coisa íntima que vai envolver todo o sentimento deles. Que vai envolver a afetividade. O respeito que eles têm com eles mesmos. O respeito que eles têm pela outra pessoa. Então eu chamo isso de seriedade.[18] Acho que se o rapaz transar com a moça, e não se preocupar com a própria saúde usando camisinha ele não vai preocupar com a saúde dela se ela tiver algum problema. Eu sempre mostro isso pra eles. Que eles é que têm que vir em primeiro lugar. A saúde deles é que têm que vir primeiro. O sentimento deles tem que valorizar isso, porque se não valorizarem, não levarem a si mesmos a sério, ninguém vai levar. Se eles não levarem o relacionamento que eles tiveram a sério, ninguém vai levar. Então eu não aceito piadinhas, não aceito brincadeira, não

aceito desrespeito com o colega. Os termos que são usados têm que ser corretos e dou abertura total pra eles perguntarem aquilo que eles quiserem.[19]

Nenhum tipo de piadinha?

Nenhum tipo de piadinha não sai. Um menino me perguntou assim: Professora, se um homem transar com a vaca, a vaca vai engravidar dele? Os alunos começaram a rir. Eu perguntei: Por que você está me perguntando isso? Ele falou: Porque ontem, no Ratinho, apareceu um cara que transava com uma vaca, o outro transava com uma égua. Eu levei a sério a pergunta dele[20] e fui explicando a questão das pessoas que têm tara por animais, mas que não havia nenhuma possibilidade de espécies diferentes se misturarem. Tinha que ser sempre da mesma espécie. Cachorro com cachorro, gato com gato. Raça felina tinha como. Mas espécies diferentes não se misturam. Porque aí, mesmo que começassem a achar engraçado (porque essas aberrações são coisas que realmente aparecem na televisão), eu caminho pelo lado da seriedade. Venho com a informação correta e paro por ali.[21] Não vai adiante esse tipo de coisa. É isso que eu chamo de levar a sério. Mesmo que seja uma coisa que aconteça no Ratinho. Que eu acho até que tenho que assistir mais o Ratinho. Porque eu não assisto. Não suporto aquele programa. Mas tem umas coisas que acontecem lá que depois os meninos trazem para o ambiente de aula querendo saber como é que é. E às vezes eu não sei o que aconteceu, mas eu venho com a informação.

E se acontecer de você não ter a informação?

Eu busco. Então por exemplo, tem uma aluna que me falou o seguinte: ela fez uma cirurgia renal e ela era novinha. Devia ter uns 12, 13 anos e era virgem. Só que o médico passou uma sonda pela vagina dela e ela ficou preocupada. Sou ou não sou virgem? É um tipo de informação que eu tenho que buscar na área médica. Como é que é essa sonda? De aue jeito que passa, entendeu? Então, nós que trabalhamos, com essa matéria, a gente não sabe tudo. Mas aí a gente tem que buscar, onde pesquisar.[22] Às vezes eu chego na minha supervisora e falo assim: Olha, por que tem camisinha que estoura? Ela falou assim: Por dois motivos, quando entra em contato com lubrificante à base de óleo e quando deixa entrar ar. Fora disso não estoura não. Eu sabia que não podia deixar ar no reservatório. Mas

a questão do óleo eu não sabia. Então é informação técnica que a gente precisa. Quando eu fui trabalhar com preservativo, eu fui na farmácia perguntar pro atendente. Eu falei: escuta eu quero saber sobre o tamanho das camisinhas. Se serve para todo tamanho de pênis. Daí ele me explicou que é pra pênis de 10 a 20 cm, que é ideal pra adolescente já que a camisinha pra adolescente não se encontra facilmente no mercado. Então tem que haver uma pesquisa. Tem informações que são bem técnicas que a gente tem que buscar.[23]

Quando acontece de você explicar e o aluno não entender. Como é que você lida com isso?

Tem que buscar uma alternativa de explicar até ele entender. Nunca aconteceu. Sempre eu explico de maneiras diferentes. Tem a parte de texto, tem os debates em sala de aula que são importantes porque aí o aluno vai se colocar. Sempre eu passo um vídeo informativo sobre o assunto. Então se ele não pegou no debate, se ele não pegou no texto, ele vai ver no vídeo, ele vai entender. E muitas vezes ainda eles me perguntaram ou por escrito, ou oralmente. A maioria pergunta oralmente e eu levo essa informação. Tem algumas pessoas que até me procuram em separado depois, e eu digo. Se tem alguém que saiu sem entender alguma coisa não é do meu conhecimento.[24]

Quais os cuidados que você acha que o professor deve ter para lidar com essa matéria?

Acho que primeiro, a gente tem que respeitar as famílias, porque cada família dá uma orientação diferente pros seus filhos. Então a gente precisa conhecer a realidade da orientação dessa família.[25] Então por isso que é importante o trabalho que eu fiz, no primeiro semestre, de estar conhecendo os alunos, deixar eles falarem sobre eles mesmos. É só uma aula por semana. O tempo é pouco pra conhecer como são orientados os meninos. Depois a gente tem que ter um cuidado constante de não estar dando a opinião da gente. Tem que estar jogando pra eles. Tem que perguntar. O que você acha que deveria fazer? E o cuidado que a gente tem que ter também é não entrar em conflito com as informações da professora de Ciências, com a professora de Orientação Sexual. Tem que falar uma linguagem única. Se um trabalhar o assunto o outro não trabalha. Ou então trabalha, mas em

viés diferente.[26] Porque a professora de Ciências na 5ª série trabalhou a puberdade só que ela não trabalhou os relacionamentos que começam a surgir com essas mudanças que acontecem na puberdade, que era a parte que eles tinham curiosidade maior. Como é que rola o namoro? Como é que começa a paquera? Pode ou não pode passar a mão no seio da menina? E se demorar mais a nascer os pêlos? Por que tem menina que demora mais a nascer o seio? Porque tem menino que o pênis demora a crescer? Isso na aula de Ciências eles não puderam perguntar e na minha aula eles perguntaram. Então assim foi o mesmo assunto mas com um viés diferente. Tem que ter respeito com o professor de Ciências ou até existir um acordo entre nós. Tem que estar trabalhando juntos pra não repetir as mesmas coisas. Às vezes até se tornar cansativo. Tem que ter respeito por aquilo que o aluno acredita, por aquilo que a família dele passa pra ele, mas esse respeito não impede que a gente levante questionamentos e venha com a informação correta pra eles.[27]

Quais são as facilidades e as dificuldades de trabalhar com esse assunto na escola?

O que facilita é o interesse dos alunos. facilita bastante, porque eles têm muito interesse, vontade de participar. Este ano também facilitou muito a supervisão, porque a supervisora é uma pessoa integrada. Ela participa de um projeto nessa área. Tem muito interesse, tem material, está sempre disposta a ajudar. Esta agindo como suporte. Ela nunca foi pra sala de aula comigo, mas ela sempre acompanhou todas as aulas. Agora o que dificulta? O que eu acho que dificulta talvez seja o tempo das aulas. É muito pouco, só uma aula. Acho que é até um entrave. Eu acho que também tem o fato da escola ter só um vídeo cassete também é difícil, porque até que a gente consegue marcar um horário demora pra passar pra salas o vídeo sobre o assunto. De uma maneira geral, eu vejo o trabalho como uma forma positiva.

E em relação à indisciplina?

A indisciplina é uma questão muito difícil. As 5ªs séries são mais difíceis. Os meninos são muito instáveis. As salas que são mais difíceis são as 5ªs, no horário próximo ao recreio. Eles ficam muito agitados, ansiosos pelo recreio e aí fica

difícil. Existe uma curiosidade muito grande por parte deles. Agora, como lidar com a indisciplina? Eu procuro sempre conversar com eles com mansidão, trazendo pra eles a questão da responsabilidade, com ter respeito com o colega, respeitar o professor. A forma pela qual eu sei lidar com a questão da indisciplina é sempre mostrando pra eles a necessidade de estar respeitando o ambiente em que ele está, respeitando o colega, respeitando o professor.[28]

